

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOANA D'ARC ARAÚJO SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 09/06/2022.



ENSINO RELIGIOSO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR:
CONTEÚDOS INTERCULTURAIS E INTERDISCIPLINARES


VITÓRIA-ES

2022

JOANA D'ARC ARAÚJO SILVA

ENSINO RELIGIOSO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR:
CONTEÚDOS INTERCULTURAIS E INTERDISCIPLINARES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 09/06/2022.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Ensino Religioso Escolar.

Orientadora: Claudete Beise Ulrich

VITÓRIA – ES

2022

Silva, Joana D'Arc Araújo

Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular, conteúdos interculturais e interdisciplinares / Joana D'Arc Araújo Silva. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022.

ix, 81 f. ; 31 cm.

Orientador: Claudete Beise Ulrich

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2022.

Referências bibliográficas: f. 76-81

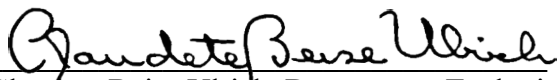
1. Ciência da religião. 2. Ensino religioso escolar. 3. Ensino religioso. 4. Educação intercultural. 5. componente curricular. 6. Base Nacional Comum Curricular. 7. Educação Básica. -Tese. I. Joana D'Arc Araújo Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2022. III. Título.

JOANA D'ARC ARAÚJO SILVA

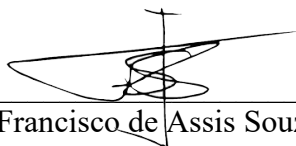
ENSINO RELIGIOSO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR:
CONTEÚDOS INTERCULTURAIS E INTERDISCIPLINARES

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Ensino Religioso Escolar.


Data: 09 jun. 2022.



Claudete Beise Ulrich, Doutora em Teologia, UNIDA (presidente).



Francisco de Assis Souza dos Santos, Doutor em Teologia, UNIDA.



Alvorí Ahlert, Doutor em Teologia, UNIOESTE.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por ter me sustentado nas horas de desânimo e cansaço, renovando minhas forças e coragem para trilhar o caminho, por tudo que tem feito por mim e pelas pessoas que eu amo e por mais que tente, jamais conseguirei retribuir tantas bênçãos.

Agradeço a minha família pelo amor e carinho incondicionais, de modo especial a minha mãe (Terezinha Araújo Silva) e o meu esposo (Geraldo Caetano de Souza) que, pacientemente, permaneceram ao meu lado, estimulando-me a ir mais além.

Agradeço às pessoas que me ajudaram neste percurso, e que não foram poucas, cuja paciência, disposição, humildade, prontidão, ânimo, otimismo e discernimento contribuíram para minha vitória nessa longa caminhada.

À minha Orientadora, Professora Doutora Claudete Beise Ulrich, a qual, mesmo distante, sempre ofereceu apoio, incentivo e força com seu olhar calmo, singelo e tranquilo, acompanhado por falas precisar e pontuais.

Post scriptum: quero deixar também registrado meu agradecimento ao Coordenador Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro que na mensagem de boas-vindas reforçou que “... para chegar mais rápido ao porto seria importante acostumar com o novo, de preferência com o canudo, sem ficar reclamando dos mareados do balanço do mar, incentivando-nos a seguir o fluxo do rio, porque tudo estava "safo"”. Agradecer aos Professor Doutor Graham Gerald McGeoch e Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos, que nas orientações da qualificação apresentaram vários caminhos para serem trilhados na elaboração da dissertação e na defesa da tese. O incentivo permitiu ter novos olhares para valorizar o Componente Curricular Ensino Religioso e ater-se a uma escrita que prazerosa para a mim, sendo valorizada pelo leitor/professor(a) enquanto mudança de postura.

E, claro, agradeço a Professora Doutora Elisa Rodrigues, que já no apagar das luzes, recomendada pela Professora Doutora Claudete Beise Ulrich, do Departamento de Ciência da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora) /Coordenadora do Grupo de Estudos Religião, Educação e Gênero (REDUGE), indicou referências bibliográficas pontuais para complementar as informações do tema em questão. O que de fato incentivando-me a persistir no estudo, acalentando minha alma de pesquisadora/pedagoga sobre os escritos desenvolvidos sobre o Componente Curricular Ensino Religioso e as suas Inter-relações na Educação Básica, a partir da base nacional comum curricular.



“O pessimista vê dificuldade em cada oportunidade; o otimista vê oportunidade em cada dificuldade”.

Winston Churchill.

RESUMO

A partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o componente curricular Ensino Religioso está organizado como uma área do conhecimento que possui objetivos, competências e habilidades que precisam ser concretizadas durante o processo formativo dos alunos. Neste contexto, o presente estudo apresenta como problema de pesquisa: Quais temas devem ser abordados na construção de um currículo escolar que trabalhe o fenômeno religioso num espectro intercultural, respeitando a diversidade religiosa na formação de professores/as do componente curricular Ensino Religioso? Para tentar solucionar esta problemática, o estudo teve como objetivo identificar os fatores que contribuem para a formação de currículos escolares de Ensino Religioso de qualidade, sistematizando e discutindo os princípios-chave de uma abordagem mais eficiente da matéria em salas de aula, por meio da capacitação dos profissionais do magistério. Este estudo foi realizado através de uma revisão integrativa, seguindo as cinco etapas descritas por Bellucci Júnior e Matsuda para este tipo de revisão: identificação do tema através da pergunta norteadora da revisão; busca na literatura; categorização dos estudos; avaliação dos estudos; interpretação dos resultados e síntese do conhecimento. Como base de dados foram utilizados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Google Acadêmico* e livros didáticos. Foram sugeridos conteúdos curriculares para serem utilizados em turmas de alunos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, tendo como referência os critérios de organização das habilidades do componente Curricular Ensino Religioso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que incluem a abordagem educacional e científica de conhecimentos religiosos a partir de uma ótica ética e científica, sem privilégio de nenhuma crença. Concluiu-se com o estudo, que são necessários que todos os esforços sejam empreendidos para que mais pessoas acessem e compreendam os conteúdos abordados no componente curricular ER, bem como a importância de se trabalhar as unidades temáticas e os objetos de conhecimentos sugeridos pela BNCC.

Palavras chave: Religiões. Ensino Religioso. Escola. Ciências das Religiões. Educação intercultural.

ABSTRACT

Based on the National Common Curriculum Base (BNCC), the Religious Education curricular component is organized as an area of knowledge that has objectives, competences and skills that need to be implemented during the students development process. In this context, the present study presents as a research problem: What theme should be addressed in the construction of a school curriculum that works with the religious phenomenon in an intercultural spectrum, respecting religious diversity in the shaping of teachers of the Religious Teaching curricular component? To try to solve this problem, the study aimed to identify the factors that contribute to the formation of quality Religious Education school curricula, systematizing and discussing the principles of a more efficient approach to the subject in classrooms, through the shaping of teaching professionals. This study was carried out through an integrative review, following the five steps described by Bellucci Júnior and Matsuda for this type of review: identification of the theme through the guiding question of the review; literature search; categorization of studies; evaluation of studies; interpretation of results and synthesis of knowledge. As a database, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar and textbooks were used. Curricular contents were suggested to be used in classes of students from the 6th to the 9th of Elementary School, having as a reference the criteria for organizing the skills of the Curriculum Religious Education component of the National Common Curricular Base (BNCC), which include the educational and scientific approach of religious knowledge from an ethical and scientific point of view, without the privilege of any belief. It was concluded with the study that it is necessary that all efforts are made so that more people access and understand the contents covered in the RE curricular component, as well as the importance of working the thematic units and the objects of knowledge suggested by the BNCC.

Keywords: Religions. Religious education. School. Sciences of Religions. Intercultural education.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
1 RELIGIÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO – UMA DISCUSSÃO	13
1.1 Religião e o ser humano na busca por sentido: o papel da religião na vida das pessoas....	13
1.2 Respeito às Diversidades	17
1.3 Busca pelo Sagrado em diferentes formas de religiosidade	19
2 ENSINO RELIGIOSO – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS	28
2.1 Contextualizações do Ensino Religioso no Brasil e fatos relevantes	33
2.2 Normatizações pertinentes pressupostos e lacunas	36
2.3 Desafios e perspectivas relacionados à formação de professores/as	40
3 ENSINO RELIGIOSO COMO COMPONENTE CURRICULAR A PARTIR DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC.....	45
3.1 Breve conceito da BNCC e sua importância no estudo do Ensino Religioso	45
3.2 Conteúdos Curriculares	49
3.2.1 Organizações religiosas	55
3.2.2 Lugares sagrados	55
3.2.3 Textos sagrados	59
3.2.4 Universo simbólico religioso.....	61
3.2.5 Temporalidade sagrada.....	65
3.2.6 Festas religiosas.....	65
3.2.7 Ritos.....	66
3.2.8 Vida e morte	67
3.3 Diversidade religiosa	68
CONCLUSÃO.....	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	82

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1 – Importância da religião em alguns países, segundo adultos mais jovens.	15
Figura 2 – Bíblia Sagada Cristã.....	59
Figura 3 – Manuscrito da Bíblia Hebraica.....	60
Figura 4 - Hieróglifos do antigo Egito.....	62

QUADROS

Quadro 1. As religiões do mundo.....	22
Quadro 2. Fases do Ensino Religioso na educação do Brasil.....	30
Quadro 3. Apresentação do ER baseado nas Constituições do Brasil.....	38
Quadro 4 – Princípios orientadores para construção da Base Nacional Comum Curricular....	46
Quadro 5 – Competências específicas do Ensino Religioso para o ensino fundamental	50
Quadro 6 – dez lugares sagrados mais importantes do mundo.....	56
Quadro 7 – Símbolos religiosos e suas origens.	62

INTRODUÇÃO

O estudo do fenômeno religioso ainda não desenvolveu um ramo didático, embora seu campo esteja se tornando cada vez mais importante nas escolas e em outras partes da sociedade, contrastando assim com a didática das teologias estabelecidas.¹ Independentemente de se acreditar pessoalmente nos valores, crenças e doutrinas fundamentais que certas religiões apresentam, não é preciso ir muito longe para reconhecer a importância que a religião tem em uma variedade de aspectos sociais ao redor do mundo. As atividades e ideais religiosos são encontrados em plataformas políticas, modelos de negócios e leis constitucionais, e historicamente produziram justificativas para inúmeras guerras.²

Algumas pessoas aderem às mensagens de um texto religioso totalmente, enquanto outros escolhem os aspectos de uma religião que melhor atendem às suas necessidades pessoais. Em outras palavras, a religião está presente em vários domínios socialmente significativos e pode ser expressa de diferentes níveis de compromisso e fervor.³

Considerando que o mundo está em desenvolvimento e o ser humano está em constante aprendizagem, as respostas para inquietações e ausências de informação precisam ser pesquisadas. Neste contexto surge à importância da formação continuada para o profissional da educação que exerce a função de educar cuja necessidade se fundamenta na aquisição de conhecimentos, troca de informações, construção de novos saberes, dentre outros aspectos.

Neste contexto, a presente pesquisa busca estudar como o currículo escolar do Ensino Religioso poderá ser construído de forma a respeitar a pluralidade religiosa existente.

Para tanto, o presente estudo tem a seguinte pergunta problema: Quais temas devem ser abordados na construção de um currículo escolar que trabalhe o fenômeno religioso num espectro intercultural, respeitando a diversidade religiosa na formação de professores/as do componente curricular Ensino Religioso?

Para se solucionar a pergunta problema, este estudo teve como objetivo geral identificar quais os fatores que contribuem para currículos de Ensino Religioso (ER) escolar de qualidade. Para se alcançar o objetivo geral se terá como objetivo específico sistematizar e discutir os princípios-chave de uma abordagem de estudo para o ER nas escolas. Isso claro, mediante a

¹ ALBERTS, Wanda. Didática do Estudo das Religiões. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 55, n. 2, p. 300-334, 2008. p. 300-334.

² SILVA, Eliana M. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista Rever*, São Paulo, n. 2, p. 1-14, 2004. p. 12.

³ SEED/PR - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. *Ensino religioso: diversidade cultural e religiosa*. Curitiba: SEED, 2013. p. 309.

capacitação dos professores para que esses estejam alinhados com o disposto no currículo da Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

A metodologia utilizada foi uma revisão integrativa, seguindo as cinco etapas descritas por Bellucci Júnior e Matsuda para este tipo de revisão, a saber: identificação do tema através da pergunta norteadora da revisão; busca na literatura; categorização dos estudos; avaliação dos estudos; interpretação dos resultados e síntese do conhecimento.⁴

Esta revisão integrativa foi realizada com busca de publicações de 2004 a 2020, sendo considerados os artigos científicos referentes ao estudo do Ensino Religioso encontrados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Google Acadêmico* e livros didáticos.

O presente trabalho se justifica no fato de que as discussões envolvidas sobre a construção de um currículo do ER que respeite a pluralidade religiosa se faz muito presente. Idealmente, o Ensino Religioso pode oferecer uma abordagem de estrutura imparcial e intercultural para o estudo de diferentes religiões também nas escolas, ou pelo menos tentar aplicar uma abordagem imparcial e discutir abertamente os problemas relacionados a esta tarefa. Além disso, a competência analítica e discursiva do estudo das religiões com respeito a campos como religião, pluralidade religiosa, visões de mundo e valores são necessários também fora das universidades. Pode servir para fazer distinções básicas, por exemplo, entre abordagens religiosas e seculares da diversidade religiosa, e ajuda a lidar com sensibilidade, questões de representação, bem como pressuposições e agendas por trás de diferentes abordagens da religião.

Ademais, para atuar na educação exige-se muito interesse e dedicação. Aliado a estes desafios, o profissional tem que estar constantemente investindo na formação continuada e mesmo assim os currículos propostos em diferenciados cursos de graduação e/ou especialização estão defasados e/ou não contemplam todas as necessidades vivenciadas nos ambientes escolares. A pedagoga/pesquisadora ao perceber a complexidade de saber dialogar sobre assuntos relacionados à área das Ciências das Religiões e os Componentes Curriculares do Ensino Religioso, e percebendo que esta também é uma dificuldade de várias pessoas do seu entorno, foi motivada a realizar estudos, dedicando-se a construir um construto de informações para que o leigos/profissionais da educação/professor possa ler/se orientar para compreender que os assuntos relacionados à área das Ciências das Religiões e os Componentes Curriculares Ensino Religioso, podem e devem ser amplamente discutidos, socializados para que mais e

⁴ BELLUCCI JUNIOR, José A.; MATSUDA, Laura M. O enfermeiro no gerenciamento à qualidade em serviço hospitalar de emergência: revisão integrativa da literatura. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 797-806, 2011. p. 798.

mais pessoas possam perceber a diversidade e a pluralidade religiosa está presente em todos os espaços sociais e deve ser valorizada.

Todo este construto se faz necessário para a pesquisadora/pedagoga deste estudo e o leitor absorverem informações e participar de discussões referentes ao que diz respeito ao Ensino Religioso. Privilegia-se aqui a busca pelo aperfeiçoamento profissional na ânsia de disponibilizar informações para ampliar conhecimentos e melhorar a prática, para atuar como agente de transformação, valorizando a área de estudo que com êxito, apropria-se desta linguagem: Ciências das Religiões.

Com a realização de presente pesquisa pretende se contribuir com os professores de Ensino Religioso, com a demonstração de que estabelecido pela BNCC, o ER deve ser aplicado nas escolas brasileiras mediante uma pesquisa científica aprofundada associada a princípios mediadores, tudo com o propósito de desenvolver melhor as competências específicas do componente curricular Ensino Religioso, expostas pela BNCC. O que, certamente, só pode ser concretizado mediante a excelência da didática dos professores, reforçando, assim, a necessidade de esses estarem alinhados ao currículo estabelecido pela BNCC.

Por meio da grade curricular indicada pela BNCC, aplicada dentro do contexto de sala de aula, é possível, e espera-se demonstrar, no presente trabalho, que o(a) aluno(a) será capaz de construir um conhecimento regular e culturalmente diversificado sobre religiões, que criará, em sua mente e contexto social, um ambiente de respeito às alteridades.

O presente trabalho será desenvolvido, em um primeiro momento, com uma discussão em relação à religião no mundo contemporâneo dentre as diversidades ideológicas.

Em um segundo momento a abordagem foi em relação às perspectivas históricas do Ensino Religioso no Brasil e os fatos mais relevantes. Uma discussão em relação à legislação e diretrizes curriculares do Ensino Religioso nos estabelecimentos de ensino também foi abordada no segundo momento e em um terceiro e último momento foi abordado a ressignificação de modelos de Planos de Aula para serem utilizados em turma do 6º ao 9º Ano de Escolaridade do Ensino Fundamental, tendo como referência os critérios de organização das habilidades do componente Curricular Ensino Religioso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Premissa que referendou a valorização do Componente Curricular realizando a interdisciplinaridade com outros componentes curriculares tendo como referência o olhar voltado para a área de Ciências das Religiões.

1 RELIGIÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO – UMA DISCUSSÃO

A religião é uma força poderosa e controversa no mundo contemporâneo, mesmo em sociedades supostamente seculares. Quase todas as sociedades procuram cultivar religiões e comunidades de fé como fontes de estabilidade social e motores do progresso social.

A religião inclui não apenas religiões tradicionais e organizadas como o cristianismo, judaísmo, islamismo, hinduísmo e budismo, mas também crenças religiosas que são novas, incomuns, não fazem parte de uma igreja ou seita formal, inscritas apenas por um pequeno número de pessoas, ou que pareçam ilógicos ou irracionais para os outros.

Este capítulo busca examinar as complexas realidades da crença religiosa, prática e instituições. Três aspectos serão abordados: o aumento da diferenciação organizacional; a crescente diversidade religiosa e a maior religiosidade subjetivada.

1.1 Religião e o ser humano na busca por sentido: o papel da religião na vida das pessoas

A *religião*⁵ pode ser uma parte central da identidade de uma pessoa. A palavra religião vem de uma palavra latina que significa “amarrar ou unir”. Pertencer a uma religião muitas vezes significa mais do que compartilhar suas crenças e participar de seus rituais; significa também fazer parte de uma comunidade e, às vezes, de uma cultura.⁶

A religião é um sistema de crença em um poder superior e invisível junto com certos direitos de adoração. É a metafísica das massas. Envolve respeito à autoridade, portanto, pertencer a um grupo religioso significa seguir suas crenças e práticas.

Hoje a religião assumiu uma forma muito institucionalizada. Sua origem sempre foi debatida e discutida por diversos estudiosos. Em termos sociológicos, ‘a religião é um sistema de crenças e práticas sagradas tanto na forma tangível quanto na intangível’. A religião pode cumprir o duplo papel de ideologia e também de instituição. Hoje, a religião assumiu uma abordagem mais tacanha.⁷

⁵ O termo *religião* será utilizado na pesquisa sob a égide do pensamento de Clifford Geertz, que a define como um sistema de símbolos que opera para estabelecer poderoso, penetrante bem como modos de longa duração e motivações nas pessoas, através de concepções de ordem geral da existência e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que os humores e as motivações parecem singularmente realistas. Saiba mais em: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 67.

⁶ SILVA, 2004, p. 9-14.

⁷ MACHADO, Gilmar de Cássia. *O comportamento informacional de líderes religiosos em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 187 fls. 2019, p. 113.

A religião ajuda a criar uma estrutura ética e um regulador de valores na vida cotidiana. Esta abordagem particular ajuda na construção do caráter de uma pessoa. Em outras palavras, a religião atua como um agente de socialização. Assim, ela ajuda na construção de valores como amor, empatia, respeito e harmonia.

As pessoas estão sempre em busca de cumprir as metas econômicas e materiais do mundo de hoje e a religião desempenha um papel crucial em estabelecer conexão com o divino e desenvolver a crença de que existe uma energia suprema que atua como regulador na vida cotidiana. Assim, os componentes da oração, cantos, hinos, dentre outros criam o vínculo espiritual.

As crenças religiosas incluem crenças teístas, bem como “crenças morais ou éticas não teístas sobre o que é certo e errado que são sinceramente defendidas com a força de pontos de vista religiosos tradicionais”. A religião normalmente diz respeito a ideias fundamentais sobre vida, propósito e morte.⁸

A modernidade desafiou o papel da religião na sociedade contemporânea e gerou uma crise no significado religioso. As teorias sociológicas da religião tipicamente pressupõem uma ordem normativa baseada na religião e, por essa razão, sua adequação em uma sociedade moderna e secular é questionável.⁹

Um dos papéis cruciais desempenhados pela religião está relacionado à identidade cultural. Cada religião tem festivais, tradições, mitologias que fazem parte do patrimônio tangível e imaterial do país. Assim, a religião contribui no sentido de resguardar esse patrimônio e torná-lo à diversidade do país.

Sob muitos aspectos, a cultura moderna é sofisticada e elevada, contendo uma grande variedade de preciosos *insights* e pontos fortes antropológicos, com uma surpreendente adaptabilidade e abertura para absorver, esclarecer e unir.¹⁰

As religiões do mundo são semelhantes em muitos aspectos e estas semelhanças se referem como “semelhanças de família”. Algumas religiões incluem rituais e dias sagrados e locais de reunião. Neste caso, cada religião dá a seus seguidores instruções sobre como os seres humanos devem agir uns com os outros. Além disso, três das religiões do mundo – judaísmo,

⁸ EEOC - Equal Employment Opportunity Commission. *Manual de Conformidade sobre Discriminação Religiosa*. [Site institucional]. 15 jan. 2021. [n.p.]. [online]. [n.p.].

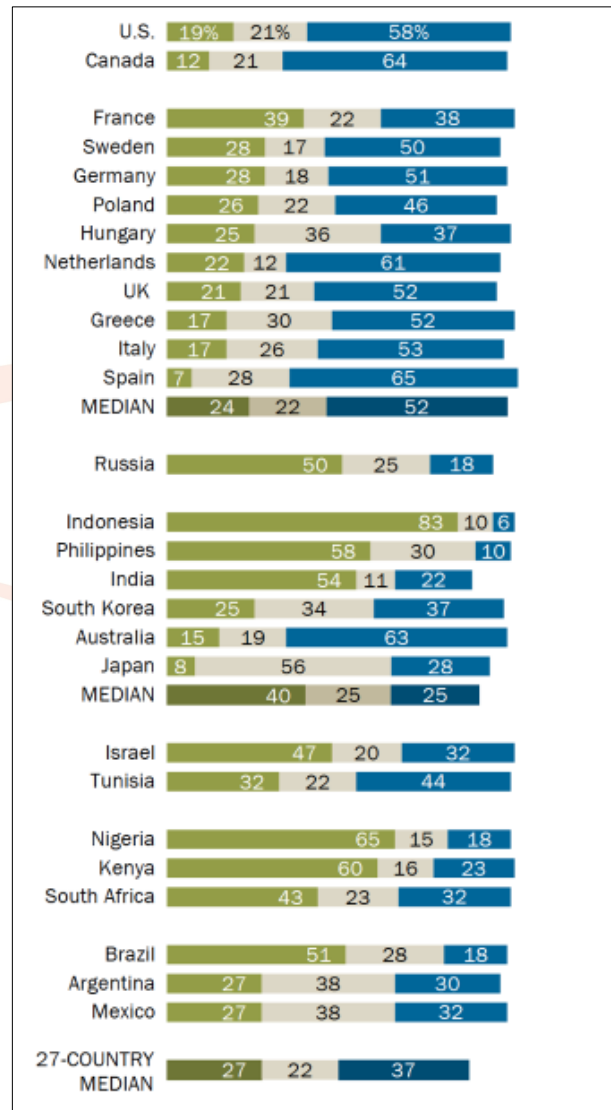
⁹ RANQUETAT JÚNIOR, César A. *Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. p. 16.

¹⁰ BERNARDI, Clacir J.; CASTILHO, Maria A. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. *Revista Interações*, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016. p. 752.

cristianismo e islamismo – compartilham uma origem comum: todas as três remontam a sua origem à figura bíblica de Abraão.¹¹

Estudos recentes documentam que os adultos mais jovens são menos religiosos do que as gerações mais velhas e que o perfil religioso global muda à medida que a população cresce (figura 1).¹²

Figura 1 – Importância da religião em alguns países, segundo adultos mais jovens.



Legenda: ■ mais ■ nenhuma mudança ■ menos

Globalmente, aqueles que dizem que a religião é *muito* importante em suas vidas são especialmente a favor de um papel importante para a religião na sociedade. Na Austrália, por

¹¹ PROTHERO, Stephen. *As grandes religiões do mundo*. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2010. p. 29-32.

¹² POUHTER, Jacob; FETTEROLF, Janell. *Como as pessoas ao redor do mundo veem o papel da religião em seus países*. [Site institucional]. 22 abr. 2019. [n.p.]. [online]. [n.p.].

exemplo, 69% daqueles que dizem que a religião é muito importante preferem um papel mais amplo da religião na sociedade, em comparação com apenas 25% entre aqueles que dizem que a religião é menos importante em suas vidas.¹³

Um novo estudo do *Pew Research Center* sobre as maneiras pelas quais a religião influencia a vida diária das pessoas descobriu que estas pessoas que são altamente religiosas estão mais engajadas com suas famílias, mais propensas a se voluntariar, mais envolvidas em suas comunidades e geralmente mais felizes com a maneira como as coisas estão indo na vida deles.¹⁴

No ano de 2002, após os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, o então Prefeito da cidade de Amsterdã, Job Cohen, declarado judeu não praticante, em um discurso, pediu às pessoas que não subestimassem o papel obrigatório da religião de dar mais atenção a ele no domínio público. Ele disse:

Por muito tempo, o governo deste país (Holanda, S.M.) não prestou atenção ao papel da religião: a separação da igreja e estado é merecidamente bem pensado conosco. Mas a questão é se o governo, embora em conformidade com a doutrina dessa separação, não deveria ser um juiz melhor do papel da religião, apenas porque ela desempenha um papel tão importante como agente de ligação. Se quisermos manter o diálogo entre uns e outros, então também precisamos levar em consideração às religiões e a infraestrutura. Sem mesquitas, templos, igrejas e sinagogas não terão sucesso.¹⁵

Paul Cliteur, professor de direito da Universidade de Leiden em posição totalmente oposta em reação aos eventos de “11 de setembro” foi proclamado publicamente na Holanda por seu apelo pela estrita separação entre igreja e estado, conforme prática já utilizada na França: o sistema de laïcité.¹⁶ Ele era contra as atividades religiosas nas escolas.

Tais atividades deveriam, em sua opinião, apenas ser toleradas na esfera privada assim como álcool e drogas. Estas não são escolhas certas, de acordo com ele, mas todos devem ter uma margem para suas próprias escolhas livres. O que ele chamou de visão secularista de “humanismo ecumênico” deve ser propagado com apoio governamental nas escolas e com moral educação em que a separação da religião deve ser enfatizada.¹⁷

¹³ POUSHTER; FETTEROLF 2019. [n.p.].

¹⁴ PEW RESEARCH CENTER. *Religião na vida cotidiana*. [Site institucional]. 12 abr. 2016. [n.p.]. [online]. [n.p.].

¹⁵ MIEDEMA, Siebren. “Coming out religiously!” Religion, public sphere and formation of religious identity. *Journal Official Religion Education Association*, [s.l.], v. 109, n. 4, p. 362-377, 2014a. p. 364.

¹⁶ Sistema de laïcité - A palavra «laicidade» aparece em França nos anos 1880, ao tempo dos debates sobre a laicização do ensino público. Saiba mais em: ZUBER, Valentine. A laicidade republicana em França ou os paradoxos de um processo histórico de laicização (séculos XVIII-XXI). [Site institucional]. 2010 [n.p.]. [online]. [n.p.].

¹⁷ MIEDEMA, 2014a, p. 364.

Estima-se que apenas 16% do mundo se considera “não religiosos”. Há duas coisas que todas as religiões consideram verdadeiras: A humanidade é separada de Deus; A humanidade precisa se reconciliar com Deus. As diferenças vêm em como essa reconciliação é adquirida. Muitas religiões se concentram em regras e rituais. Quando essas regras são seguidas ou os rituais são realizados, a pessoa está tentando se acertar com Deus ou obtiver seu favor.¹⁸

A crença religiosa pode ajudar a aumentar a confiança ideológica em uma visão de mundo coerente, enquanto duvidar da visão de mundo de alguém é frequentemente associado a um sofrimento maior. Isso poderia explicar por que o compromisso religioso tem um impacto diferente no bem-estar de religiosos e incertos.¹⁹

Ter um compromisso religioso aumenta a coerência de vida para indivíduos religiosos, aumentando por sua vez a avaliação da satisfação com a vida. A coerência que eles veem em sua vida os ajuda a ficarem satisfeitos com sua vida. Em vez disso, esse aumento de satisfação com a vida não ocorre para indivíduos incertos, pois, para eles, ter um compromisso religioso não é totalmente coerente com sua visão de vida.²⁰

Em 2002, Fiala, em seu artigo sobre o apoio social positivo que os membros da igreja recebem, descobriu que o apoio religioso pode fornecer recursos únicos para pessoas de fé, acima e além daqueles fornecidos pelo apoio social.

Esses três subgrupos distintos de apoio religioso foram identificados como apoio da congregação, da liderança da igreja e de Deus. Todas as três categorias diminuíram a depressão e aumentaram a satisfação com a vida.²¹ A religião pode preencher a necessidade humana de encontrar significado, poupando-a da angústia existencial e ao mesmo tempo apoiando a organização social. Na seguinte seção, reflete-se sobre a necessidade da reflexão sobre a construção da cultura do respeito às diversidades.

1.2 Respeito às Diversidades

A forma como as pessoas se concentra nas ideologias de diversidade – crenças ou práticas organizacionais com relação a como abordar a diversidade – afetam as autopercepções e experiências de trabalho das minorias raciais e das mulheres.

¹⁸ COUTINHO, José Maria M. C. P. *Modernidade, religiosidade e universidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011. p. 54-73.

¹⁹ GALEN, Luke W.; KLOET, James D. Bem-estar mental no religioso e no não religioso: evidências para uma relação curvilínea. *Revista Saúde Mental, Religião e Cultura*, [s.l.], v. 14, n. 7, p. 673-689, 2011. p. 677.

²⁰ KRAUSE, Neal. Dúvida religiosa, ajudar os outros e bem-estar psicológico. *Journal Relig. Health*, [s.l.], n. 54, p. 745-758, 2015. p. 745-758.

²¹ RICAFORTE, Micaela. *Por que as pessoas de fé vivem mais?* [Site institucional]. 2020 [n.p.]. [online]. [n.p.].

Frequentemente, a maneira como os indivíduos se relacionam e praticam uma religião muda ao longo de suas vidas. Há uma diversidade incrível dentro de cada religião em termos de como os membros definem suas conexões com ela. Para alguns, as crenças teológicas e os rituais de adoração de uma religião são centrais em suas vidas. Outros são mais atraídos pela comunidade e cultura de uma religião do que por suas crenças e rituais.²²

Enquanto algumas pessoas pensam na religião como algo individual (porque as crenças religiosas podem ser altamente pessoais), para os sociólogos a religião também é uma instituição social. Os cientistas sociais reconhecem que a religião existe como um conjunto organizado e integrado de crenças, comportamentos e normas centradas nas necessidades e valores sociais básicos.²³

Além disso, a religião é um universo cultural encontrado em todos os grupos sociais. Por exemplo, em todas as culturas, os ritos fúnebres são praticados de alguma forma, embora esses costumes variem entre as culturas e dentro das filiações religiosas. Apesar das diferenças, existem elementos comuns em uma cerimônia que marca a morte de uma pessoa, como o anúncio da morte, os cuidados com o falecido, a disposição e a cerimônia ou ritual. Esses universais e as diferenças em como as sociedades e os indivíduos vivenciam a religião, fornece rico material para o estudo sociológico.²⁴

Muitos até se sentem parte da cultura de uma religião, mas optam por não participar de seus rituais. Algumas pessoas se sentem livres para escolher uma religião para si mesma ou para rejeitar a religião inteiramente como parte de sua identidade. Outros acham que nasceram e foram criados em uma religião específica e não querem ou são incapazes de mudá-la.²⁵

Alguns governos concedem privilégios a uma religião e não a outras, enquanto outros governos protegem a liberdade dos cidadãos de seguir qualquer religião sem privilégio ou penalidade. Segundo Felipe Kachan, “a liberdade religiosa é garantida pela Constituição de 1988 e está descrita no artigo 5º, que possui 77 incisos sobre os direitos fundamentais garantidos aos cidadãos”.²⁶

²² FLEURI, Reinaldo M. *Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver*. Blumenau: Edifurb, 2013. p. 199.

²³ RANQUETAT JÚNIOR, 2012. p. 69.

²⁴ SOUZA, Christiane P.; SOUZA, Airle M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 35, p. 1-7, 2019. p. 6.

²⁵ SILVA, 2004, p. 14.

²⁶ KACHAN, Felipe; CARVALHO, Talita; FIGUEIREDO, Danniell. Liberdade Religiosa: o que diz a Constituição? In: POLITIZE [Site institucional]. 18 jun. 2019. [n.p.]. [online]. [n.p.].

1.3 Busca pelo Sagrado em diferentes formas de religiosidade²⁷

Embora o conceito de sagrado tenha sido atacado por ser muito teológica, a sacralidade como um fator ou um conjunto de fatores no comportamento cultural e na forma como os humanos se apropriam de seus mundos é muito importante para simplesmente descartar ou ignorar.²⁸

Para iniciar este assunto, será feita uma citação do capítulo introdutório de Mircea Eliade em seu livro “O Sagrado e o Profano”:

O sagrado sempre se manifesta como uma realidade de uma ordem totalmente diferente das realidades ‘naturais’. É verdade que a linguagem expressa ingenuamente o *tremendum*, ou as *majestas*, ou o *mysterium fascinans*, por termos emprestados do mundo da natureza ou da vida mental secular do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve precisamente à incapacidade humana de expressar o *ganz andere*; tudo o que vai além da experiência natural do homem, a linguagem é reduzida a sugerir por termos extraídos dessa experiência. [...] Propomos apresentar o fenômeno do sagrado em toda a sua complexidade, e não apenas na medida em que é irracional. O que nos interessará não é a relação entre os elementos racionais e não racionais da religião, mas o sagrado em sua totalidade. A primeira definição possível do sagrado é que ele é o oposto do profano.²⁹

Crucial para a compreensão do livro de Eliade³⁰ são três categorias: o Sagrado (que é um referente transcendente como os deuses, Deus ou Nirvana), hierofania (que é a passagem do sagrado para a experiência humana, ou seja, uma revelação) e *homo religiosus* (o ser por excelência preparado para apreciar tal avanço).

Ao expandir e expor as dimensões fenomenológicas do Sagrado, Eliade aponta que o Sagrado aparece na experiência humana como um ponto crucial de orientação ao mesmo tempo em que dá acesso à realidade ontológica que lhe dá origem e da qual o *homo religiosus* tem sede. Segundo Eliade, o *homo religiosus* tem sede de ser.

Em termos de espaço, o Sagrado delinea a demarcação entre sagrado e profano e, assim, localiza o *axis mundi* como centro. Assim, templos e tendas, lares elareiras tornam-se sacralizados para o *homo religiosus*.

²⁷ No intuito de discriminar os conceitos, a religiosidade é compreendida, aqui, na dimensão pessoal. Trata-se da expressão e/ou a prática que pode estar vinculada ou não com uma instituição religiosa. A religiosidade, nesses termos, pode possibilitar experiências místicas, mágicas e esotéricas. Em outras palavras, ela pode ser entendida como a expressão da própria espiritualidade e contribui com a convicção da existência de uma dimensão superior, responsável pelo controle das contingências da vida e podem capacitar as pessoas a lidar com os acontecimentos de modo mais tranquilo. Nesse sentido, a religiosidade estaria ligada a uma vida com sentido, onde o ser humano explora a força da dimensão espiritual que lhe é intrínseca. BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 32-33.

²⁸ PADEN, Roger. A justificativa redutiva do utilitarismo de preferência de Hare. *The Southern Journal of Philosophy*, [s.l.], v. 34, n. 3, p. 361-378, 1996. p. 377.

²⁹ ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pág. 12.

³⁰ ELIADE, M. 1992, p.79.

O sagrado, como um conceito religioso, está inseparavelmente ligado às convenções linguísticas das sociedades ocidentais, cujas raízes remontam à história das culturas indo-europeias e semíticas. Muito antes de seu uso e significados convencionalizados dentro das tradições religiosas judaica, cristã e islâmica, as pessoas participaram de atividades sagradas e processos de significação de acordo com paradigmas de pensamento criados por seus sistemas étnicos de crença dentro de limites geográficos específicos.³¹

No contexto da história das religiões, o conceito de sagrado há anos foi confinado essencialmente a um único uso, embora seja potencialmente rico com outros níveis de significado analítico. “O sagrado” tornou-se sinônimo de o sobrenatural, um rótulo, senão um epíteto para uma realidade universal transcendente que “se manifesta” em vários lugares, tempos e objetos.

Através de escritos de R.R. Marett, Rudolf Otto e os fenomenologistas da religião, a terminologia de “o sagrado” junto com a de “mana” e “o sagrado” veio para descrever outro poder misterioso aos quais as pessoas religiosas respondem com temor numinoso.³²

O sagrado não é apenas um termo religioso, mas também uma constante antropológica, que tem sido usado em vários contextos culturais em várias arenas do discurso humano. Linguisticamente, o sagrado denota aquilo que foi separado.³³

O “sagrado” é um conceito-chave na sociologia da religião e um conceito importante na teoria social em geral. No entanto, apesar de sua importância e longo *pedigree* o conceito permanece indefinido, e o termo é usado inconscientemente de várias maneiras diferentes com o qual o significado às vezes não é claro.³⁴

Em linhas gerais, Evans observou em seu artigo que o termo “sagrado” é usado principalmente:³⁵

- a) Como um sinônimo bem-vestido para “religião” ou “religioso”;
- b) Para denotar “realidade transcendente” ou “transcendente”; e
- c) Em referência a coisas separadas com significado especial, como em Durkheim.³⁶

³¹ FLEURI, 2013, p. 206.

³² PADEN, 1996, p. 363.

³³ SILVA, Ronaldo T. *O Sagrado no romance “O jogador” de Fiódor Dostoiévski: um roteiro para a leitura*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. p. 88.

³⁴ EVANS, Matthew T. O sagrado: diferenciando, esclarecendo e ampliando conceitos. *Revista Religião e Pesquisa*, [s.l.], v. 45, n. 1, p. 32-47, 2003. p. 42.

³⁵ EVANS, 2003, p. 41.

³⁶ WEISS, Raquel A. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. *Revista Mana*, Alto Rio Negro, v. 19, n. 1, p. 157-179, 2013. p. 161.

Evans acredita ser possível invocar simultaneamente mais de um desses significados, como em “santuário sagrado”.³⁷

Durkheim afirmou que:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam uma mesma característica comum: elas supõem uma classificação das coisas que o homem representa para si mesmo, sejam elas reais ou ideais, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que são muito bem traduzidos pelas palavras profano e sagrado. Este é o traço distintivo do pensamento religioso, a divisão do mundo em dois domínios, um que compreende tudo o que é sagrado, e outro que compreende tudo o que é profano; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações umas com as outras e com as coisas profanas.³⁸

A capacidade de fornecer respostas para questões fundamentais é o que define a religião. Por exemplo, na crença hindu, a alma de uma pessoa continua viva após a morte biológica e renasce em um novo corpo. Segundo a fé cristã, pode-se esperar viver em um paraíso celestial quando o tempo acabar na terra. Esses são apenas dois exemplos, mas a extensão do *self* além de sua data de expiração física é um fio condutor comum em textos religiosos.³⁹

Independentemente de se acreditar pessoalmente nos valores, crenças e doutrinas fundamentais que certas religiões apresentam, não é preciso ir muito longe para reconhecer a importância que a religião tem em uma variedade de diferentes aspectos sociais ao redor do mundo.

O problema de qualquer definição de religião é fornecer uma declaração que seja ao mesmo tempo estreita o suficiente para distingui-la de outros tipos de atividade social, levando em consideração a ampla variedade de práticas que são reconhecidamente religiosas em qualquer noção de senso comum do prazo.⁴⁰

A incrível quantidade de variação entre as diferentes religiões torna um desafio decidir sobre uma definição concreta de religião que se aplique a todas elas. Quatro dimensões que parecem estar presentes, em formas e intensidades variadas, em todos os tipos de religião: crença, ritual, experiência espiritual e formas sociais únicas de comunidade.

³⁷ EVANS, 2003, p. 46.

³⁸ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 68.

³⁹ QUEIROZ, Carlos. *Vida após a morte: um estudo a partir da mensagem paulina em 1 Coríntios 15*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. p. 121.

⁴⁰ RANQUETAT JÚNIOR, 2012, p. 83.

Ao olhar para as religiões em termos dessas quatro dimensões, os sociólogos podem identificar as características importantes que compartilham, levando em consideração e permitindo a grande diversidade das religiões mundiais – como será esboçado no quadro 1.⁴¹

Quadro 1. As religiões do mundo.⁴²

Religião Mundial	Origens	Crenças	Rituais e práticas
Símbolo do Judaísmo: a estrela de David	O judaísmo começou no antigo Israel há cerca de 4.000 anos, sendo Abraão o primeiro profeta a declarar que deveria haver apenas um Deus verdadeiro. Moisés, séculos depois, conduziu o povo judeu para longe da escravidão no Egito, que foi um momento decisivo para o judaísmo. Moisés é creditado por escrever a Torá, os textos sagrados judaicos, que consiste nos cinco livros de Moisés.	Os seguidores do Judaísmo são monoteístas, acreditando que existe apenas um Deus verdadeiro. Israel é a terra sagrada do povo judeu e é vista como um presente de Deus para eles – os filhos de Israel. De acordo com a Torá, os crentes judeus devem viver uma vida de obediência a Deus porque a própria vida é um presente concedido por Deus aos seus discípulos (Sanders, 2009). Os seguidores do Judaísmo vivem de acordo com os dez mandamentos revelados a Moisés por Deus no Monte Sinai. Esses mandamentos descrevem as instruções de como viver a vida de acordo com Deus.	O judaísmo tem muitos rituais e práticas que os seguidores da fé realizam. O povo judeu tem leis dietéticas rígidas que se originam na Torá, chamadas de leis Kasher. O objetivo dessas leis não é a preocupação com a saúde, mas com a santidade. Exemplos de alimentos proibidos incluem carne de porco, lebre, camelo e avestruz e frutos do mar crustáceos e moluscos. Além disso, certos grupos de alimentos são proibidos de serem consumidos quando combinados, por exemplo, carne e laticínios juntos (Tieman & Hassan, 2015). Outros exemplos de rituais judaicos são as práticas de circuncisão e Bar e Bat Mitzvahs. Esses ritos de passagem para meninos (bar) e meninas (morcego) marcam a transição

⁴¹ LITTLE, Willian. *Introdução à sociologia*. 2. ed. Houston: *Open Stax College*, 2012. p. 51.

⁴² Adaptado de: LITTLE, 2012, p. 62-69.

			<p>para a masculinidade e a feminilidade. Durante essas celebrações, o processo de amadurecimento é celebrado. Os seguidores judeus também realizam várias orações a cada dia, reafirmando e demonstrando seu amor recíproco com Deus.</p>
<p>Símbolo do Cristianismo: a cruz</p>	<p>O cristianismo começou por volta de 35 DC – ou seja, a data da crucificação – na área do Oriente Médio que agora é conhecida como Israel. O cristianismo começou com o reconhecimento da divindade de Jesus de Nazaré. Pobre judeu, Jesus estava insatisfeito com o judaísmo e se encarregou de buscar uma conexão mais forte com a palavra de Deus definida pelos profetas. Assim, o Cristianismo inicialmente se desenvolveu como uma seita do Judaísmo. Tornou-se uma religião distinta. A crucificação de Jesus foi o primeiro de muitos testes de fé dos cristãos.</p>	<p>No fundo, ser cristão é acreditar na trindade de pai, filho e espírito santo como um Deus: o Deus de amor. Por amor à humanidade, Deus permitiu que seu único filho fosse sacrificado na crucificação para expiar seus pecados. Os cristãos são admoestados a amar a Deus e a amar seus vizinhos e inimigos “como a si mesmos”. Eles acreditam no amor de Deus por todas as coisas, tem fé que Deus está cuidando deles o tempo todo e que Jesus, o filho de Deus, retornará quando o mundo estiver pronto. Jesus é o exemplo da religião, demonstrando a maneira de ser um cristão adequado. Se os crentes seguirem os passos de Jesus, eles terão acesso ao céu. Ocorrências</p>	<p>Existem muitos rituais e práticas centrais ao cristianismo, conhecidos como sacramentos. Por exemplo, o sacramento do batismo envolve a lavagem literal da pessoa com água para representar a purificação de seus pecados. Outros sacramentos incluem a Eucaristia (ou comunhão), confirmação, penitência, unção dos enfermos, casamento e Ordens sagradas (ou ordenação). No entanto, nem todas as seitas do Cristianismo seguem isso. Uma das principais qualidades e práticas do Cristianismo é cuidar dos pobres e desfavorecidos. As igrejas cristãs são frequentemente instituições que demonstram como</p>

		<p>infelizes são atos de Deus que testam a fé de seus seguidores. Portanto, ao manter a fé no amor de Deus, os cristãos são capazes de continuar com suas vidas quando confrontados com tragédias, injustiças e sofrimento.</p>	<p>seguir Jesus, administrando instituições de caridade e bancos de alimentos, e abrigando os sem-teto e os enfermos.</p>
<p>Símbolo do Islã: Lua Crescente e a Estrela</p>	<p>Originário da Arábia Saudita, o Islã é uma religião monoteísta que se desenvolveu por volta de 600 DC. Durante esse tempo, a sociedade de Meca estava em crise. Muhammad, o mensageiro de Deus, recebeu os versículos do Alcorão diretamente do anjo Gabriel durante um período de oração isolada no Monte Hira. Ele desenvolveu um séquito de pessoas que eventualmente uniram a Arábia em um único estado e fé por meio da luta militar contra os pagãos politeístas. Seguidores da fé islâmica são chamados de muçulmanos. Hoje, existe uma divisão com o Islã originada do desacordo sobre o legítimo sucessor de Maomé. Esses dois grupos são conhecidos como sunitas e xiitas,</p>	<p>O ponto central do Islã é a crença de que Deus, Alá, é o único Deus verdadeiro e que Muhammad é o Mensageiro de Deus, também conhecido como o Profeta. Deus também exige que os muçulmanos sejam temerosos e subservientes a ele, pois Ele é o mestre e o criador da lei. Na fé islâmica, o Alcorão é o texto sagrado que os muçulmanos acreditam ser a palavra direta de Deus, ditada pelo anjo Gabriel a Muhammad.</p>	<p>O Islã delineia cinco pilares que devem ser sustentados pelos seguidores islâmicos se eles desejam serem verdadeiros muçulmanos.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Recitação diária do credo (Shahadah), que afirma que há apenas um Deus e Muhammad é o mensageiro de Deus; 2) Oração cinco vezes ao dia; 3) Fornecer ajuda financeira para apoiar muçulmanos pobres e promover a prática do Islã; 4) Participação no jejum de um mês durante o 9º mês do calendário islâmico; 5) Conclusão de uma peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.

	sendo o primeiro a maioria dos muçulmanos.		
Símbolo do Hinduísmo: Om ou Aum	O hinduísmo se originou na Índia e no Nepal, mas a origem exata dessa religião difundida é altamente contestada. Não há nenhum fundador conhecido, diferindo fortemente das outras religiões aqui discutidas, que têm fortes histórias de origem dos indivíduos que primeiro postularam o modo específico de vida religiosa.	As crenças características do Hinduísmo são a crença na reencarnação e a crença de que todas as ações têm efeitos diretos, conhecido como Karma. Em contraste com outras religiões do mundo, o hinduísmo não é tão fortemente definido pelo que os seguidores acreditam, mas sim pelo que eles fazem. O Dharma é o que delineia o dever de um hindu na vida, identificando os indivíduos com um lugar dentro do sistema de estratificação social ou sistema de castas. Essa classificação dita muito que um hindu pode e não pode fazer. Os seguidores hindus acreditam em um Deus que é representado por uma infinidade de formas sagradas conhecidas como divindades. A morte na religião hindu, apenas o corpo morre enquanto a alma vive. Os indivíduos são reencarnados, sobrevivendo à morte para renascer em uma nova forma.	Na religião do hinduísmo, a prática é mais importante do que a fé. Uma prática ritualística realizada pelos seguidores hindus é o ato de fazer oferendas de incenso às divindades. Este ato de oferenda é visto como uma “mediação” para abrir as linhas de comunicação entre o sagrado e o profano, ou a divindade e o indivíduo. Outra prática ritual muito difundida é a ioga, que consiste em manter posturas enquanto se concentra na respiração. A Ioga é usada para silenciar a mente, permitindo que ela reflita o mundo divino, aproximando o crente da unificação com o divino.

<p>Símbolo do Budismo: a Roda de Dharma (os oito raios desta roda representam o caminho óctuplo).</p>	<p>O budismo se refere aos ensinamentos do Buda Guatama. Ele se originou na Índia em aproximadamente 600 Ac. Buda, originalmente um seguidor da fé hindu, experimentou a iluminação, ou Bohdi, sentado sob uma árvore. Foi nesse momento que Buda despertou para a verdade do mundo, conhecida como Dharma. Buda, um homem comum, ensinou seus seguidores a seguir o caminho da Iluminação. Assim, o budismo não acredita em um reino divino ou Deus como um ser sobrenatural, mas segue a sabedoria do fundador.</p>	<p>Os budistas são guiados pela vida pelo Dharma ou quatro nobres verdades:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) A verdade de que a vida gera sofrimentos como doenças ou infortúnios; 2) A verdade de que a origem do sofrimento se deve à existência de desejo ou avidez; 3) A verdade de que existe uma maneira de interromper esse sofrimento e obter a liberação do ciclo de sofrimento e renascimento; 4) A verdade de seguir o caminho óctuplo como forma de acabar com esse sofrimento. <p>Esse caminho consiste na visão ‘certa’ de levar a vida. Os budistas acreditam na reencarnação, e que ela continuará a renascer, exigindo que continuem o estudo e a dedicação às quatro nobres verdades e ao caminho óctuplo até que a Iluminação seja alcançada. O fim do sofrimento só é alcançado por meio da cessação da avidez ou desejo que impulsiona o ciclo de renascimento.</p>	<p>O nobre caminho óctuplo inclui oito prescrições: entendimento correto; intenção correta; fala correta; ação correta; modo de vida correto; esforço correto; atenção plena correta e concentração correta.</p> <p>Estes delineiam o “caminho do meio” entre os extremos do sensualismo e 26orna26ocio, que dá origem ao verdadeiro conhecimento, paz e Iluminação.</p> <p>Uma prática ritual fundamental do budismo é a meditação. Essa prática é usada pelos seguidores para aprender a se desapegar do desejo e obter um insight sobre o funcionamento interno de sua mente, a fim de chegar a uma compreensão maior da verdade do mundo. No exemplo do Buda, a meditação na respiração ou em mantras cantados, que muitas vezes são passagens-chave dos sutras (ensinamentos) do Buda, é uma prática-chave para alcançar o local da Iluminação ou do despertar.</p>
---	---	---	--

A religião pode influenciar tudo, desde como alguém passa uma tarde de domingo – cantar hinários, ouvir sermões religiosos ou abster-se de participar de qualquer tipo de trabalho – até fornecer a justificativa para sacrificar a própria vida.⁴³

As atividades e ideais religiosos são encontrados em plataformas políticas, modelos de negócios e leis constitucionais, e historicamente produziram justificativas para inúmeras guerras. Algumas pessoas aderem às mensagens de um texto religioso totalmente, enquanto outros escolhem os aspectos de uma religião que melhor atendem às suas necessidades pessoais.⁴⁴ Em outras palavras, a religião está presente em vários domínios socialmente significativos e pode ser expressa em uma variedade de diferentes níveis de compromisso e fervor.



⁴³ FLEURI, 2013, p. 221.

⁴⁴ ENRICONI, Louise. Migrações religiosas no mundo. *In*: POLITIZE [Site institucional]. 20 jul. 2017. [n.p.]. [online]. [n.p.]. Saiba mais em: MOTA, Clarice S.; TRAD, Leny A. B.; VILLAS BOAS, Maria J. V. O papel da experiência religiosa no enfrentamento de aflições e problemas de saúde. *Revista Interface*, São Paulo, v. 16, n. 42, p. 665-675, 2012. p. 663.

2 ENSINO RELIGIOSO – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

Em uma sociedade multicultural e plurirreligiosa como no mundo contemporâneo, todo(a) professor/a deve se perguntar como ser capaz de integrar seu ensino com o elemento religioso e isso para responder a perguntas de sentido dos(as) seus(as) alunos(as), bem como compreender melhor a realidade social que circunda a escola, principalmente após a intensificação o dos fluxos migratórios de novas culturas e novas religiões.

Portanto, Salvarani está certo quando, em 2006, diz que “precisamos restaurar a legitimidade conhecimento cultural do fato religioso na formação dos cidadãos de futuro.”⁴⁵

É com a teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento moral e religioso que Fowler inspirado em Piaget desenvolve estudos sobre a fé como uma dimensão que se constrói cronologicamente com as experiências de vida. Para Kohlberg e Fowler, o desenvolvimento moral e religioso é distinto, mas estão associados na busca de sentido e valores existenciais, que são construídos nos ambientes educacionais: a família, a comunidade de fé e a comunidade escolar.

Nesse sentido, os ambientes educacionais têm como finalidade primordial construir as entradas entre as dimensões da fé, aspecto do sentido existencial, com as dimensões educacionais: cultura e valores morais adquiridos na socialização.⁴⁶

A questão de saber se é como as escolas de um modo geral devem introduzir o Ensino Religioso na sala de aula tornou-se cada vez mais importante. As crianças precisam receber ferramentas para compreender o papel da religião em sua sociedade e no mundo, mas devem ser protegidas da doutrinação por seus docentes ou funcionários do estabelecimento de ensino.

Na literatura são encontradas diferentes abordagens sobre o Ensino Religioso. Aragão e Souza refletem sobre a compreensão do ER:

O Ensino Religioso é compreendido como educação sobre a religiosidade humana, devendo tratar pedagogicamente do conhecimento espiritual que existe entre e para além de todas as tradições místicas, religiosas e não religiosas tematizando seus conteúdos simbólicos nos espaços e tempos sagrados, bem como os valores – e antivalores – que as espiritualidades, na prática, desenvolvem através da história. Trata-se, então, de comparar criticamente e interpretar os fatos – também religiosos – nos seus contextos históricos, em busca de significados mais profundos para esse patrimônio cultural da humanidade que são as espiritualidades filosóficas e religiosas.⁴⁷

⁴⁵ MACAELE, Carlo. O desafio do pluralismo religioso na escola. [s.l.]: [s.n.], 2020. p. 11.

⁴⁶ GERONE, Lucas Guilherme Teztlaff de. BATAGLIA, Patricia Unger Raphael. Espiritualidade e moralidade na prática dos professores. [Site institucional]. 03 jul. 2020. [n.p.]. [online]. [n.p.].

⁴⁷ ARAGÃO, Gilbraz; SOUZA, Mailson. Transdisciplinaridade, o campo das Ciências da Religião e sua aplicação ao Ensino Religioso. *Estudos Teológicos*, v. 58 n. 1, p. 42-56, 2018. p. 43.

Para os fins deste estudo, Macaele resume brevemente como são classificados alguns dos métodos de ensino do componente curricular, considerando a contribuição epistemológica de cada proposta:

- a) **Aprendizagem na religião:** são ensinamentos religiosos de tipo confessional. Existem vários pontos de vista sobre este ensino. Há quem acredite que isso, sendo o produto de uma comunidade religiosa, tem propósitos puramente religiosos que passam por nutrir uma fé ao conhecimento específico de apenas uma religião. De alguma forma uma comunidade religiosa usa a escola pública como um ramo estratégico da comunidade de crentes. Como você verá no relato dos projetos do IRC, esta visão é anacrônica, pois o ensino denominacional está em linha com os fins escolásticos, que não são catequéticos, e na medida em que as ciências teológicas, por mais importantes que sejam não são os únicos componentes curriculares que definem a epistemologia da matéria. Além disso, confessionalidade não significa fechamento ao diálogo inter-religioso. Também é especificado que o ensino confessional pode ser opcional / opcional ou obrigatório com possibilidade de dispensa;
- b) **Aprender sobre religião (ões):** eles são aqueles ensinamentos que visam o mero conhecimento do fato religioso com o qual várias ciências trataram da religião (história, antropologia, fenomenologia), mas não teologia. O ponto de partida desses ensinamentos é excluir elementos verdadeiro e doutrinário, para um estudo ciência da religião como fator humano livre das diferentes formas de credo;
- c) **Aprender com a (s) religião (ões):** é um tipo de ensino baseado na interação de múltiplas comunidades religiosas presente em um território. Este tipo de ensino é compartilhado e decidido não só pela escola, mas também por comunidades religiosas geralmente reunidas em um fórum. Esse ensino, justamente porque faz parte das comunidades religiosas, não rejeita elementos teológicos, mas os medeia por meio de outros saberes de natureza antropológica (filosofia, história, dentre outras) e no que diz respeito às ciências sociais, no final para transmitir a integridade do fato religioso em seus aspectos verídicos, culturais e sociais;
- d) **Aprendendo com os estudos religiosos:** esta abordagem pretende unir a história de religiões às experiências religiosas dos(as) alunos(as), levando em consideração também aspectos relacionados à moralidade e à ética deste estudante. É uma abordagem inclusive no nível didático, em que se insere o aspecto da verdade teológica em condição

de subjetividade. O(a) professor(a) parece ser imparcial e moderador em quaisquer debates em sala de aula;

- e) Aprendendo fora das religiões: uma forma de ensino sobre o fato religioso como área de ação humana autônoma. Tal ensino não teria um seu próprio módulo didático, mas a religião seria tratada como um corolário outros aspectos relacionados a outros componentes curriculares.⁴⁸

Bosaris acredita que a relação entre religião, educação e moral, esteve interligada, por exemplo, nas antigas civilizações europeias é comum encontrar um líder religioso (xamã ou pajé) que ocupava um papel de professor(a), orientava as normas morais que regulamentavam o comportamento coletivo e pessoal dos indivíduos.

A idade média é o período com a maior relação entre a religião, a educação e a moral. Destaca a autoridade teocrática da Igreja Católica Romana que detinha poder político, educacional e social e impunha os dogmas religiosos nas ordens morais da sociedade, como por exemplo, o que é certo agrada a Deus, o que é errado é contra os padrões de Deus.⁴⁹

Segundo Costa, o Ensino Religioso na educação do Brasil passou por diversas fases, perpassando desde o período colonial até a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional Nº 9.475/97.⁵⁰ Observe o quadro a seguir:

Quadro 2. Fases do Ensino Religioso na educação do Brasil⁵¹

Fase	Panoramas	
Período Colonial	Neste período a educação estava alicerçada entre três esferas institucionais que eram: a Escola, a Igreja e a Sociedade política/econômica. A religiosidade popular no Brasil foi marcada pelo processo de colonização, que uniu populações de diferentes origens étnicas e culturais de forma dinâmica e conflitante. Por um lado, as experiências vividas por essas várias	

⁴⁸ MACAELE, 2020, p. 15.

⁴⁹ GERONE; BATAGLIA, 2020, [n.p.]. [online]. [n.p.].

⁵⁰ COSTA, Antônio M. F. Um breve histórico do Ensino Religioso na educação brasileira. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER), XXII, 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2009. [n.p.]. [online]. [n.p.].

⁵¹ Adaptado de: COSTA, 2009, [n.p.]; bem como de: CARVALHO, Marcos C.; SÍVORI, Horácio F. Ensino Religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira. *Revista Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, p. 1-35, 2017. p. 27.

	<p>populações refletem as crenças de seu continente de origem: Europa, África e América. Por outro lado, eles estavam inevitavelmente entrelaçados, dando origem a novas formas de prática religiosa.</p> <p>O catolicismo perdurou desde os primeiros tempos como a orientação no Brasil, apoiado pela Coroa, bem como pelo clero regular e secular.</p>	
Período Brasil Império	<p>Após a independência, em 1822, o Império Brasileiro herdou de Portugal o sistema do Padroado, que manteve o catolicismo como religião de Estado. Conseqüentemente, a doutrina católica estava oficialmente presente nos currículos das escolas públicas, enquanto os professores eram forçados a professar a fé católica.</p> <p>A Igreja, nesse período tinha seus interesses, o de evangelizar pregando ou impondo a doutrina católica romana.</p>	
Período Republicano	<p>Nas últimas décadas do século 19, a relação entre a Igreja Católica e o Estado foi redefinida com o surgimento de novos conflitos, o que também contribuiu para a queda da monarquia.</p> <p>Após a proclamação da República, em 1889, o Estado foi oficialmente separado da Igreja Católica. O Estado foi proibido de financiar qualquer tipo de atividade religiosa e o Ensino Religioso foi retirado das escolas públicas. A partir desse fato, passa a vigorar a seguinte expressão: “Será leigo o Ensino ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino”.</p>	

Ao fim da ditadura de Getúlio Vargas, que cancelou as aulas de Religião, a Igreja Católica reivindicou a inclusão da disciplina de Ensino Religioso, sendo mantida, desde então, como obrigatória para as escolas públicas.

Através deste fato, foi estabelecida a primeira lei de orientação geral da educação brasileira: “a Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino, [...] que homologou o modelo mais antigo e utilizado do Ensino Religioso em todo o território nacional, o Ensino Religioso

Confessional”.⁵² Com isto, o conflito entre a ideologia católica e a ideologia livre, foi intensificado. Severino ensina que

[...] a ideologia católica, na sua especificidade doutrinária religiosa, não lhes interessava, camuflando sua real rejeição do conteúdo religioso na defesa genérica da liberdade de consciência e de culto. Religião, na sociedade como na escola, é um assunto de opções individuais. Na realidade, uma ideologia política muito mais abrangente estará por trás e mais além dessa alegada neutralidade.⁵³

Em 1964, a ditadura militar determinou a matrícula facultativa em relação ao Ensino Religioso, oscilando assim o seu grau de importância. Nesta mesma época, tornou-se obrigatória nas escolas brasileiras a disciplina Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira. De acordo com Andrade, “o Ensino Religioso vem conquistando seu espaço e sua identidade, por meio de muitas lutas, com algumas vitórias e algumas derrotas, tendo a partir da LDB de 1996, um marco fundamental para a identidade e integração desta disciplina no sistema de ensino brasileiro”.⁵⁴

A participação de grupos católicos e protestantes nas políticas educacionais no Brasil tem sido importante, embora não linear. Como principal afiliação religiosa desde tempos coloniais, a Igreja Católica foi fundamental não apenas em termos de fornecimento de educação, mas também em termos de formulação de políticas.

No entanto, mesmo a Igreja Católica operando como um ator homogêneo; pelo contrário, divisões ideológicas internas e uma abundância de interesses refletia às vezes uma ambiguidade da Igreja Católica em diferentes áreas de política.

Assim, enquanto partes da Igreja Católica mantiveram uma postura mais conservadora abordagem à política e prestação de serviços, partes da igreja, especialmente durante o período militar regime foi inspirado pela Teologia da Libertação e foram muito mais simpáticos a políticas distributivas e igualitárias.⁵⁵

O Brasil, país de maioria católica, passou por um intenso processo de conversão religiosa. Hoje, três quartos da população adulta são católicos, enquanto o restante é formado por seguidores de igrejas evangélicas, religiões afro-brasileiras, religiões orientais e outras denominações. As igrejas evangélicas são compostas, entre outras, por igrejas pentecostais

⁵² JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Educação e História do Ensino Religioso. *Pensar a Educação em Revista*. v. 1, n. 2, p. 5-26, 2015, p. 7.

⁵³ SILVA, Joana d’Arc Araújo. Abordagem social do ensino religioso como ressignificação de valores e atitudes em tempos modernos. *Trilhas Pedagógicas*, Pirassununga, v. 11, n. 4, p. 82-98. 2021, p. 84

⁵⁴ ANDRADE, Renata. A trajetória do Ensino Religioso na Educação Brasileira. *Revista Senso*. 2018., [n.p.]. [online]. [n.p.].

⁵⁵ SEGATTO, Catarina Ianni; ALVES, Mário Aquino; PINEDA, Andrea. Populism and Religion in Brazil: The View from Education Policy. *Social Policy and Society*, 1–15. 2021, p. 11.

trazidas de outros países e por aquelas recém-criadas no Brasil, chamadas de igrejas neopentecostais.⁵⁶

2.1 Contextualizações do Ensino Religioso no Brasil e fatos relevantes

A temática religiosa evoca reflexões em torno de novos contornos da esfera pública e seus dilemas para a construção de uma sociedade democrática. Desde o século XIX, a importância simbólica e discursiva do conhecimento em uma perspectiva não *solipsista*⁵⁷ foi ampliada nesta mesma esfera pública, ou seja, uma perspectiva que admite o estatuto de validade o contraditório como condição para o exercício do diálogo entre os diferentes, visando à superação do preconceito e da intolerância.⁵⁸

A paisagem religiosa contemporânea do Brasil é variada e complexa. Isso reflete a história e geografia desta enorme região: o quinto maior país no mundo, com uma população de mais de 200 milhões. O Brasil é uma nação amplamente monolíngue com várias regiões culturais distintas, refletindo em parte uma história de imigração de várias camadas e regionalmente variadas: colonos portugueses, escravos africanos e várias ondas distintas de trabalhadores rurais e urbanos, especialmente alemães, italianos, espanhóis, japoneses e (principalmente cristãos) libaneses.

Ao mesmo tempo, centenas de culturas indígenas, de várias línguas grupos, mantêm e inovam suas tradições, com raízes que remontam muitos milhares de anos – muito, muito mais, de acordo com Indígenas e contas umbandistas.⁵⁹

O estudo da religião no Brasil começou com o trabalho de uma ampla gama de visitantes e residentes, do século XVI ao início do século XX: colonos e viajantes (incluindo Jean de Léry, Albert van der Eckhout, Hans Staden, George Gardner dentre outros); padres e missionários (incluindo Manuel da Nóbrega dentre outros) e jornalistas e cronistas como João do Rio.

⁵⁶ PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, Reginaldo. Diversidade religiosa no Brasil: números e perspectivas em uma avaliação sociológica. *Revista Sociologia Inter*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 629-639, 2000. p. 632. Confira também: QUEIROZ, Christina. O crescimento da fé evangélica. In: NEXO [Site institucional]. 09 dez. 2019. [n.p.]. [online]. [n.p.].

⁵⁷ Adepto do solipsismo, isto é, da doutrina filosófica que se pauta numa única realidade, o *eu empírico*, segundo a qual nada existe fora do pensamento individual, sendo a percepção uma impressão. Saiba mais em: BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 367.

⁵⁸ PEREIRA, Júnia S.; MIRANDA, Sonia R. Laicização e intolerância religiosa: desafios para a história ensinada. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 99-120, 2017. p. 113.

⁵⁹ ENRICONI, 2017, [n.p.].

O primeiro estudo etnográfico da religião no Brasil por um autor brasileiro foi uma descrição da apropriação seletiva do catolicismo em uma aldeia guarani, escrita em 1842 por José Joaquim Machado de Oliveira.

Vários etnógrafos, folcloristas e escritores deixaram importantes observações das tradições afro-brasileiras no início e meados do século XX (por exemplo, Silvio Romero, Luís da Câmara Cascudo, Edson Carneiro, Alceu Maynard Araújo, Arthur Ramos e Jorge Amado).⁶⁰

O catolicismo foi a religião oficial do Brasil de 1500 até a Proclamação da República em 1889. A Constituição de 1891 da Primeira República acabou com o regime de clientelismo, casamento e cemitérios secularizados, educação pública laicizada e estabeleceu a liberdade religiosa. O processo foi realizado de forma pacífica, e o fim do monopólio religioso do catolicismo trouxe com ele o avanço do pluralismo religioso e a diversificação sociocultural.⁶¹

No entanto, a mudança não foi resultado de demandas populares e do secularismo não era um valor fundamental da República. Não levou à privatização da religião ou à exclusão mútua da religião e da política. Apesar da separação constitucional, a Igreja Católica continuou a ocupar “espaço significativo nas esferas da saúde, educação, lazer e cultura”. A desativação, portanto, não encerrou os privilégios católicos, nem restringiu a discriminação do Estado contra as minorias religiosas.⁶²

A força institucional contínua do catolicismo durante os quarenta anos da Primeira República encorajou a Igreja, sob a liderança do Cardeal D. Sebastião Leme, para reafirmar seus privilégios e tentar restabelecer sua influência sobre a esfera pública brasileira por meio de um conceito de *neocristandade*.⁶³

A pressão que foi exercida sobre governantes e congressistas, e relações estreitas foram formadas com o governo provisório de Getúlio Vargas, que, em abril de 1931, reinstalou o Ensino Religioso em escolas públicas. No mês de outubro seguinte, Vargas participou na inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro; como parte da ocasião, o Cardeal

⁶⁰ SCHMIDT, Bettina E.; ENGLER, Steven. *Manual de religiões contemporâneas no Brasil*. Boston: Brill, 2016. p. 67.

⁶¹ LEITE, Fábio C. O laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 32-60, 2011. p. 45.

⁶² RIBEIRO, Wesley S. *Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no Século XXI*. Dissertação (Mestrado em Ciências de Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017. p. 123.

⁶³ De acordo com Tiago Lara, o termo *neocristandade* significa “a visão católica que se impõe como norma absoluta”. Saiba mais em: LARA, Tiago A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia do Renascimento aos nossos dias*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 164.

Leme, apoiado por uma comitiva de cinquenta bispos, advertiu o presidente que “ou o Estado [...] reconhece o Deus das pessoas, ou as pessoas não reconhecerão mais o Estado”.⁶⁴

Seguindo o texto de Schmidt e Engler, duas afirmações se aproximam no estudo da religião, neste caso, relacionadas à escravidão indígena no Brasil. Em primeiro lugar, as dimensões religiosas das culturas indígenas do Brasil são quase universalmente excluídas da lista de tópicos estudados nos departamentos de ciência do Brasil da religião.⁶⁵ Esse tópico é da competência dos departamentos de antropologia.

Por um lado, isso reflete histórias disciplinares e guerras territoriais: a antropologia das culturas indígenas foi imbricada com a política governamental e oficialmente encarregado dessa área de estudo e o relativamente novo e pequeno campo da ciência da religião tem sido frequentemente dominado pela teologia cristã. Por outro lado, a implicação parece ser que os povos indígenas do Brasil não têm “religião”, conforme examinado por David Chidester em 1996. Em segundo lugar, a presença de influências culturais indígenas nas religiões “afro-brasileiras” é muito maior do que geralmente se reconhece.

De acordo com Teixeira e Menezes, em seu livro:

Os primeiros números do Censo de 2010 sobre as religiões no Brasil só foram divulgados pelo IBGE no final de junho de 2012. Uma divulgação que ocorreu quase dois anos depois da aplicação pelos recenseadores. [...] Um dos traços que vêm delineando desde o Censo de 2010 é a progressiva pluralização e diversificação do campo em questão. Destaca-se também a intensificação do trânsito religioso, da provisoriedade da adesão e a dinâmica da privatização da prática religiosa.⁶⁶

O Brasil é um país predominantemente cristão, mas está se tornando mais diversificado. Até 1891 o catolicismo romano era a única religião oficial, mas a situação mudou durante o século XX. Embora 64,6% da população ainda se identifiquem como católica romana, de acordo com o censo de 2010, este número representa uma queda significativa de 73,6% em 2000 e 90% em 1970. Em ao mesmo tempo o número de protestantes – evangélicos – cresceu, de 15,4% em 2000 a 22,2% em 2010.

Nesse grupo, em 2010, 60,0% se identificaram como evangélicas de origem pentecostal (pentecostal e neopentecostal), 18,5% como evangélicas de missão (por exemplo, luteranos, presbiterianos, baptistas), e 21,8% de protestantes de origem não especificada (evangélicas de origem não fornecida). Apesar de esta diversidade crescente, e apesar do crescimento daqueles que professa ‘nenhuma religião’, a auto identificação cristã continua sendo um forte

⁶⁴ SCHMIDT; ENGLER, 2016, p. 73.

⁶⁵ SCHMIDT; ENGLER, 2016, p. 75.

⁶⁶ TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 2-5.

denominador da identidade nacional. Cristianismo, e particularmente o catolicismo popular, com sua veneração do A Virgem Maria e os Santos, ainda é considerada um dos aspectos centrais da cultura e da identidade brasileira mesmo para pessoas que se apresentam como agnóstico ateu.⁶⁷

A religião hoje é um desafio cognitivo na medida em que fornece conteúdo e dá força às normas sociais e à solidariedade entre os cidadãos. Portanto, proporciona um papel de mediação entre elementos opostos: o fundamentalismo e o secularismo.⁶⁸ Segundo Cipriani, um dos grandes desafios colocados na contemporaneidade, portanto, envolve a necessidade de as religiões renunciarem à centralidade da verdade e a aceitação da autoridade da ciência, subordinando-se, portanto, às leis seculares.⁶⁹

2.2 Normatizações pertinentes pressupostos e lacunas

O Brasil vive novamente debates e antagonismos acirrados a respeito, de um lado, da inclusão constitucionalmente garantida do Ensino Religioso nas escolas públicas e, de outro, da polêmica inclusão das questões de gênero e diversidade sexual no marco regulatório, normas, políticas, e a vida cotidiana da educação pública.⁷⁰

Em seu artigo sobre as leis e lacuna no sistema educacional brasileiro, Carlos e Damasceno concluíram que:

Quando se trata da inserção da disciplina Ensino Religioso na estrutura curricular das escolas públicas brasileiras, considere-se também a existência de uma discussão inacabada, pautada de lacunas legais e de ações práticas ineficientes e pelo que se consta com certo desinteresse de ser repensada e bem estruturada.⁷¹

O Estado brasileiro garante, por meio da Constituição Federal que regulamenta em seu Título II, Direitos e Garantias Fundamentais, Art. 5º, a liberdade de crença, a liberdade de seitas e a liberdade de organização religiosa, bem como seus desdobramentos: o direito ao ateísmo e agnosticismo e à sua auto declaração em quaisquer circunstâncias, sem constrangimentos e obstáculos; a prestação de assistência religiosa em estabelecimentos públicos e privados de

⁶⁷ SCHMIDT; ENGLER, 2016, p. 81.

⁶⁸ CIPRIANI, Roberto. La religión en el espacio público. *Revista Cultura y Religión*, Santiago, v. 7, n. 2, p. 171-183, 2013. p. 181. Saiba mais em: FREIRE, Wesley F. A. Religião, esfera pública e pós-secularismo: o debate Rawls-Habermas acerca do papel da religião na democracia liberal. *Revista Saberes*, Ji-Paraná, v. 1, n. 10, p. 104-134, 2014. p. 127.

⁶⁹ CIPRIANI, 2013, p. 182.

⁷⁰ CARVALHO; SÍVORI, 2017, p. 33.

⁷¹ CARLOS, Juliana G.; DAMASCENO, Márcia C. A. Ensino Religioso: leis e lacunas no sistema educacional brasileiro. *Revista Unitas*, Vitória, v. 5, n. 2, p. 431-451, 2017. p. 447.

confinamento coletivo; a proibição do Estado de interferir em questões religiosas de interesse coletivo ou individual; a isenção de consciência por motivos religiosos; o Ensino Religioso opcional nas escolas públicas; e a imunidade tributária e a garantia, no interesse dos cidadãos, das núpcias religiosas com efeitos civis.⁷²

Segundo Carvalho e Sívori, o Ensino Religioso permaneceu praticamente inquestionável até pelo menos a Assembleia Constituinte de 1946.⁷³ No entanto, apesar da relutância de alguns partidos e congressistas (tanto socialistas quanto liberais), a Igreja Católica manteve sua hegemonia durante o período constituinte, obtendo apoio majoritário para suas demandas históricas.

Entre os anos de 1948 e 1960, a educação ganhou destaque no debate público, mobilizando diversas forças políticas. Em 1948, seguindo orientações católicas no que diz respeito ao Ensino Religioso, foi aprovada a primeira Lei das Normas Educacionais Nacionais (LDB), que continuou a ser reformulada nos anos seguintes.

A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96, com a posterior alteração na redação do artigo 33, pela Lei n. 9475/97 e a Resolução do Conselho Nacional de Educação/CNE/CP 02/98 definem o Ensino Religioso⁷⁴ como área de conhecimento, bem como as demais disciplinas; contudo, nas instituições públicas de ensino, não se observam as mesmas exigências requeridas quanto à formação profissional do docente. Na resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, no art. 15 fica claro que o Ensino Religioso é um componente curricular e uma área do conhecimento.⁷⁵

Neste sentido, desde então, o Ensino Religioso nas escolas se tornou uma das questões mais polêmicas, considerando-se a definição do Estado brasileiro como Estado laico.⁷⁶

Costa faz um pequeno histórico do Ensino Religioso (ER) nas Leis do Brasil.⁷⁷ Veja o quadro a seguir:

⁷² PEREIRA; MIRANDA, 2017, p. 117.

⁷³ CARVALHO; SÍVORI, 2017, p. 27.

⁷⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 2, de 07 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf. Acesso em: 01 abr. 2022.

⁷⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 01 abr. 2022.

⁷⁶ CARON, Lurdes. *Políticas e práticas curriculares: formação de professores de ensino religioso*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 228.

⁷⁷ COSTA, 2009, [n.p.].

Quadro 3. Apresentação do ER baseado nas Constituições do Brasil⁷⁸

Constituição	Apresentação
Constituição do Imperador – 1824	Art. 5 – “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, de forma alguma, exterior do templo”.
1ª Constituição do Brasil República – 1891	Art. 72 Parágrafo 3º – “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente seu culto...”. “... Parágrafo 6º – Será leigo o Ensino Ministrado nos Estabelecimentos públicos. Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo...”.
Constituição de 1934	Art. 153. – “O ENSINO RELIGIOSO será de frequência facultativa e ministrada de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria de horários nas escolas primárias, secundárias, profissionais e normais”.
Constituição de 1937	Art. 133 – “O ER poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres e professores nem de frequência compulsórias por parte dos/as alunos/as”.
Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1946	Art. 168 Parágrafo 5º – “O ER constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, e de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo representante legal ou responsável”.
Constituição de 1967	IV – “O ER de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio...”.
Constituição de 1969: Emenda Constitucional n. 1	V – “O ER de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas de grau primário e médio...”.
Constituição de 1988	Art. 210 - §. 1º – “O ER, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”.

⁷⁸ Adaptado de: COSTA, 2009, [n.p.].

Conforme observado no quando em relação à Constituição de 1988, diz no artigo 210, parágrafo primeiro: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Já o artigo n 5º define: “a liberdade de consciência e de crença é inviolável, assegurado o livre exercício do culto religioso e, nos termos da lei, a proteção dos locais de culto e seus ritos sendo garantida”.⁷⁹

Ainda falando da Constituição⁸⁰, em se tratando do ER, o artigo 19 apresenta:

A União, os Estados, o Distrito Federal e o os municípios estão proibidos de:

I – Estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

II – Recusar-se a honrar documentos públicos;

III – Criar distinções entre os brasileiros ou preferências entre si’.

Apesar da derrota dos secularistas no processo constituinte de 1988, e apesar das pressões da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a nova LDB aprovada em 1996 reincorporou a cláusula de que o ER deveria ser oferecido “sem ônus para o orçamento do Estado”, como havia definido a versão de 1961 da lei.

O texto da Lei de Diretrizes e Enquadramento (LDB 9394/96), de dezembro de 1996, ficou assim definido:

‘O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.’⁸¹:

As preferencias manifestadas neste contexto pelos(as) alunos(as) ou seus tutores devem ser escolhidas em caráter:

I – Confessional, conforme opção religiosa do aluno ou de seu tutor, dado por professores religiosos ou conselheiros preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II – Interconfessional, em decorrência de convênio entre diversas entidades religiosas responsáveis pelo desenvolvimento do programa⁸².

⁷⁹ BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República. [online]. [n.p.].

⁸⁰ BRASIL. [Constituição (1988)]. [online]. [n.p.].

⁸¹ BRASIL [Lei de Diretrizes e Enquadramento] Lei N. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República [online]. [n.p.].

⁸² CARNASSALE, Helio. *Religious Education in Brazilian Public Schools - an analysis of applicability*. [online]. [n.d.], p. 2.

Observa-se uma alternativa inédita que figurou nas diretrizes, em comparação com a legislação anterior: ao contrário das versões anteriores, a nova LDB introduziu a possibilidade de que o Ensino Religioso pudesse ser oferecido na modalidade confessional, de acordo com as preferências religiosas dos(as) alunos(as) ou de seus pais, ou na modalidade inter-religiosa, no qual haveria um acordo entre as diferentes organizações religiosas responsáveis pela formulação do currículo.⁸³

2.3 Desafios e perspectivas relacionados à formação de professores/as

O Ensino Religioso é uma das disciplinas primárias para investigar as questões de fronteira da vida e da morte, do amor e do ódio, que caracterizam a condição humana. Todas as pessoas anseiam pela experiência com a Transcendência de um modo ou de outro. Os estudos religiosos oferecem a oportunidade de compreender com profundidade as muitas crenças e rituais que movem as pessoas a valorizar o mundo alternativo da realidade religiosa.⁸⁴

As discussões atuais sobre o ER enfocam a qualidade do ensino e a profissionalidade dos(as) alunos(as), mas negligenciam o processo histórico e institucional de profissionalização sobre o qual as concepções de qualidade de ensino e profissionalidade docente se articulam. As perspectivas legais e educacionais sobre o ER podem parecer incomensuráveis, e também as tradições pedagógicas, acadêmicas e até epistemológicas diferem.⁸⁵

Cornelia Roux, em seus escritos cruciais, fez e faz seu apelo por mudanças paradigmáticas com vistas a como ensinar religião, como lidar com a situação multicultural e como concretizar a educação para cidadania. A autora faz um apelo à mudança de paradigma na pedagogia da educação em direito humano como o conceito inclusivo que pode abranger as diferenças e diversidade culturais, religiosas e de gênero.

A questão por trás disso parece sempre ser: O que precisa ser mudado na teoria e na prática para ser capaz de lidar de forma pedagógica, política e prática adequada com os desafios de novas ou mutáveis constelações educacionais, políticas e religiosas?⁸⁶

⁸³ CARVALHO; SÍVORI, 2017, p. 25.

⁸⁴ BRITTO, Vilmar Lugão de; TESSAROLE, Cristina de Lacerda; SILVA, Jhauber Luiz Moreida da. Cenários históricos e o legado da ciência da religião e do ensino religioso. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 9, p. 86318-86332, 2021, p. 86319.

⁸⁵ COSTA, 2009, [n.p.]. Veja também: SKEIE, Geir. Imparcial teachers in religious Education: a perspective from a Norwegian context. *Journal British Religion Education*, [s.l.], v. 39, n. 1, p. 25-39, 2016. p. 27.

⁸⁶ MIEDEMA, Siebren. From religious Education to worldview Education and beyond: the strength of a transformative pedagogical paradigm. *Journal for the Study of Religion*, [s.l.], v. 27, n. 1, p. 82-103, 2014b. p. 87.

Junqueira acredita que no caso do docente, “para assumir o Ensino Religioso como componente curricular, é preciso focar a questão mais ampla do ensino-aprendizagem”.

Neste processo de aprendizagem, o docente de Ensino Religioso deve compreender não só o pensamento e a ação da criança, mas a própria experiência e articulação do desenvolvimento religioso de seus estudantes. Existe inevitavelmente uma interação e o que uma criança aprende é sempre o produto de uma experiência que está condicionada por seu nível de desenvolvimento cognitivo.⁸⁷

Ainda, segundo Miedema, uma pedagogia transformadora que se dirige a todos os(as) alunos(as), deve ser: não separatista, não segregacional, não exclusivista.⁸⁸ Portanto, deve ser inclusiva por definição, porque tal pedagogia deseja que as relações transacionais entre alunos(as) com diferentes culturas, etnias, religiões dentre outras floresçam. John Hull afirmou de forma convincente que o ER não se restringe ao ensino do Cristianismo, mas tem uma perspectiva de várias religiões. Para citar suas próprias palavras sobre este assunto: “Os cristãos na educação não estão lá para promover sua própria causa ou para obter o reconhecimento egoísta de sua própria fé, mas eles estão lá para servir”.⁸⁹

Em sociedades liberais-democráticas, de acordo com Habermas, processos de aprendizagem mútua e diálogo entre cidadãos religiosos e seculares devem florescer. O estado precisa ter uma postura positiva em relação às contribuições das comunidades religiosas e pessoas de domínio público, porque podem fornecer sociedades liberais-democráticas com fontes importantes e necessárias para atribuir e criar sentido. Devido a este significado único contribuição da religião e visão de mundo eles devem ser incluídos na esfera pública.⁹⁰

O ER no Brasil é uma questão de alta complexidade e de profundo teor polêmico, segundo Cury.⁹¹ Vale lembrar que os dispositivos constitucionais que remetem ao problema em questão, permitem maior amplitude do tema, conforme citado no Art. 19 da Constituição de 1988.

De acordo com Cury, “a laicidade é clara, o respeito aos cultos é inofensável e quando a lei assim o determinar pode haver campos de mútua cooperação em prol do interesse público, como é o caso de serviços filantrópicos”.⁹²

⁸⁷ JUNQUEIRA, JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Capacitação do Professor de Ensino Religioso: formar o formador!? *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, v. 5, n. 3, p. 48-66, 2019, p. 57.

⁸⁸ MIEDEMA, 2014b, p. 88.

⁸⁹ MIEDEMA, 2014b, p. 93.

⁹⁰ MIEDEMA, 2014a, p. 367.

⁹¹ CURY, Carlos R. J. Ensino Religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 183-213, 2004. p. 185.

⁹² CURY, 2004, p. 184.

A Constituição Federal, baseado nas premissas de Cury, ainda explicita no Art. 5º uma quantidade grande de direitos e deveres individuais e coletivos,⁹³ onde se podem ressaltar os incisos:

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva; VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.⁹⁴

Existe hoje, no início do século XXI, uma diversidade de crenças e não crenças, muitas vezes combinadas, que obrigam o Estado a ter consciência e reflexão, com a sociedade civil, com órgãos públicos, organizações religiosas e universidades, com o objetivo de produzir conhecimento para o desenvolvimento de ações que promovam o respeito à diversidade religiosa. Os dados oficiais disponíveis têm sido incapazes de captar essa diversidade e de produzir informações que permitam compreender a complexidade da religião no contexto brasileiro.⁹⁵

Segundo Ulrich e Gonçalves, baseado na nova BNCC:

Ao longo da história da educação brasileira, o Ensino Religioso assumiu diferentes perspectivas teórico-metodológicas, geralmente de viés confessional ou interconfessional. A partir da década de 1980, as transformações socioculturais que provocaram mudanças paradigmáticas no campo educacional também impactaram no Ensino Religioso. Em função dos promulgados ideais de democracia, inclusão social e educação integral, vários setores da sociedade civil passaram a reivindicar a abordagem do conhecimento religioso e o reconhecimento da diversidade religiosa no âmbito dos currículos escolares.⁹⁶

O Ensino Religioso recebeu, a partir da nova legislação, status de componente curricular, portanto necessita articular-se a partir da escola e não de uma tradição religiosa. O FONAPER esclarece que, em relação à formação e à profissionalização do(a) professor(a) de ER, no domínio dos Estados, faz com que o Brasil prossiga:

A conviver com uma das mais extensas crises éticas, estendendo-se à ética profissional; como é o caso de grande número de profissionais da educação a serviço do Ensino Religioso sem alternativas para a garantia de seus direitos individuais e sociais, notadamente em muitas unidades da Federação. Não perdemos de vista que

⁹³ CURY, 2004, p. 201.

⁹⁴ BRASIL, 1988, [n.p.].

⁹⁵ FONSECA, Alexandre B. Intolerância Religiosa no Brasil: uma análise da realidade social. In: SOUZA, A. R. (eds). *Perspectivas latino-americanas sobre Direito e Religião: lei e religião em um contexto global*. [s.l.]: Springer, 2020. p. 95-115.

⁹⁶ ULRICHI, Claudete Beise; GONÇALVES, José Mario. O estranho caso do Ensino Religioso: contradições legais e questões epistemológicas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 1, p. 14-27. 2018, p. 20.

se trata também de um dado cultural, que é verificado quando se levanta a origem ou proveniência do Ensino Religioso instalada no Brasil, nos sucessivos períodos da história da educação e da formação cultural do povo brasileiro.⁹⁷

Em 1996, o Brasil promulgou uma lei para reformar o sistema educacional, exigindo uma reorganização de todos os currículos, incluindo o do Ensino Religioso. Os novos currículos devem ter como objetivo garantir que os(as) alunos(as) dominem a sua própria língua apreciem os fenômenos religiosos do seu país e aprendam a construir argumentos para que se tornem capazes de propor ideias de forma lógica nas mais diversas situações.

As instituições educacionais devem garantir o acesso ao conhecimento socialmente construído e oferecer oportunidades de socialização e para que os(as) alunos(as) possam vivenciar a cidadania democrática. Os(as) alunos(as) devem ser capazes de refutar ou remodelar o conhecimento fossilizado que pode ter sido distorcido pelo dogmatismo. A busca pela formação de um compromisso nacional com esses objetivos permeia todo o currículo escolar.⁹⁸

A reflexão no entorno do desenvolvimento pedagógico de 1996 foi um impulso para uma nova orientação do currículo do Ensino Religioso. Muitos/as professores/as e especialistas colaboraram para articular uma proposta pedagógica de currículo do Ensino Religioso para torná-lo o mais compatível possível com as novas exigências nacionais.⁹⁹

O debate ainda está em andamento e os pesquisadores ainda estão lutando para resolver as várias lacunas restantes. O principal documento existente, os Parâmetros Curriculares para o Ensino Religioso, de 1996, ainda não foi oficialmente reconhecido pelo Ministério da Educação e Desporto. No entanto, o documento é usado não oficialmente por funcionários da educação do estado para orientar reuniões, programas e capacitação de professores/as.

O reconhecimento não oficial do modelo proposto no documento também é evidenciado nas Diretrizes para a Formação de Professores, de 1998, utilizada por instituições de ensino superior para estruturar seus cursos de formação de professores.¹⁰⁰

Os novos currículos devem ter como objetivo garantir que os(as) alunos(as) dominem a sua própria língua apreciem os fenômenos religiosos do seu país e aprendam a construir

⁹⁷ FONAPER - FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Dossiê: formação do professor de Ensino Religioso*. Curitiba: Mimeo, 2004. p. 12.

⁹⁸ JUNQUEIRA, Sérgio R. A. *Materiais Didáticos para o componente curricular Ensino Religioso visando a implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na Lei 9475/97*. Brasília: CNE, 2016. p. 80.

⁹⁹ SIQUEIRA, Giseli P. *O Ensino Religioso nas escolas públicas do Brasil: implicações epistemológicas em um discurso conflitivo, entre a laicidade e a confessionalidade num estado republicano*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. p. 83.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Fábio D. O ensino religioso no Brasil após o advento da Constituição Federal de 1988. In: JUS.COM.BR [Site institucional]. 01 jun. 2012. [n.p.]. [online]. [n.p.].

argumentos para que se tornem capazes de propor ideias de forma lógica nas mais diversas situações.

As instituições educacionais devem garantir o acesso ao conhecimento socialmente construído e oferecer oportunidades de socialização e para que os(as) alunos(as) possam vivenciar a cidadania democrática. Os(as) alunos(as) devem ser capazes de refutar ou remodelar o conhecimento fossilizado que pode ter sido distorcido pelo dogmatismo. A busca pela formação de um compromisso nacional com esses objetivos permeia todo o currículo escolar.¹⁰¹

Colocar o ER no centro do currículo das escolas ajuda a escola a cumprir sua missão de educar a pessoa inteira para discernir o sentido de sua existência, pois o Ensino Religioso se preocupa não só com o conhecimento intelectual, mas inclui também a aprendizagem emocional e afetiva.

É no mistério da Palavra encarnada que se torna verdadeiramente claro o mistério do que é ser humano: sem o Ensino Religioso os(as) alunos(as) seriam privados de um elemento essencial para a sua formação e desenvolvimento pessoal, que os ajuda a alcançar uma harmonia vital entre fé e cultura. Além disso, crianças e jovens religiosamente alfabetizados são capazes de se engajar em uma crítica plenamente informada de todo o conhecimento, levando, por exemplo, a uma compreensão da relação entre ciência e religião ou história, e entre teologia, esporte e corpo humano.

Segundo Silva, muitos/as professores/as e especialistas colaboraram para articular uma proposta pedagógica de currículo do Ensino Religioso para torná-lo o mais compatível possível com as novas exigências nacionais.¹⁰² O debate ainda está em andamento e os/as pesquisadores/as ainda estão lutando para resolver as várias lacunas restantes.

¹⁰¹ SALA, Fernanda. Ensino Religioso e escola pública: uma relação delicada. In: NOVA ESCOLA [Site institucional]. 01 mai. 2013. [n.p.]. [online]. [n.p.].

¹⁰² SILVA, Vanessa S. *Base Nacional Comum Curricular: uma análise crítica do texto da política*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. p. 113.

3 ENSINO RELIGIOSO COMO COMPONENTE CURRICULAR A PARTIR DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR - BNCC

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – foi elaborada com a finalidade de padronizar e estimular uma educação eficiente, completa e dinâmica em todo território nacional, para Educação e Ensino Fundamental no Brasil. O Ensino Religioso foi incluído pela BNCC como componente de ensino na grade de Ensino Fundamental no Brasil, trazendo, como disciplina da grade escolar o estudo filosófico, histórico e cultural da religião, o que incluiu religiões das quatro diferentes e principais matrizes culturais. Nesse contexto, os/as professores/as necessitam manter-se sempre atualizados e atentos ao currículo proposto pela BNCC, para que, dentro de sala de aula, consigam ministrar aulas de Ensino Religioso de acordo com as competências e objetivos propostas pela BNCC, segundo as unidades temáticas, objetos de conhecimentos e as habilidades a ser desenvolvidas.

Este capítulo busca examinar justamente a importância e relevância da inserção do Ensino Religioso na grade da BNCC, incorporando enquanto componente curricular os ditames do Ensino Religioso, bem como o conteúdo programático do Ensino Religioso. Por meio disso, pretende-se apontar a importância de capacitar professores dentro do currículo da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que trabalha o fenômeno religioso mediante a diversidade religiosa, a tolerância religiosa e a promoção da paz.

3.1 Breve conceito da BNCC e sua importância no estudo do Ensino Religioso

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – foi elaborada baseada em dispositivos como a Constituição Federal de 1988, a Educação Nacional da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação do Ensino Fundamental. Foi aprovada pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 13005/2014) e segundo os elaboradores, a Base deve constituir-se como um avanço para a qualidade da educação, sempre lutando pela definição de educação.¹⁰³ A BNCC é um documento curricular oficial e deve apoiar os currículos dos diferentes municípios e estados do Brasil.

De acordo com Brasil, “a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais

¹⁰³ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. [Base Nacional Comum Curricular] Versão Final. 2018. Brasília: Presidência da República [online]. [n.p.].

que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica [...] (PNE)”.¹⁰⁴

O documento de introdução da BNCC aponta uma ampla participação “[...] como resultado de um amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira em geral”.¹⁰⁵ O Movimento pela Base Nacional Comum relata que, para a construção da BNCC, os especialistas seguiram os sete princípios como orientação expressos no quadro 4.

Quadro 4 – Princípios orientadores para construção da Base Nacional Comum Curricular¹⁰⁶

01	Foco nos conhecimentos, habilidades e valores essenciais que todos devem aprender para o seu pleno desenvolvimento e o desenvolvimento da sociedade.
02	Clareza e objetividade.
03	Fundamentação em evidências de pesquisas nacionais e internacionais.
04	Obrigatoriedade para todas as escolas de Educação Básica do Brasil.
05	Diversidade como parte integrante.
06	Respeito à autonomia dos sistemas de ensino para a construção de seus currículos, e das escolas para a construção de seus projetos pedagógicos.
07	Construção em colaboração entre União, estados e municípios e com a realização de consultas públicas.

No entanto, vários críticos vêm se mostrando incomodados com o modelo de consulta de bases de documento previamente elaborado na secretaria da Educação Básica do Ministério da Educação – SEB/MEC, onde a comunidade consegue executar apenas uma homologação posterior.¹⁰⁷ Os críticos também consideram o formato de participação questionável, visto que o modelo adotado não permite discussão e debate, principalmente de concepções; uma vez que os participantes devem indicar os itens já apresentados no documento quanto à clareza e relevância da proposta preliminar.¹⁰⁸

A produção da BNCC, iniciada em 2015 e concluída em 2017 (Primeira Infância Educação e Ensino Fundamental) e 2018 (Ensino Médio), traz à tona a importância da participação da comunidade epistêmica.¹⁰⁹ Conforme explicado anteriormente, o processo de

¹⁰⁴ BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. 2018, p. 07. [online].

¹⁰⁵ BRASIL, 2016 [online]. [n.p.].

¹⁰⁶ SANTOS, Taciana Brasil dos. O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular: algumas considerações. *Educ Rev*, n. 37, e20016, pp. 1-18. 2021, p. 5.

¹⁰⁷ FREITAS, L. C. Não há base para discutir a Base. 2015. [online]. [n.p.]

¹⁰⁸ ANTUNES, Marina Ferreira de Souza. O Currículo como materialização do estado de gestão: BNCC em questão. *Movimento-Rev Educ*. vol. 6, n. 10, pp. 1-19. 2019.

¹⁰⁹ BALL, Stephen J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. *Currículo sem Fronteiras*, [s.l.], v. 1, n. 2, pág. 99-116, 2001.

produção este documento tem gerado debates no campo da História, do Ensino Religioso, dentre outros, questionando a tradição curricular.

Após a terceira etapa da construção da BNCC ter sido concluída e homologada em 2018, o Ensino Religioso foi separado da área do conhecimento, não fazendo mais parte das Ciências Humanas. Neste caso o ER tornou-se responsável pela discussão de todas as questões relacionadas ao fenômeno religioso como elemento constitutivo das narrativas de sentido individuais e coletivas das sociedades humanas, contradizendo com a primeira etapa. A primeira etapa versa que: “ao longo do Ensino Fundamental, Geografia, História e Ensino Religioso cooperam no processo de compreensão e problematização das ações e relações individuais e coletivas”.¹¹⁰

Segundo Gerone e Bataglia (2020)¹¹¹, no documento da BNCC, a importância do Ensino Religioso vem da composição de temas com reflexões que versam sobre espiritualidade e moralidade, como Identidades e alteridade: “O eu, o outro e o nós”. A BNCC reforça o conhecimento e pensamento sobre crenças e divindades relacionadas com a filosofia de vida: representações e comportamento religioso, modo de viver, sentimentos e memórias e conhecimentos.

Neste caso, o surgimento do ER como instrumento, pode contribuir significativa neste processo. Tal afirmação está pautada na própria LDB, em seus artigos 22 e 33, os quais definem que a educação básica visa formar o(a) aluno(a) para o exercício da cidadania e proporcionar meios para ingressar no trabalho e ensinos posteriores, assim como que o ER, e matrícula facultativa nas escolas, é parte integrante da educação básica do cidadão. Formar para a cidadania por meio do ER consiste em integrar este componente curricular aos princípios estabelecidos que rejam a educação brasileira.¹¹²

De acordo com o estipulado pela BNCC, dentro do Ensino Fundamental, o ER volta-se para a transmissão de conhecimentos científicos e históricos sobre religião, abordando o assunto de forma articulada e fundada em princípios mediadores. O conhecimento deve ser construído com os/as estudantes por meio da observação, identificação e ressignificação dos conceitos sobre religião, em busca da exploração e desenvolvimento de competências específicas, definidas na BNCC, sendo elas: “conhecer os aspectos estruturantes das diferentes

¹¹⁰ SANTOS, 2021. p. 8.

¹¹¹ GERONE, Lucas Guilherme Teztlaff de. BATAGLIA, Patricia Unger Raphael. Espiritualidade e moralidade na prática dos professores. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, ed. 09, vol. 01, pp. 108-120. Setembro de 2020.

¹¹² NEVES, Soraya Monteiro. *Ensino Religioso no âmbito da cultura de paz: análise de uma proposta pedagógica para os anos iniciais*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós Graduação em Religião e Esfera Pública. Faculdade Unida de Vitória, Vitória. 2018. 138 fls.

tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida”¹¹³; a compreensão da filosofia existente no ser humano e sua compreensão do viver, o que envolve suas experiências e saberes religiosos, assim como a forma com que a religião do homem se manifesta em seu cotidiano, em diferentes tempos e espaços; propiciar a habilidade de reconhecer e cuidar “de si, do outro e da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida”¹¹⁴; aprender a conviver com a pluralidade de crenças religiosas, respeitando e enaltecendo as diferentes tradições religiosas e a forma com que elas impactam os diferentes campos da sociedade, o que engloba da cultura ao meio ambiente; por fim, a competência da ER na sistemática da BNCC expõe a necessidade de aprender a se posicionar forte e convictamente contra qualquer manifestação de intolerância e discriminação de cunho religioso.

Essas competências reforçam o caráter intercultural e ético voltado à alteridade do Ensino Religioso, pois, mostra-se, com clareza, que o ER está inserido em um contexto educacional que visa favorecer o respeito, tolerância e contemplação das histórias, crenças e convicções oriundas das diferentes religiões, o que inclui todas as quatro matrizes religiosas - indígena, ocidental, oriental e afro-brasileira.

O ER como disposto na BNCC viabiliza que, “nos anos finais, a criança-adolescente tem desenvolvidas as faculdades psico-cognitivas que lhe proporcionarão condições de compreensão do fenômeno religioso, do ponto de vista discursivo-teológico.”¹¹⁵

As aulas de ER podem contemplar temáticas que fazem parte da realidade do(a) aluno(a), sendo boas ou más, agregando a conteúdos que fazem parte do currículo do ER proposto pelas normatizações e documentos basilares. É preciso compreender que o ER agrega conteúdos que podem contribuir neste processo, desde que não seja ferramenta de controle social de catequização e de proselitismo. Em outras palavras, o ER deve educar para a cidadania e para a Cultura de Paz, articulando assuntos contemporâneos referentes à violência e demais questões que permeiam a sociedade em seus diversos contextos.¹¹⁶

¹¹³ MARTINS, Nathália Ferreira de Sousa; RODRIGUES, Elisa. Aspectos teóricos e didáticos da formação do professor de ensino religioso: Perspectivas à luz da Ciência(s) da(s) Religião(ões) e da Base Nacional Comum Curricular. Revista Caminhando, São Paulo, ano 2018, v. 23, n. 2, 2018, p.138-139.

¹¹⁴ MARTINS; RODRIGUES, 2018, pp.139-140.

¹¹⁵ ULRICH, Claudete Beise; REIMER, Ivoni Richter; BARRETO JR. Raimundo César *et al.* Ensino Religioso: um componente curricular em construção. *Caminhos*, Especial, v. 18, p. 3-9, p. 5. 2020.

¹¹⁶ FERREIRA, Renan da Costa; BRANDENBURG, Laude Erandi. O Ensino Religioso e a BNCC: possibilidades de se educar para a paz. *Caminhos*, v. 17, n. 2, p. 508-522, maio. /ago., p. 4. 2019.

3.2 Conteúdos Curriculares

Os conteúdos curriculares significam a totalidade do que deve ser ensinado em um sistema escolar. O componente de conteúdo da situação de ensino-aprendizagem refere-se aos fatos, princípios e conceitos importantes a serem ensinados. Esses conteúdos devem estar alinhados com as experiências de aprendizagem e deve haver um objetivo bem definido a ser alcançado ao final de cada lição. Podendo ser na forma de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores aos quais os(as) alunos(as) são expostos.

É preciso compreender que o ER agrega conteúdos que podem contribuir neste processo, desde que não seja ferramenta de controle social de catequização e de proselitismo. Em outras palavras, o ER deve educar para a cidadania e para a Cultura de Paz, articulando assuntos contemporâneos referentes à violência e demais questões que permeiam a sociedade em seus diversos contextos. As pesquisas realizadas possibilitaram reconhecer que o componente curricular ER contribui para resgatar, promover a construção de valores relacionados a:

- Elucidar a importância do ER escolar na promoção de uma escola fraterna, cidadã e solidária, com abordagem a respeito da diversidade religiosa e do pluralismo cultural, a promoção da fraternidade, cidadania e solidariedade, na perspectiva da cultura da paz;
- Incentivar o uso do diálogo como ferramenta pedagógica para construção do respeito e da tolerância às diversidades religiosas.

Favorecer a interdisciplinaridade dos componentes curriculares com o componente curricular ER para incitar a formação da cidadania. O ER tem auxiliado na promoção da construção de uma escola fraterna, cidadã e solidária, o que responde à pergunta norteadora da presente pesquisa, que busca pelos pontos que devem ser abordados na construção de um currículo que trabalhe o fenômeno religioso e respeite a diversidade religiosa na formação de professores/as da disciplina ER. O componente curricular ER propõe deve propor uma socialização que o conduz a criar novos entendimentos e sentimentos, de maneira que propicie uma releitura e decodificação das diversas religiões e tradições, absorvendo novas experiências durante as aulas a partir de saberes significativos desenvolvendo o respeito mútuo.¹¹⁷

¹¹⁷ ULRICH, Claudete Beise; REIMER, Ivoni Richter; BARRETO JR. Raimundo César *et al.* Ensino Religioso: um componente curricular em construção. *Caminhos*, Especial, v. 18, p. 3-9, p. 5. 2020.

A BNCC, através das competências específicas do ER para o ensino fundamental, reforça a sua importância através do quadro 5:

Quadro 5 – Competências específicas do Ensino Religioso para o ensino fundamental¹¹⁸

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz.

Muitos são os desafios para alcançar níveis razoáveis de consenso e coexistência pacífica entre os seres humanos. “O ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações tecidas em determinado contexto histórico-social, em um movimento ininterrupto de apropriação e produção cultural”.¹¹⁹ Além da falta de diálogo sobre questões mais objetivas que permeiam a vida social, há impasses, controvérsias e disputas, o que se pode dizer dos embates entre convicções e crenças diversas, muitas vezes antagônicas sobre determinados dogmas, princípios e costumes. Não seria de se esperar que todos vivessem da mesma forma a experiência que cada um passa em sua ação de se reconectar com algum ser ou com algo superior e transcendente, capaz de conduzi-lo originalmente ou devolvê-lo ao um nível de segurança, paz, esperança ou outros sentimentos ou emoções agradáveis.

No que se refere ao exercício da fé, conviver e respeitar a diversidade e o pluralismo deve ser algo umbilicalmente relacionado ao próprio direito à liberdade religiosa. Mas a realidade sempre parece ser muito diferente. É importante considerar as palavras de Sullivan:

¹¹⁸ BRASIL, 2017, p. 437.

¹¹⁹ BRASIL, 2017, p. 438.

Você não pode celebrar a liberdade religiosa e negá-la àqueles cuja religião você não gosta. A história humana apoia a ideia de que a religião, pequena religião 'r', é uma parte quase onipresente e talvez necessária da cultura humana. A Religião Grande 'R', por outro lado, a Religião que é protegida em constituições e leis de direitos humanos sob a teoria política liberal, não é. Grande 'R' A religião é uma invenção moderna, uma invenção projetada para separar a boa religião da má religião, a ortodoxia da heresia – uma invenção cujo uso legal e político chegou ao fim de sua vida útil.¹²⁰

A religião é uma manifestação da cultura de um povo específico e está ligada a esse povo e ao território onde vive. A religião é o resultado da relação de um povo com o que é sagrado para eles, e deste sagrado com o que é sagrado para os outros. Portanto, quando se fala de uma liberdade religiosa garantida constitucionalmente, é difícil explicar por que apenas uma ou outra religião é efetivamente protegida e normalmente essas garantias são dadas apenas à algumas religiões em nosso país.

A conduta da intolerância paira perigosamente sobre qualquer campo de convivência social, formando-se pela absurda certeza da posse de uma verdade absoluta, que pode evoluir para a construção de um pensamento de imposição dessa verdade aos outros. Quando se trata de atuação religiosa, esses riscos parecem ser ainda maiores e mais complexos. A diversidade torna o mundo bonito e faz com que cada uma das pessoas tenha uma prioridade, perspectiva e ponto de vista diferentes sobre o mesmo tema.

O ser humano está imerso em um processo de busca e crescimento pessoal, no qual ele cria seu próprio projeto vital baseado em sua relação com sua existência e suas condições de vida. Independentemente da cultura, idade, raça, sexo, profissão ou nível educacional, todo ser humano é sempre na necessidade de enfrentar certas condições universais de existência, a partir daí criar seu próprio projeto particular da vida. Ao mesmo tempo em que faz parte do mundo, é também um ser capaz de constituir o mundo, porque é aquele que a interpreta e lhe dá sentido.¹²¹

Na unidade referente a área do ER da nova BNCC,

[...] pretende-se que os estudantes reconheçam, valorizem e acolham o caráter singular e diverso do ser humano, por meio da identificação e do respeito às semelhanças e diferenças entre o eu (subjetividade) e os outros (alteridades), da compreensão dos símbolos e significados e da relação entre imanência e transcendência.¹²²

¹²⁰ SULLIVAN, Winnifred Fallers. A impossibilidade da liberdade religiosa. [Site Institucional]. 8 de jul. 2014. [n.p]. [online]. [n.p].

¹²¹ BAUTISTA, Jesús Silva; ESCOBAR, Venazir Herrera; MIRANDA, Rodolfo Corona. Crenças científicas e religiosas sobre a Origem da Vida e Vida após a Morte: validação de uma escala. *Univ J Educ Res*, vol. 5, n. 6, pp. 995-1007, 2017.

¹²² BRASIL, 2017, p. 438.

Nesse sentido, a variedade de explicações para questões sobre a origem do universo, natureza humana, vida após morte ou sobre o próprio papel do ser no mundo é construída a partir da reflexão racional que integra a ideologia do ser humano, bem como menos racional e práticas mais emocionais que alimentam o que tem sido chamado crenças; de tal forma, que ao longo da história o ser humano gerou uma série de respostas de cunho religioso, filosófico e científico.

É relevante que a escola ofereça em seu currículo oportunidades de debates, reflexões e formações continuadas sobre as diversidades religiosas e problematize a realidade dos/as discentes e docentes, a intolerância aos desiguais só não ocorre quando as pessoas têm acesso ao conhecimento sobre o tema. Os trabalhos desenvolvidos por meio da interdisciplinaridade, exigem dos envolvidos atitudes desafiadoras e cautelosas em prol do reconhecimento da diversidade religiosa e/ou a ausência de confissão de fé ou credo.

É necessário dialogar para fomentar os pensamentos diferente, gerando crescimento e introduzindo diversas possibilidades que fomentem o desenvolvimento integral. Fomentar o diálogo para incentivar o interesse nas descobertas culturais e religiosas, na busca pelo respeito e igualdade de expressão de cada um, agregando valores e conceitos à sua formação cidadã, moral e ética.

O componente curricular ER propõe deve propor uma socialização que o conduz a criar novos entendimentos e sentimentos, de maneira que propicie uma releitura e decodificação das diversas religiões e tradições, absorvendo novas experiências durante as aulas a partir de saberes significativos desenvolvendo o respeito mútuo. A diversidade religiosa está presente nas escolas, diretamente ligada às diversidades cultural e social e devem ser respeitadas. No espaço escolar, em contato com outras pessoas é um local para alcançar diferentes conhecimento e agregar outros aos que já possui.¹²³

De acordo com o BNC, há três temas principais que, quando somados, abordam a integralidade do currículo da disciplina para o Ensino Fundamental, sendo essas:

1) “Identidades e alteridades”, nesta seara os estudantes são estimulados a reconhecer e valorizar a identidade humana sob a ótica da diversidade, pontuando as diferenças e as similaridade entre o eu e os demais, compreendendo ainda a relação entre a imanência e a transcendência;

¹²³ POZZER, Adecir. Concepção de Ensino Religioso no FONAPER: trajetórias de um conceito em construção. In: POZZER et al. *Diversidade Religiosa e ensino religioso no Brasil: memórias, propostas e desafios*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010. 192 p, p.83.

2) “Manifestações religiosas”, grupo temático que comporta os símbolos, os rituais, os espaços, a organização das figuras de autoridade das diferentes religiões, de diferentes matrizes, na qual, além de se deter ao estudo de tudo já apontado, ainda há, através do conhecimento, a assimilação de que por mais diferentes que sejam as características de uma religião em comparação com a exercida pelo estudante, deve-se respeitar, valorizar e prezar por todas as manifestações religiosas;

3) “Crenças religiosas e filosofias de vida”, por sua vez, cuida das diferentes filosofias de vida e de religiões, estudando mitos, ideias e divindades dentro das crenças e doutrinas religiosas, ainda abordando a forma com que essas são transmitidas entre gerações.¹²⁴

O ER deve ser ministrado de forma dinâmica e rica em informações para estimular nos/as discentes o interesse pela cultura religiosa, independente de confessar algum tipo de fé ou credo, de forma que possam valorizar, conhecer e respeitar as diversas demonstrações religiosas, permitindo que aconteça uma transformação capaz de assegurar que todos disponham de espaço para discutirem sobre suas opiniões sem ter a preocupação de serem alvos de críticas. O ER é um componente curricular que pode contribuir no entendimento da diversidade religiosa e na formação social dos/as discentes, pois é neste espaço que as pessoas oportunizam momentos de discussão e conscientização de que o que é diferente precisa ser respeitado e pode acrescentar conhecimento e enriquecimento cultural sendo o ser humano, um ser social, possui assim sua individualidade e diversidade, uma vez que, ao experimentar a sociabilidade, adquire hábitos, costumes, atitudes e valores culturais.

Para isto, baseado nas competências supracitadas, a BNCC¹²⁵ sugere que seja trabalhado dentro dos conteúdos assuntos/temas relacionados a:

- O eu, o outro e o nós
- Imanência e transcendência
- Sentimentos, lembranças, memórias e saberes
- O eu, a família e o ambiente de convivência
- Memórias e símbolos
- Símbolos religiosos
- Alimentos sagrados
- Espaços e territórios religiosos

¹²⁴ BRASIL, 2017, pp. 436-437.

¹²⁵ BRASIL, 2017, pp. 438-441.

- Práticas celebrativas
- Indumentárias religiosas
- Ritos religiosos
- Representações religiosas na arte
- Ideia(s) de divindade(s)
- Narrativas religiosas
- Mitos nas tradições religiosas
- Ancestralidade e tradição oral
- Tradição escrita: registro dos ensinamentos sagrados
- Ensinamentos da tradição escrita
- Símbolos, ritos e mitos religiosos
- Místicas e espiritualidades
- Lideranças religiosas
- Princípios éticos e valores religiosos
- Liderança e direitos humanos
- Crenças, convicções e atitudes
- Doutrinas religiosas
- Crenças, filosofias de vida e esfera pública
- Tradições religiosas, mídias e tecnologias
- Vida e morte
- Princípios e valores éticos.

O terceiro capítulo se encerra com a caracterização de alguns temas/assuntos dos conteúdos relacionados ao estudo do Ensino Religioso mencionados e sugestões de planos de aula inseridas nos apêndices, para serem utilizados em turma de alunos(as) do 6º ao 9º Ano de Escolaridade do Ensino Fundamental, tendo como referência os critérios de organização das habilidades do componente Curricular Ensino Religioso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).¹²⁶ Seguem algumas temáticas a serem abordadas no currículo dos anos finais do Ensino Fundamental.

¹²⁶ No apêndice deste Trabalho de Conclusão do Curso serão apresentadas sugestões de Planos de Aula para o(a) professor(a) utilizar com a finalidade de alcançar alguns objetivos de aprendizagem importantes.

3.2.1 Organizações religiosas

Organizações religiosas promovem e regulam as relações entre seres humanos e divindades, ordens sobrenaturais ou princípios metafísicos supremos. As organizações religiosas costumam ter como objetivo promover a adoração, a oração, a meditação, o ensino, a cura e o bem-estar espiritual de acordo com textos, códigos e leis oficiais. Sua distinção está claramente em, por exemplo, adoração e doutrina.¹²⁷

Muitos tipos de organizações religiosas existem nas sociedades modernas. Os sociólogos geralmente os agrupam de acordo com seu tamanho e influência. Categorizados desta forma, existem três tipos de organizações religiosas: igreja, seita e culto. “Elas possuem muitas variações, mas como pontos em comum promovem adorações, orações, meditação, doutrina, curas, e bem-estar espiritual de acordo com revelações, textos, códigos, leis e princípios”.¹²⁸

Em respeito à diversidade, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso, do FONAPER, são apontados para este enfoque.

O Ensino Religioso, valorizando o pluralismo e a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, facilita a compreensão das formas que exprimem o Transcendente na superação da finitude humana e que determinam, subjacentemente, o processo histórico da humanidade.¹²⁹

Com isto, baseado neste enfoque supracitado, os objetivos do FONAPER apontam que a tarefa do Ensino Religioso é “possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável”.¹³⁰

3.2.2 Lugares sagrados

A religião há muito tempo vem desempenhando um papel central na experiência humana. Baseado no estudo de Ranquetat Junior (2012)¹³¹, a religião organizada existe de uma forma ou de outra desde o início da civilização. Bilhões de pessoas, hoje, organizam suas vidas

¹²⁷ RANQUETAT JÚNIOR, César Alberto, 2012.

¹²⁸ SERAFIM, Maurício Custódio. *Sobre esta igreja, edificarei minha empresa: organizações religiosas e empreendedorismo*. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 257 fls., p. 44. 2008.

¹²⁹ FONAPER - *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009, p. 46-47

¹³⁰ FONAPER, 2009, p. 47.

¹³¹ RANQUETAT JÚNIOR, César Alberto, 2012.

em torno de ensinamentos religiosos e consideram uma variedade de lugares ao redor do mundo sagrados.

Segundo algumas pesquisas realizadas no decorrer deste estudo, foram elaboradas uma lista dos 09 locais religiosos mais importantes do mundo. Embora necessariamente incompletos esses locais sejam tesouros culturais intangíveis (Quadro 6):

Quadro 6 – dez lugares sagrados mais importantes do mundo

Lugares/Local/Religião	Características
Basílica de São Pedro, Cidade do Vaticano (Catolicismo)	Basílica de São Pedro no Vaticano é a maior igreja do mundo. Projetado em parte por Michelangelo, é o melhor exemplo de arquitetura renascentista que existe. Apesar de não ser realmente a catedral católica de mais alto nível (uma distinção mantida pela Basílica de São João de Latrão em Roma), a Basílica de São Pedro é frequentemente considerada a maior igreja da cristandade. ¹³²
Muro das Lamentações, Jerusalém (Judaísmo)	O local mais sagrado do judaísmo é o Monte do Templo em Jerusalém, onde ficava o Segundo Templo até ser destruído em 70 EC, mas uma das paredes dele ainda está de pé e é conhecida hoje como Muro das Lamentações – o lugar mais sagrado para o judaísmo. O muro de contenção ocidental do templo é preservado desde então e é considerado o lugar mais importante para se reunir e orar. ¹³³
Grande Mesquita de Meca, Arábia Saudita (Islã)	A tradição islâmica afirma que os fiéis devem orar cinco vezes por dia enquanto enfrentam a Kaaba, uma estrutura em forma de cubo localizada no centro da Grande Mesquita de Meca. Uma vez durante a vida, espera-se que todos os muçulmanos que possam realizar a peregrinação anual do Hajj a Meca. ¹³⁴
Santuário de Bahá'u'lláh, Acre, Israel (Bahá'í Faith)	Popular, embora ainda amplamente desconhecida no Ocidente, a Fé Bahá'í ensina abertura e inclusão. Os adeptos encontram valor intrínseco em todas as crenças religiosas e trabalham para a harmonia entre todos os povos. O santuário está situado em

¹³² GASPARETO JÚNIOR, Antônio. *Basílica de São Pedro*. [Site institucional]. 2021. [n.d.] [online]. [n.p.].

¹³³ SANTANA, Ana Lucia. *Muro das lamentações*. [Site institucional]. 2021. [n.d.] [online]. [n.p.].

¹³⁴ MARQUES, Vera Lúcia Maia. *Sobre práticas religiosas e culturais islâmicas no Brasil e em Portugal: notas e observações de viagem*. Tese [Doutorado em Sociologia]. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2009.

	um jardim idílico ao norte do centro de Acre. ¹³⁵
Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém (Cristianismo)	Localizada no bairro cristão de Jerusalém, a Igreja do Santo Sepulcro é considerada pela maioria das denominações cristãs como os dois locais mais sagrados da fé: o lugar onde Jesus foi crucificado e a tumba onde foi sepultado e ressuscitado. ¹³⁶
Templo Kashi Vishwanath, Varanasi, Índia (Hinduísmo)	O Templo Kashi Vishwanath em Varanasi, Índia, é dedicado à divindade hindu Shiva. Amplamente considerado um dos templos mais importantes do hinduísmo, está situado na margem ocidental do rio Ganges. Varanasi é um importante local de peregrinação para os hindus. ¹³⁷
Templo Dourado, Amritsar, Índia (Sikhismo)	O Templo Dourado em Amritsar é considerado o local de culto mais importante da fé. O templo imaculado é construído em mármore branco e revestido com folha de ouro. Ele fica no centro de um grande lago artificial cercado por uma trilha para caminhada. ¹³⁸
Grande Santuário de Ise, Ise, Japão (Xintoísmo)	O xintoísmo se originou no Japão e seus praticantes encontram espiritualidade em todas as coisas. Os santuários xintoístas criam um ambiente harmonioso adequado para meditação e contemplação. O Grande Santuário de Ise é considerado por muitos como o mais significativo da fé. Dedicado à deusa do sol Amaterasu, apresenta um design de moldura de madeira característico da arquitetura xintoísta. ¹³⁹
Templo Mahabodhi, Bodh Gaya, Índia (Budismo)	No budismo tradicional, o Buda é considerado uma figura digna de emulação, em vez de uma divindade. Em Bodh Gaya, perto das margens do rio Falgu, fica um dos locais de peregrinação budista mais importante do mundo. É aqui, de acordo com as escrituras budistas, que Siddhattha Gotama, o primeiro Buda, atingiu a iluminação enquanto estava sentado à sombra de uma árvore Bodhi. ¹⁴⁰

¹³⁵ SANTANA, Ana Lucia. *Fé Bahá'í*. [Site institucional]. 2021. [n.d.] [online]. [n.p.].

¹³⁶ SANTIAGO, Emerson. *Santo Sepulcro*. [Site institucional]. 2021. [n.d.] [online]. [n.p.].

¹³⁷ FABRI, Marina. *Varanasi, a cidade mais sagrada da Índia, e tudo que ela me ensinou*. [Site institucional]. 08 jun, 2020. [n.d.] [online]. [n.p.].

¹³⁸ ANTUNES, Luiza. 7 cidades sagradas para as maiores religiões do mundo. [Site institucional]. 21 dez. 2016. [n.d.] [online]. [n.p.].

¹³⁹ SHIODA, Cecília Kimie Jo *et al.* *Dô – Caminho da arte: do belo do Japão ao Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2013. p. 99.

¹⁴⁰ ANTUNES, Luiza. [online]. [n.p.].

Tempo Ameríndio	<p>A religião do povo <i>olmeca</i> influenciou significativamente o desenvolvimento social e mitológico do mundo da Mesoamérica. Os estudiosos vêm ecos do sobrenatural <i>olmeca</i> nas diferentes religiões e mitologias subsequentes. Não sobreviveu nenhuma narrativa directa das crenças desta civilização, como o Popol Vuh dos <i>maias</i> ou os vários códices pictográficos do México central. Portanto, os arqueólogos basearam-se noutras fontes para reconstruir as crenças <i>olmecas</i>, nomeadamente: a análise tipológica da iconografia e arte <i>olmeca</i>. Comparação com as culturas pré-colombianas mais tardias e melhor documentadas. Comparação com as modernas culturas Indígenas Americanas. As duas últimas fontes assumem que existe uma continuidade desde os tempos <i>olmecas</i>, passando pelas culturas mesoamericanas tardias, até aos dias presentes. Esta assumpção chama-se a «Hipótese da Continuidade». Usando estas fontes, os investigadores discerniram várias deidades separadas ou seres sobrenaturais, incorporando as características de diversos animais.¹⁴¹</p>
-----------------	--

Os grandes locais religiosos do mundo são exemplos poderosos de como a humanidade há muito busca compreender o mundo e nosso lugar nele. Muitas vezes, a fonte de conflito, essas visões têm significado e significado para crentes e não crentes. As pessoas não precisam aderir a uma única fé ou credo para apreciar a beleza e majestade desses lugares. Estejam as pessoas em uma jornada espiritual de descoberta ou apenas procurando alguns lugares espetaculares para visitar, os locais religiosos mais importantes do mundo têm muito a oferecer.

Este tema auxilia a explorar as semelhanças e diferenças entre os locais sagrados, podendo ser observado a arquitetura do local feita em uma variedade de períodos e lugares. Cada pessoa (aluno(a)) tem noção diferente de “lugares sagrado”. Alguns pensam em espaços religiosos, mas outros podem pensar em uma paisagem natural, uma biblioteca, um monumento cívico ou um lugar relaxante. Este tema irá expor os(as) alunos(as) a uma variedade de culturas e religiões e, no processo, esperamos inspirar tolerância e respeito por aqueles com sistemas de crenças diferentes dos deles.

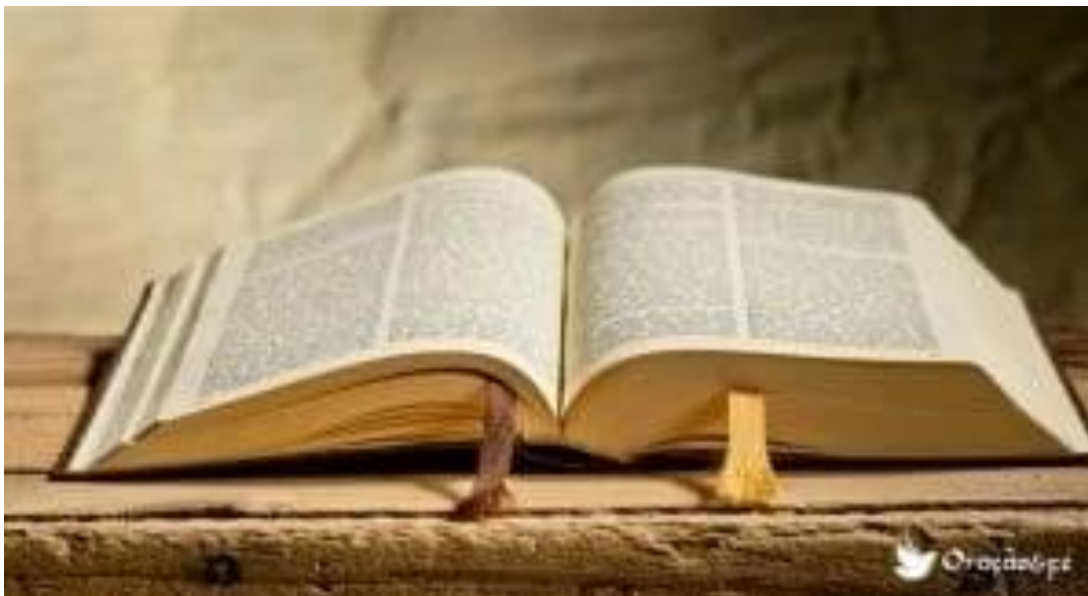
¹⁴¹ TEMPO AMERÍNDIO, Ancient America. Mesoamérica, tagged América Antiga, Arqueologia, História, Religião on 7 de Julho.

3.2.3 Textos sagrados

Todas as religiões têm uma rica história de textos, sejam eles a palavra de Deus revelada aos profetas, histórias orais recontadas de uma geração a outra ao longo dos séculos, ou escritas em livros. Muitas religiões possuem textos sagrados e dentre os mais conhecidos estão às diversas Bíblias cristãs, o Alcorão islâmico, a Torá judaica, entre outros.¹⁴²

A Bíblia (figura 2) é considerada um texto sagrado por três grandes religiões do mundo: Judaísmo, Cristianismo e Islã. Muitos crentes devotos consideram ser a verdade literal. Outros o tratam com grande respeito, mas acreditam que foi escrito por seres humanos e, como tal, é um documento complexo e muitas vezes contraditório.¹⁴³

Figura 2 – Bíblia Sagada Cristã¹⁴⁴



Estudiosos modernos acreditam que a Bíblia Hebraica (figura 3), ou Tanakh, foi composta por quatro ou cinco escritores entre 1000 e 400 aC, com base em tradições muito mais antigas. O Novo Testamento foi composto por uma variedade de escritores entre 60 e 110

¹⁴² SEED/PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Superintendência de Educação. *Textos sagrados*. 2009, p. 105.

¹⁴³ FLEURI, Reinaldo Matias *et al.* *Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver*. Blumenau: Edifurb, 2013. 232 p.

¹⁴⁴ ORAÇÃO E FÉ. *Bíblia on line*. 2017.

dC. O conteúdo do Novo Testamento foi formalizado por Atanásio de Alexandria em 367 dC e finalmente canonizado em 382 dC¹⁴⁵.

Existem muitas divergências sobre a ordem e composição da Bíblia entre várias religiões e seitas, algumas das quais são de natureza doutrinária. A sequência de livros neste hipertexto não deve ser interpretada como endossando nenhuma religião em particular¹⁴⁶.

Figura 3 – Manuscrito da Bíblia Hebraica¹⁴⁷



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 09/06/2022.

Ao longo da história, a arte e a escrita tiveram uma relação especial com a religião. Muitas das principais religiões do mundo usaram a arte para honrar o divino ou para transmitir os ensinamentos da fé. Quando os textos sagrados de uma religião são decorados, ambos os objetivos são alcançados ao mesmo tempo.¹⁴⁸

A discussão do texto sagrado é um espaço no qual os humanos podem, em diálogo com o texto e seus co-leitores, desvendar *insights* sobre suas experiências de vida. A prática religiosa é um espaço onde os seres humanos afirmam o valor da vida e definem os princípios

¹⁴⁵ VIEIRA, Lira Córdova. *A performance nos salmos: dança dos corpos nos textos*. Dissertação [Mestrado em Letras: Estudos Literários] Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2011. 150 fls.

¹⁴⁶ LAPA, Marco Antônio Teixeira. *Cadernos de estudos: introdução à sagrada escritura e bibliologia*. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, 2009. 177 fls.

¹⁴⁷ MUNDIAL, Biblioteca Digital. *Bíblia Hebraica*. [Site institucional]. 2017. [online]. [n.p.].

¹⁴⁸ SEED/PR, 2013, p. 105.

orientadores através dos quais esperam viver suas vidas e dar sentido às suas experiências. Quando os dois são reunidos por meio de uma pedagogia de texto de resposta do leitor em salas de aula de textos religiosos, surge uma oportunidade importante e ainda inexplorada para a formação de identidade.

De acordo com Costa Lins (2020, p. 220)

O compromisso da escola com o desenvolvimento pleno da pessoa engloba diferentes aspectos, desde os especificamente individuais a todos os relacionamentos sociais. Além da excelência de ensino, do ponto de vista científico-técnico, da informação atualizada e das pesquisas das diferentes áreas de conteúdo do saber, há que se proporcionar ao indivíduo em formação o ensino religioso, como um dos pontos fundamentais de sua escolarização. O ensino religioso não é algo distanciado desta realidade, pois sua proposta coincide exatamente com esta dupla formação para criança e para o jovem, não excluindo a alta qualidade que deve ser meta da escola.

149

A capacidade de aprendizado dos/as alunos/as no ER depende de sua capacidade de compreender fontes, como livros didáticos, escrituras sagradas, imagens e outras formas de discurso. Os professores de ER, portanto, precisam de ferramentas práticas para integrar leitura e aprendizagem.

3.2.4 Universo simbólico religioso

Um símbolo é algo que representa ou representa outra coisa. Os símbolos podem ser comunicados verbalmente, por escrito ou não verbalmente. Em qualquer caso, os símbolos que geralmente usados representam outra coisa, como um objeto físico ou uma ideia. Eles não correspondem realmente à coisa que está sendo referenciada de forma direta.¹⁵⁰

Ao contrário dos hieróglifos do antigo Egito (figura 4), que muitas vezes tinham uma relação literal entre o símbolo escrito e o objeto referenciado, os símbolos usados nas línguas modernas não se parecem em nada com o objeto ou ideia a que se referem.


¹⁴⁹ COSTA LINS, Maria Judith Sucupira da. Ensino Religioso no desenvolvimento integral da pessoa. *Rev Contemp Educ*, vol. 1, n. 2, p. 209-221. 2006., p. 220.

¹⁵⁰ CABRAL, João Francisco Pereira. *Os símbolos e o comportamento humano na antropologia de Leslie White*. 2021.

Figura 4 - Hieróglifos do antigo Egito.¹⁵¹

Símbolos são palavras, gestos, imagens ou objetos que carregam um significado particular que só é reconhecido por aqueles que compartilham uma cultura particular (quadro 7). Novos símbolos se desenvolvem facilmente, os antigos desaparecem. Os símbolos de um determinado grupo são regularmente copiados por outros. É por isso que os símbolos representam a camada mais externa de uma cultura.¹⁵²



Quadro 7 – Símbolos religiosos e suas origens.¹⁵³


Símbolos	Origem
<p>Cruz (Cristianismo)</p> 	<p>A cruz é mais do que o símbolo quase universal do Cristianismo. Este design simples leva a mensagem de amor, finalidade, promessas cumpridas e muito mais para as pessoas ao redor do mundo. A cruz é o símbolo mais amplamente conhecido no mundo, adornando milhões de igrejas e capelas. Embora seja bom ver esse símbolo tão aceito, é fácil perder de vista o que a cruz originalmente representava.</p> <p>Além de representar a morte de Cristo, a cruz simboliza Deus, Jesus e o Espírito Santo, nas pontas superior, inferior e lateral, respectivamente.</p>
<p>Estrela de Davi (Judaísmo)</p>	<p>Estrela de Davi de seis pontas é um símbolo comum tanto para o Judaísmo quanto para Israel. Conhecido em hebraico como <i>Magen David</i> (escudo de David),</p>

¹⁵¹ OLIVEIRA, Osvaldo. *A Bíblia é um livro sagrado – 3*. 2015.

¹⁵² RANQUETAT JÚNIOR, César Alberto, 2012.

¹⁵³ Adaptado de Fujita, Luiz. *Qual é a origem dos símbolos religiosos*. [Site Institucional]. 04 jul. 2018. [n.p.]. [online]. [n.p.]

	<p>geometricamente são dois triângulos sobrepostos, formando um hexagrama, representando a união ou equilíbrio entre o céu e a terra.</p>
<p>Lua crescente no Islã</p> 	<p>O uso da lua crescente e da estrela como símbolos, na verdade, é anterior ao Islã em vários milhares de anos. As informações sobre as origens do símbolo são difíceis de confirmar, mas a maioria das fontes concorda que esses antigos símbolos celestes eram usados pelos povos da Ásia Central e da Sibéria em sua adoração aos deuses do sol, da lua e do céu. Também há relatos de que a lua crescente e a estrela foram usadas para representar a deusa cartaginesa Tanit ou a deusa grega Diana.</p>
<p>OM (Hinduísmo)</p> 	<p>A sílaba "Om" ou "Aum" é de suma importância no hinduísmo. Este símbolo é uma sílaba sagrada que representa <u>Brahman</u>, o Absoluto impessoal do Hinduísmo - onipotente, onipresente e a fonte de toda existência manifesta. Vários textos dos Vedas – as escrituras sagradas hinduístas – começam com Om e significa “aquilo que protege”</p>
<p>Dharmacakra (Budismo)</p> 	<p>Embora muitos não considerem o budismo como religião, a filosofia também carrega sua marca. A roda do dharma, ou <i>dharmacakra</i> em sânscrito, é um dos símbolos mais antigos do budismo. Em todo o mundo, é usado para representar o budismo da mesma forma que uma cruz representa o cristianismo ou uma estrela de David representa o judaísmo.</p>
<p>Yan Yin (Taoísmo)</p> 	<p>Duas metades que juntas completam a totalidade. Yin e yang também são o ponto de partida para a mudança. Quando algo é completo, por definição, é imutável e completo. Estudando as sombras projetadas pelo movimento do Sol, os chineses montaram um tipo de infográfico indicando a duração de dias e de noites ao longo do ano. A palavra Yin acaba significando “lado sombrio” e Yang “lado ensolarado”.</p>

<p>Khanda (Sikhismo)</p> 	<p>O Khanda é o símbolo dos Sikhs, assim como a Cruz é para os Cristãos ou a Estrela de David é para os Judeus. Ele reflete alguns dos conceitos fundamentais do Sikhismo. O nome do símbolo deriva da espada de dois gumes (também chamada de Khanda) que aparece no centro do logotipo. A espada da esquerda se refere ao poder espiritual cruzando o poder político, simbolizado pela espada à direita.</p>
--	--

Ao longo da história, esses símbolos foram amplamente usados em obras de arte religiosas para comunicar uma mensagem de fé e aproximar o adorador de Deus. Hoje, esses símbolos ainda ressoam e podem ser encontrados em muitos de nossos designs inspirados pela fé. Sutil ou aberto, eles são simples lembretes de crenças acalentadas.

“O símbolo pode relacionar-se a acontecimentos marcantes. Para as pessoas religiosas os símbolos de sua religião se vinculam aquilo que é sagrado”.¹⁵⁴ A simbologia das cores varia de acordo com a cultura e o olhar que o ser humano atribui a ela.

Segundo SEED-PR,¹⁵⁵

A utilização da cor preta para os ocidentais é associada à morte e ao luto, já os orientais associam a morte à cor branca. O azul escuro pode significar para o ser humano o mistério e a profundidade da alma. O vermelho pode simbolizar para o homem a vida, o nascimento, a morte, a paixão e o amor. As vestes utilizadas pelos líderes religiosos também possuem um sentido simbólico. A batina é uma vestimenta utilizada por diáconos, presbíteros, bispos e seminaristas. Ela possui 33 botões para representar a idade de Cristo, e nos punhos mais cinco botões para representar as Chagas de Cristo. A cor mais usada por seminaristas, diáconos e presbíteros é o preto, com colarinho branco.

Para SEED-PR¹⁵⁶ e Ranquetat Júnior¹⁵⁷, a importância dos símbolos na comunicação das tradições religiosas é considerada a fim de desenvolver uma crítica para aumentar seu potencial para facilitar a integração e a totalidade. O sonho religioso é uma experiência tão universal quanto o sonho. Mas, ao contrário dos antigos que interpretavam seus sonhos religiosos no contexto de suas visões religiosas, o homem contemporâneo está muito acorrentado pelo materialismo científico para apreciar plenamente os sonhos religiosos.

¹⁵⁴ SEED/PR. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Superintendência de Educação. *Ensino religioso: diversidade cultural e religiosa*. Curitiba: SEED/PR., p. 140. 2015. – 309 p.; ilus.

¹⁵⁵ SEED/PR, p. 141. 2015.

¹⁵⁶ SEED/PR, 2015.

¹⁵⁷ RANQUETAT JÚNIOR, César Alberto. 2012.

Imagens e símbolos religiosos nos sonhos podem fornecer uma fonte de crescimento e saúde hoje, como eram na antiguidade.

Ao longo da história, esses símbolos foram amplamente usados em obras de arte religiosas para comunicar uma mensagem de fé e aproximar o adorador de Deus. Hoje, esses símbolos ainda ressoam e podem ser encontrados em muitos dos *designs* inspirados pela fé. Sutil ou aberto, eles são simples lembretes de crenças acalentadas.

3.2.5 Temporalidade sagrada

O mundo de hoje muitas vezes parece plano e unidimensional porque a existência moderna carece de uma camada do sagrado e existe apenas no plano do profano, isto é, secular, em um termo mais religioso. De acordo com Elíade¹⁵⁸, o sagrado e o profano constituem os “dois modos de estar no mundo”. O sagrado representa um mistério fascinante e inspirador - uma “manifestação de uma ordem totalmente diferente” de nossa vida cotidiana natural (ou profana).

O homem religioso busca experimentar o sagrado tanto quanto possível, pois ele o vê como o reino da realidade, a fonte de poder e que está “saturado de ser”. Para o homem religioso, o profano parece irreal, e leva a um estado de “não ser”. Em contraste, o homem não religioso recusa qualquer apelo ao mistério ou ao sobrenatural. Como humanista, ele acredita que o homem se faz, e ele só se faz completamente na proporção em que de sacraliza a si mesmo e ao mundo.¹⁵⁹

Um dos poderes potentes do ritual é a capacidade de definir certos tempos e espaços como sagrados, como algo fundamental e totalmente diferente do profano.

3.2.6 Festas religiosas

A vida tem tudo a ver com felicidade e, como seres humanos, a interação social com os semelhantes não só traz felicidade, mas também ajuda a aumentar a capacidade de aprender línguas, familiarizar com as culturas, inquirir, pensar, brincar e trabalhar.¹⁶⁰

¹⁵⁸ ELIADE, M. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins fontes. 1992.

¹⁵⁹ MENDONÇA, M. L. V. P. *A História das religiões de Mircea Eliade: estatuto epistemológico, metodologia e categorias fundamentais*. Tese [Doutorado em Ciência da Religião] Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2015. 573 fls.

¹⁶⁰ LOTUFO NETO, Francisco; LOTUFO JR., Zenon; MARTINS, José Cássio. *Influências da religião sobre a saúde mental*. 2009.

As festas religiosas são uma forma expressiva de celebrar uma herança, cultura e tradições gloriosas. Destinam-se a alegrar momentos e emoções especiais nas vidas das pessoas com seus entes queridos. Elas desempenham um papel importante para adicionar estrutura às vidas sociais e se conectar com as famílias e origens. Elas dão uma distração do dia a dia, rotina exaustiva da vida, e dão alguma inspiração para lembrar as coisas e momentos importantes da vida. As festas religiosas começaram a passar as lendas, conhecimentos e tradições para a próxima geração.¹⁶¹

Todas as diferentes festas religiosas trazem a mesma mensagem de amor, tolerância e compreensão. Nessas ocasiões, as pessoas expressam gratidão a Deus, pela coisa ou evento especial que se originou nesta festa em particular. Festas religiosas como o Natal, adquiriram significado cultural ao longo dos séculos.¹⁶²

Ao longo da história e em sociedades de todo o mundo, os líderes usaram narrativas, símbolos e tradições religiosas na tentativa de dar mais sentido à vida e compreender o universo. Alguma forma religiosa é encontrada em todas as culturas conhecidas e geralmente é praticada de forma pública por um grupo. A prática religiosa pode incluir festas e festivais, Deus ou deuses, casamento e serviços funerários, música e arte, meditação ou iniciação, sacrifício ou serviço e outros aspectos da cultura. Deve-se ter respeito pelas mais diversas religiosidades.¹⁶³

3.2.7 Ritos

Os estudiosos da religião ainda precisam concordar sobre o que é o ritual. Eles também ainda precisam chegar a um acordo sobre a fronteira (se tal fronteira existe) entre o ritual religioso e o ritual secular. Até certo ponto, o ritual é um daqueles fenômenos que se enquadram no título de "você sabe quando vê".¹⁶⁴

De acordo com SEED-PR¹⁶⁵, “os rituais possuem propósitos distintos nas tradições religiosas, tais como: prestar culto a Deus, pontuar mudanças de estado de ser, estabelecer a filiação, celebrar momentos da vida e acontecimentos importantes”.

¹⁶¹ SEED-PR, 2013.

¹⁶² GOMES, Eunice Simões Lins; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso: religião e cultura*. João Pessoa: Editora: UFPB, 2016. 315 p.

¹⁶³ SEED-PR, 2013, p 14-15.

¹⁶⁴ SEED-PR, 2013.

¹⁶⁵ SEED-PR, 2013, p. 205.

Apesar da ausência de uma definição - ou talvez por causa da ausência - o rito atraiu muita atenção de estudiosos dos estudos religiosos, antropólogos, historiadores, sociólogos, psicólogos e outros especialistas.¹⁶⁶

De acordo com Rivière, a ritualidade faz parte da vida cotidiano do homem desde a vida infantil:

[...] a ritualidade já na vida infantil [...] 'na aquisição de hábitos e valores que implicam em numerosos microrrituais na vida diária da criança'. Pode-se igualmente reconhecê-la nos trotes estudantis, bem como nos concertos de rock e outros grandes espetáculos musicais, representando 'os ritos de exibição da adolescência marginal'. O ritualismo encontra-se igualmente na apresentação regulada do corpo [...] há também ritualidade associada à prática esportiva. A propósito desta e sobretudo do futebol.¹⁶⁷

Pode-se observar que algumas pessoas aderem às mensagens de um texto religioso, enquanto outros escolhem aspectos de um rito religioso que melhor se adaptam às suas necessidades pessoais. Em outras palavras, a ritualidade está presente em vários domínios socialmente significativos e pode ser expressa em uma variedade de diferentes níveis de compromisso e fervor.

3.2.8 Vida e morte

A forma que a vida após a morte assume é diferente em cada religião e, às vezes, há uma diferença de crença entre os membros da mesma religião. Algumas pessoas que não são religiosas também acreditam na vida após a morte, enquanto outras acreditam que não existe existência após a morte.

Nas diretrizes curriculares da SEED-PR, os autores mencionam que,

As religiões procuram dar explicações aos seus adeptos para a vida além da morte, as respostas elaboradas nas diversas tradições e manifestações religiosas e sua relação com o Sagrado podem ser trabalhadas sob as seguintes interpretações: o sentido da vida nas tradições e manifestações religiosas; a reencarnação - além morte, ancestralidade, espíritos dos antepassados que se tornam presentes e outras; ressurreição; apresentação da forma como cada cultura/organização religiosa encara a questão da morte e a maneira como lidam com o culto aos mortos, finados e dias especiais para tal relação.¹⁶⁸

Nesse mesmo sentido, em relação a dimensão da transcendência, Brasil menciona,

¹⁶⁶ RANQUETAT JÚNIOR, César Alberto, 2012.

¹⁶⁷ GOMES, Eunice Simões Lins; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (orgs.). *Ensino Religioso: educação e cultura*. João Pessoa: Editora UFPB, 2016. 315P. : il, p. 128.

¹⁶⁸ SEED-PR, 2013, p. 234.

A dimensão da transcendência é matriz dos fenômenos e das experiências religiosas, uma vez que, em face da finitude, os sujeitos e as coletividades sentiram-se desafiados a atribuir sentidos e significados à vida e à morte. Na busca de respostas, o ser humano conferiu valor de sacralidade a objetos, coisas, pessoas, forças da natureza ou seres sobrenaturais, transcendendo a realidade concreta.¹⁶⁹

Todo ser humano tem dentro de si a necessidade de se relacionar com o transcendente, o que está além do humano, no campo do sagrado. A incapacidade de encontrar uma resposta imediata a uma série de questões existenciais alimenta o desejo de conhecer ou compreender o mistério, buscar o que o indivíduo considera como sendo sagrado, criando ou fundamentando essa crença em tradições escritas, tradições orais, celebrações, ritos ou mitos, e tantas outras formas de encontrar a resposta.¹⁷⁰

Apesar de não haver evidência científica para a vida após a morte, a crença neste sentido é forte entre os religiosos e também entre algumas pessoas não religiosas. Para a maioria das pessoas religiosas, a crença na vida após a morte é baseada nos ensinamentos das escrituras ou tradições. Os textos sagrados do cristianismo, judaísmo e islamismo falam de uma vida após a morte, portanto, para os seguidores dessas religiões, a vida após a morte foi prometida por Deus.

3.3 Diversidade religiosa

Aprender a conhecer e a respeitar a diversidade religiosa é parte integrante do componente curricular ER e da Educação Básica. A diversidade religiosa é o fato de que existem diferenças significativas nas crenças e práticas religiosas. Sempre foi reconhecido por pessoas de fora das comunidades menores e mais isoladas. Mas, desde o início dos tempos modernos, o aumento das informações sobre viagens, publicações e emigração forçou pessoas atenciosas a refletirem mais profundamente sobre a diversidade religiosa¹⁷¹.

Assim, segundo Fleuri:

Pode-se deduzir que a expressão, a manifestação e a construção histórico-cultural do religioso nos inúmeros grupos e sociedades humanas, em diferentes tempos, espaços e lugares, ocorre de modo singular, complexo e diverso. No terreno da busca religiosa, a humanidade já construiu e continua construindo diferentes e múltiplas respostas à problemática da existência e da morte. Dessas, se originaram diferentes concepções sobre a(s) divindade(s), em torno das quais se organizam crenças, mitologias,

¹⁶⁹ BRASIL, 2017, p. 438.

¹⁷⁰ BRASIL, 2017, p. 438-441.

¹⁷¹ FLEURI, Reinaldo Matias *et al.* *Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver*. Blumenau: Edifurb, 2013. 232 p., p. 26.

doutrinas ou formas de pensamento relacionadas com a esfera do sobrenatural, além da diversidade de práticas e princípios éticos e morais.¹⁷²

Ao longo da história e em sociedades de todo o mundo, os líderes usaram narrativas, símbolos e tradições religiosas na tentativa de dar mais sentido à vida e compreender o universo. Alguma forma de religião é encontrada em todas as culturas conhecidas e geralmente é praticada de forma pública por um grupo. A prática da religião pode incluir festas e festivais, Deus ou deuses, casamento e serviços funerários, música e arte, meditação ou iniciação, sacrifício ou serviço e outros aspectos da cultura. Deve-se ter respeito pelas mais diversas religiões.¹⁷³

Dois subcampos compõem a vertente mais tradicional e quase substantiva da história religiosa brasileira: o cristianismo – se não mais particularmente o catolicismo – e o reino genericamente denominado “afro”, englobando experiências e tradições que acompanham ritmicamente os fluxos escravistas como seu único bem, seu até agora único tesouro inalienável.

O cristianismo no Brasil passa a ser plural. O catolicismo é uma presença modulada, mas massiva. Ao lado, deve-se destacar a diversidade (e tradicionalmente discreta) do mundo protestante chamado "histórico", muitas vezes ofuscado pelo barulho pentecostal. A sua presença proporciona um contraste eficaz, especialmente para algumas de suas denominações e estratos populacionais mais próximos do jogo autônomo da razão, para quem o dogmatismo institucional católico gera descontentamento religioso. Sem dúvida, a representação mais comum do universo protestante histórico é de uma estagnação quase mumificada (talvez não tanto em áreas de colonização suíça ou alemã, onde o calvinismo e o luteranismo são religiões quase "étnicas"). Apenas duas alternativas estariam disponíveis para isso: ou fazer parte da revitalização geral e se "renovar", ou desaparecer. Mas tal representação está errada, ou pelo menos ultrapassada.¹⁷⁴

Pesquisas recentes no Rio de Janeiro mostraram que, depois de ter permanecido perto da estagnação até uma década atrás, as igrejas protestantes tradicionais (para não falar das que aderiram ao movimento de renovação pentecostal) são vivas, recrutando seus seguidores até mesmo entre os jovens. Em certas áreas, sua vitalidade é hoje equivalente à dos batistas e da Assembleia de Deus.¹⁷⁵

As religiões afro-brasileiras constituem poderosas fontes de força interior, permitindo que os crentes reafirmem sua identidade africana. O candomblé e suas tradições são centrais na

¹⁷² FLEURI, Reinaldo Matias *et al.* p. 26. 2013.

¹⁷³ SEED-PR, 2013, p. 20-27.

¹⁷⁴ SANCHIS, Pierre. A religião dos brasileiros. *Teor Soc*, vol. 3, n. se, p, 1-29. 2007, p. 3.

¹⁷⁵ SANCHIS, 2007, p. 4.

vida de muitos afro-brasileiros. Líderes religiosos realizam suas cerimônias em iorubá. Os rituais do candomblé foram incorporados ao tecido da identidade nacional brasileira desde as oferendas de Réveillon ao mar (durante o *Revellion*), dança de *capoeira*, *rodas de samba* (*rodas*).

Na Umbanda existe uma associação frouxa de santos católicos romanos com divindades africanas e indígenas. É comum em áreas urbanas onde não é possível estabelecer *terreiros de candomblé de tamanho normal*, que exigem terrenos relativamente grandes. Existem diferenças regionais significativas em relação à prática da Umbanda e muitos líderes religiosos emprestam-se de diversas tradições religiosas ocidentais e não ocidentais. Apesar das fortes raízes religiosas africanas no Brasil, o pentecostalismo carismático trazido por missionários estrangeiros é uma das religiões que mais crescem no Brasil hoje.¹⁷⁶

Em relação ao momento das práticas religiosas afro-brasileiras, Parés afirma que,

Apesar de suas diversas origens políticas e culturais, os africanos ocidentais e os africanos centro-ocidentais compartilhavam algumas orientações religiosas básicas. Com forte foco pragmático na solução dos problemas deste mundo, o dinamismo e a flexibilidade de suas práticas religiosas foram fundamentais para sua rápida reativação dentro da sociedade escravista brasileira. A transferência atlântica, no entanto, privou as instituições africanas de sua base social estrutural, de modo que um processo complexo e inovador de reinstitucionalização foi necessário para permitir que novas formas de religiões afro-brasileiras surgissem.¹⁷⁷

Contra essa visão folclorizante, o mundo religioso afro no Brasil não é feito apenas de permanência, cópia ou repetição. Ela também está viva, ou seja, em constante, dinâmica e tensa recriação em torno de um complexo eixo de representação identitária que, ora, leva a reivindicar a autenticidade de seus "fundamentos" tradicionais e, ora, a desloca para a assimilação de outras influências, latente ou presente ativamente no espaço religioso brasileiro.¹⁷⁸

Dentro do universo simbólico, reativou latências antigas, e se articulou com elas para marcar o campo de forma tão profunda que alguns/mas alunos/as chegam a perguntar se a fundamental cultura religiosa brasileira não deveria ser reconhecida como tendo sido moldado por ele mais do que pelo católico: o espiritismo. Seja como for, este é sim um grande articulador, uma presença multifacetada no campo religioso nacional. Basta afirmar que, em grande medida, uma linhagem e família, introduzida ainda mais recentemente, mas já assimilada, "à brasileira", a certas correntes umbandistas, compreende os cultos de origem

¹⁷⁶ MOREIRA, Morgana Arreguy Corrêa. *Simbologia do terreiro: conexão entre o espaço e a mitologia das religiões afro-brasileiras. Uma análise do terreiro 3 poderes – Ouro Preto – MG*. Bacharelado (Arquitetura e Urbanismo) Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, 2020. 130 fls, p. 39.

¹⁷⁷ PARÉS, Luis Nicolau. Religiões africanas no Brasil. [Site institucional]. 26 de maio de 2021. [n.p.]. [online].

¹⁷⁸ SANCHIS, 2007, p. 4.

oriental. São eles o budismo em suas várias obediências, o hinduísmo de Krishna, os grupos japoneses de *Seicho no Iê*, a Liberdade Perfeita ou a Igreja Messiânica, e assim por diante.¹⁷⁹

Em seu artigo sobre as religiões brasileiras, Sanchis menciona ainda a Doutrina do Santo Daime, considerada a mais antiga raiz religiosa brasileira, que segundo consta, desempenhou “a tarefa de fundir em uma única experiência espiritual intensa e contínua segmentos das camadas sociais mais representativas da modernidade - intelectuais e artistas – e o estrato mais radical do Brasil historicamente primevo¹⁸⁰, topologicamente profundo e vegetal: o indígena”.¹⁸¹

A diversidade religiosa é expressa de forma muito intensa no Brasil, onde existem diversas crenças e tradições religiosas que são vivenciadas no contexto do sistema educacional – apresentando assim um grande desafio. Por este motivo, a adoção do ER nas escolas numa forma como indicada pela BNCC dá aos/às professores/as a oportunidade de trabalhar a diversidade religiosa no contexto escolar como uma motivação para desenvolver o respeito e a tolerância entre professores/as e alunos/as por aquilo que é 'diferente'. Muitas vezes nas escolas públicas, observam-se conflitos ou intolerância religiosa entre ambas as partes, procurando, com este tema e com a escurrita aplicação das competências e objetivos do componente curricular ER, compreender melhor os fatores que geram desrespeito entre alunos/as e professores/as e, por meio do diálogo e do conhecimento, sanar o ódio e a intolerância por meio do conhecimento científico. O conhecimento e o reconhecimento da diversidade cultural e religiosa brasileira é parte integrante do currículo do ER, tendo a área das Ciências com referência para o estudo e pesquisa sobre o fenômeno religioso.

¹⁷⁹ SANCHIS, 2007, p. 5.

¹⁸⁰ Primevo - Relativo aos primeiros tempos; antigo, primitivo. Saiba mais em: <https://www.dicio.com.br/primevo/> [Site institucional]. [n.d.]. [n.p.]. [online].

¹⁸¹ SANCHIS, 2007, p. 5.

CONCLUSÃO

Pode-se observar a partir do estudo realizado que o Brasil é uma sociedade com problemas sociais contínuos, um legado de seu passado colonial e pós-colonial, mas também resultado da dramática urbanização. Todos estes problemas tiveram um impacto no panorama religioso do Brasil atual. Um dos impactos foi a crescente diversificação devido à chegada de outras denominações cristãs, bem como de outras religiões, como o Islamismo, o Judaísmo, o Budismo e o Hinduísmo.

Aprender sobre religião e aprender com a religião são importantes para todas as pessoas, principalmente no que diz respeito a professores (a) e alunos (as), pois o Ensino Religioso os auxilia a desenvolver uma compreensão de si próprios e dos outros. O componente curricular Ensino Religioso promove o desenvolvimento espiritual, moral, social e cultural de indivíduos e de grupos e comunidades. A inclusão do ER no currículo escolar é apresentada como um significado importante de conhecimento da história da disciplina, bem como compreender o processo de formação e, especialmente, a capacitação dos docentes.

Cumpra aqui dizer que, em conformidade com tudo que foi estudado e pesquisado na confecção da presente pesquisa, que a docência é essencial na efetivação dos objetivos e competências do currículo criado pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC para o componente curricular do Ensino Religioso, afinal, é por meio da didática e competência desses dentro da sala de aula que tudo se concretiza.

Daí, a capacitação dos professores e professoras para que melhorem e acertem as temáticas trabalhadas em sala de aula torna-se essencial, afinal, sem esse alinhamento de temas não é possível trabalhar o fenômeno religioso da forma esperada, que é pela reafirmação da paz como princípio e pelo respeito à diversidade religiosa.

O componente curricular ER é vital na preparação dos alunos(as) para se engajarem em uma sociedade multi religiosa e multissecular diversa e complexa. É necessário um programa essencial onde a fé, crenças, doutrinas, práticas e história das religiões mundiais sejam cobertas com sensibilidade e respeito. Nenhuma tentativa de doutrinar, fazer proselitismo ou apresentar uma visão tendenciosa seria apropriada, motivo pelo qual, mais uma vez, a capacitação dos professores/as é de salutar importância.

Participar do Curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória/ES é um ganho impar para o profissional da educação. Simultaneamente, a formação docente o curso oferece oportunidades de desenvolver novas competências e habilidades, norteadas pela reconstrução do conhecimento como forma de relacionar a

informação à prática formativa. Cumpre reforçar que a coordenação e corpo docente do curso estão qualificados com mérito para contribuir com todas as discussões necessárias e pertinentes para que os alunos/as possam dirimir dúvidas e ampliar conhecimentos à cerca dos conteúdos apresentados na grade curricular, ido além no que diz respeito à valorização dos Direitos Humanos do cidadão de bem comum.

Como restou assinalado no preâmbulo, este estudo apresentou uma pequena clareada no rico campo de estudos sobre religião no Brasil. Baseado nos estudos e artigos encontrados, as reflexões sobre as mudanças da sociedade brasileira nas últimas décadas deram um indicativo da complexidade da religião no Brasil.

Também buscou-se pontuar como as competências e os objetivos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC sobre o Ensino Religioso complementa o conceito de Ensino Religioso científico, afastando-se da teologia, já que, a primeira tem como objetivo contemplar o estudo das religiões tanto no aspecto subjetivo, da filosofia de vida e da condição humana na Terra, bem como as manifestações religiosas no mundo natural, buscando compreender de forma acadêmica a relação do indivíduo com a religião e da sociedade com as religiões.

Isso é feito sempre numa perspectiva plural, dinâmica e receptiva, longe de julgamentos e preconceitos, podendo-se afirmar que o Ensino Religioso não cuida de apenas uma religião ou religiões que advém de uma ou duas matrizes específicas, mas a todas elas, valorizando-as como manifestações da identidade e subjetividade humana, individual e socialmente, podendo concluir que esses são os pontos nevrálgicos para a capacitação dos professores de Ensino Religioso.

Por meio da adoção do currículo da BNCC, as aulas do Componente Curricular Ensino Religioso têm a potencialidade de criar um espaço educacional de aprendizagem, marcado pelo permanente e rico diálogo e intercâmbio de informações entre alunos/as e professores/as, com o claro incentivo ao acolhimento de diversidades culturais e religiosas, sempre pautando-se pela preservação dos Direitos Humanos, pela paz e pela tolerância.

Trata-se de um instrumento valioso da Educação como um todo, utilizar-se do Ensino Religioso como mola propulsora para a criação de uma aprendizagem extremamente democrata, respeitosa e igualitária, já que, nos objetivos da BNCC o Ensino Religioso volta-se justamente para o conhecimento sobre religiões como criador de meios convivência e respeito entre alunos/as, independentemente da crença individual de cada um.

A revisão feita ao longo da presente pesquisa identificou que existem desafios significativos que limitam a alta qualidade no Componente Curricular Ensino Religioso (ER).

Alguns foram evidenciados ao longo do texto produzido. Outrossim ainda persistem indagações/considerados que fomentarão outras pesquisas para instigar o leitor a apropriar-se de informações que muitas vezes estão distorcidas e escamoteadas.

Neste contexto é possível elucidar que muito se tem realizado nos ambientes escolares mais muito ainda precisa ser feito. Com a formação continuada na área de Ciências das Religiões e do Componente Curricular Ensino Religioso será possível que:

- Os ambientes escolares possa proporcionar aos alunos condições de frequentarem aulas do componente curricular ER para realizar discussões/diálogos que fomente o respeito à diversidade cultural religiosa não supervalorizando as formas de proselitismo;
- Os temas discutidos/debatidos junto com os professores poderão contribuir para resgatar valores e atitudes que consolidem a pluralidade e diversidade religiosa sem reforçar uma hegemonia religiosa que perdura junto às religiões que tem melhor poder aquisitivo reforçada pelas mídias;
- Os objetivos preconizados pela BNCC para o componente curricular ER, tais como a busca por uma convivência plena com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver, valorização da diversidade e pluralidade religiosa cultural precisam ser construídos coletivamente primando pela cultura da educação para a paz;
- Durante dos estudos/discussões é preciso incentivado o rompimento da hegemonia da ideia de que existe somente uma religião em detrimento que um coletivo de diversidade religiosa visa consolidar uma sociedade plural, mais igualitária e diversificada, superando as desigualdades, diferença e diversidade;
- Os espaços acadêmicos precisam contribuir para que mais pessoas tenham acesso às informações relacionadas à valorização da diversidade e pluralidade religiosa em espaços acadêmicos variados com uma proposta curricular inovadora;
- Os autores, as obras da literatura brasileira, que retratam a valorização da diversidade e pluralidade religiosa precisam ganhar mais visibilidade nos espaços escolares enfatizando a temática da diversidade e pluralidade religiosa.

Enfim são necessários que todos os esforços sejam empreendidos para que mais pessoas possam realizar estudos relacionados à compreensão dos conteúdos abordados no Componente

Curricular Ensino Religioso como forma de valorização da pluralidade e a diversidade religiosa existente no país.

Todos os estudos, lições aprendidas contribuíram para que a pedagoga/pesquisadora diminuísse um pouco das suas inquietações à cerca da complexidade de saber dialogar sobre assuntos relacionados à área das Ciências das Religiões e os Componentes Curriculares do Ensino Religioso.

Todo o construto produzido durante o período acadêmico, será amplamente socializada, sendo um divisor de água para auto formação da pedagoga/pesquisadora e veio de informações para que o leigos/profissionais da educação/professor possa ler/se orientar. Caminho a ser trilhado para que as pessoas possam compreender que os assuntos relacionados à área das Ciências das Religiões e os Componentes Curriculares Ensino Religioso, podem e devem ser amplamente discutidos, socializados, proliferando a diversidade e a pluralidade religiosa presente em todos os espaços sociais que deve ser valorizada dando visibilidade aos estudos relacionados a área das Ciências das Religiões

Foi apresentada neste estudo, incisivamente, uma proposta de formação docente que contemple reflexões sobre como a área de Ciências das Religiões pode contribuir para fomentar um ambiente de interação e elaboração de conhecimento entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem do/a aluno/a e do/a professor/a. Parafraseando Paulo Freire (1921), pode-se concluir que “é nadando que se aprende a nadar”. “É trabalhando que se aprende a trabalhar”. “Praticando, aprendemos a praticar melhor”.

REFERÊNCIAS

- ALBERTS, Wanda. Didática do Estudo das Religiões. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 55, n. 2, p. 300-334, 2008.
- ANTUNES, Luiza. *7 cidades sagradas para as maiores religiões do mundo*. [Site institucional]. 21 dez. 2016. [online]. [n.p.]. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/superlistas/7-cidades-sagradas-para-as-maiores-religoes-do-mundo/>. Acesso em 13 set. 2021.
- ANTUNES, Marina Ferreira de Souza. O Currículo como materialização do estado de gestão: BNCC em questão. *Movimento-Rev Educ*. v. 6, n. 10, pp. 1-19. 2019.
- BAUTISTA, Jesús Silva; ESCOBAR, Venazir Herrera; MIRANDA, Rodolfo Corona. Crenças científicas e religiosas sobre a Origem da Vida e Vida após a Morte: validação de uma escala. *Univ J Educ Res*, v. 5, n. 6, pp. 995-1007, 2017.
- BELLUCCI JUNIOR, José A.; MATSUDA, Laura M. O enfermeiro no gerenciamento à qualidade em serviço hospitalar de emergência: revisão integrativa da literatura. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 797-806, 2011.
- BERNARDI, Clacir J.; CASTILHO, Maria A. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. *Revista Interações*, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 set. 2021.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão Final. 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- CARLOS, Juliana G.; DAMASCENO, Márcia C. A. Ensino Religioso: leis e lacunas no sistema educacional brasileiro. *Revista Unitas*, Vitória, v. 5, n. 2, p. 431-451, 2017.
- CARON, Lurdes. *Políticas e práticas curriculares: formação de professores de ensino religioso*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CARVALHO, Marcos C.; SÍVORI, Horácio F. Ensino Religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira. *Revista Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, p. 1-35, 2017.
- COSTA LINS, Maria Judith Sucupira da. Ensino Religioso no desenvolvimento integral da pessoa. *Rev Contemp Educ*, v. 1, n. 2, p. 209-221. 2006., p. 220.
- COSTA, Antônio M. F. Um breve histórico do Ensino Religioso na educação brasileira. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER), XXII, 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2009. [n.p.]. Disponível em:

chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fchla.ufrn.br%2Fhumanidades2009%2FAnais%2FGT07%2F7.4.pdf&clen=68329&chunk=true. Acesso em: 13 set. 2021.

COUTINHO, José Maria M. C. P. *Modernidade, religiosidade e universidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011.

CURY, Carlos R. J. Ensino Religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 183-213, 2004.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ENRICONI, Louise. Migrações religiosas no mundo. In: POLITIZE [Site institucional]. 20 jul. 2017. [n.p.]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/migracoes-religiosas-no-mundo/>. Acesso em: 13 set. 2021.

EVANS, Matthew T. O sagrado: diferenciando, esclarecendo e ampliando conceitos. *Revista Religião e Pesquisa*, [s.l.], v. 45, n. 1, p. 32-47, 2003.

FABRI, Marina. *Varanasi, a cidade mais sagrada da Índia, e tudo que ela me ensinou*. [Site institucional]. 08 jun, 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www.viajao.com.br/varanasi-a-cidade-mais-sagrada-da-india/>. Acesso em 13 set. 2021.

FLEURI, Reinaldo M. *Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver*. Blumenau: Edifurb, 2013.

FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Dossiê: formação do professor de Ensino Religioso*. Curitiba: Mimeo, 2004.

FONAPER - Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009, p. 46-47.

FONSECA, Alexandre B. Intolerância Religiosa no Brasil: uma análise da realidade social. In: SOUZA, A. R. (eds). *Perspectivas latino-americanas sobre Direito e Religião: lei e religião em um contexto global*. [s.l.]: Springer, 2020. p. 95-115.

FREIRE, Wescley F. A. Religião, esfera pública e pós-secularismo: o debate Rawls-Habermas acerca do papel da religião na democracia liberal. *Revista Saberes*, Ji-Paraná, v. 1, n. 10, p. 104-134, 2014.

FREITAS, L. C. Não há base para discutir a Base. 2015. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/>. Acesso em 27 de out. 2021.

GALEN, Luke W.; KLOET, James D. Bem-estar mental no religioso e no não religioso: evidências para uma relação curvilínea. *Revista Saúde Mental, Religião e Cultura*, [s.l.], v. 14, n. 7, p. 673-689, 2011.

GASPARETTO JÚNIOR, Antônio. *Basílica de São Pedro*. [Site institucional]. 2021. [n.p.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/cristianismo/basilica-de-sao-pedro/>. Acesso em 13 setembro 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERONE, Lucas Guilherme Teztlaff de. BATAGLIA, Patricia Unger Raphael. Espiritualidade e moralidade na prática dos professores. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05. ed. 09, v. 1. pp. 108-120. Setembro de 2020.

GOMES, Eunice Simões Lins; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (orgs.). *Ensino Religioso: educação e cultura*. João Pessoa: Editora UFPB, 2016. 315P. : il, p. 128.

JUNQUEIRA, Sérgio R. A. *Materiais Didáticos para o componente curricular Ensino Religioso visando a implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na lei 9475/97*. Brasília: CNE, 2016.

KACHAN, Felipe; CARVALHO, Talita; FIGUEIREDO, Danniell. Liberdade Religiosa: o que diz a Constituição? In: POLITIZE [Site institucional]. 18 jun. 2019. [n.p.]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/artigo-5/liberdade-religiosa/>. Acesso em: 13 set. 2021.

KRAUSE, Neal. Dúvida religiosa, ajudar os outros e bem-estar psicológico. *Journal Relig. Health*, [s.l.], n. 54, p. 745-758, 2015.

LARA, Tiago A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia do Renascimento aos nossos dias*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

LEITE, Fábio C. O laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 32-60, 2011.

LITTLE, Willian. *Introdução à sociologia*. 2. ed. Houston: Open Stax College, 2012.

MACAELE, Carlo. O desafio do pluralismo religioso na escola. [s.l.]: [s.n.], 2020.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. *Sobre práticas religiosas e culturais islâmicas no Brasil e em Portugal: notas e observações de viagem*. Tese [Doutorado em Sociologia]. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2009.

MARTINS, Nathália Ferreira de Sousa; RODRIGUES, Elisa. Aspectos teóricos e didáticos da formação do professor de ensino religioso:: Perspectivas à luz da Ciência(s) da(s) Religião(ões) e da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Caminhando*, São Paulo -SP, ano 2018, v. 23, n. 2, 2018.

MENDONÇA, M. L. V. P. *A História das religiões de Mircea Eliade: estatuto epistemológico, metodologia e categorias fundamentais*. Tese [Doutorado em Ciência da Religião] Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2015. 573 fls.

MIEDEMA, Siebren. “Going out religiously!” Religion, public sphere and formation of religious identity. *Journal Official Religion Education Association*, [s.l.], v. 109, n. 4, p. 362-377, 2014b.

MIEDEMA, Siebren. From religious Education to worldview Education and beyond: the strength of a transformative pedagogical paradigm. *Journal for the Study of Religion*, [s.l.], v. 27, n. 1, p. 82-103, 2014a.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 01 abr. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 2, de 07 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.* Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf. Acesso em: 01 abr. 2022.

MOTA, Clarice S.; TRAD, Leny A. B.; VILLAS BOAS, Maria J. V. O papel da experiência religiosa no enfrentamento de aflições e problemas de saúde. *Revista Interface*, São Paulo, v. 16, n. 42, p. 665-675, 2012.

OLIVEIRA, Fábio D. O ensino religioso no Brasil após o advento da Constituição Federal de 1988. In: JUS.COM.BR [Site institucional]. 01 jun. 2012. [n.p.]. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/22135/o-ensino-religioso-no-brasil-apos-o-advento-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 13 set. 2021.

ORAÇÃO E FÉ. *Bíblia online*. [Site institucional]. 01 jun. 2012. [n.p.]. Disponível em: <https://www.oracaoefe.com.br/biblia-online/>. Acesso em 03 mar. 2022.

PADEN, Roger. A justificativa redutiva do utilitarismo de preferência de Hare. *The Southern Journal of Philosophy*, [s.l.], v. 34, n. 3, p. 361-378, 1996.

PEREIRA, Júnia S.; MIRANDA, Sonia R. Laicização e intolerância religiosa: desafios para a história ensinada. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 99-120, 2017.

PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, Reginaldo. Diversidade religiosa no Brasil: números e perspectivas em uma avaliação sociológica. *Revista Sociologia Inter*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 629-639, 2000.

PROTHERO, Stephen. *As grandes religiões do mundo*. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2010.

QUEIROZ, Carlos. *Vida após a morte: um estudo a partir da mensagem paulina em 1 Coríntios 15*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

QUEIROZ, Christina. O crescimento da fé evangélica. In: NEXO [Site institucional]. 09 dez. 2019. [n.p.]. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>. Acesso em: 13 set. 2021.

RANQUETAT JÚNIOR, César A. *Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO, Wesley S. *Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no Século XXI*. Dissertação (Mestrado em Ciências de Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

SALA, Fernanda. Ensino Religioso e escola pública: uma relação delicada. In: NOVA ESCOLA [Site institucional]. 01 mai. 2013. [n.p.]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/74/ensino-religioso-e-escola-publica-uma-relacao-delicada>. Acesso em: 13 set. 2021.

SANCHIS, Pierre. A religião dos brasileiros. *Teor Soc*, vol. 3, n. se, p. 1-29. 2007.

SANTANA, Ana Lúcia. Muro das lamentações. [Site institucional]. 2021 [n.p.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/muro-das-lamentacoes/>. Acesso em 13 Set. 2021.

SANTOS, Taciana Brasil dos. O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular: algumas considerações. *Educ Rev*, n. 37, e20016. 2021.

SCHMIDT, Bettina E.; ENGLER, Steven. *Manual de religiões contemporâneas no Brasil*. Boston: Brill, 2016.

SEED/PR. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. *Ensino religioso: diversidade cultural e religiosa*. Curitiba: SEED, 2013.

SEED/PR. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Superintendência de Educação. *Ensino religioso: diversidade cultural e religiosa*. Curitiba: SEED/PR., p. 140. 2015. – 309 p.; ilus.

SERAFIM, Maurício Custódio. *Sobre esta igreja, edificarei minha empresa: organizações religiosas e empreendedorismo*. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 257 fls., p. 44. 2008.

SILVA, Eliana M. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista Rever*, São Paulo, n. 2, p. 1-14, 2004.

SILVA, Joana d'Arc Araújo. Abordagem social do ensino religioso como ressignificação de valores e atitudes em tempos modernos. *Trilhas Pedagógicas*, Pirassununga, v. 11, n. 4, p. 82-98. 2021, p. 84

SILVA, Ronaldo T. *O Sagrado no romance "O jogador" de Fiódor Dostoiévski: um roteiro para a leitura*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Vanessa S. *Base Nacional Comum Curricular: uma análise crítica do texto da política*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SIQUEIRA, Giseli P. *O Ensino Religioso nas escolas públicas do Brasil: implicações epistemológicas em um discurso conflitivo, entre a laicidade e a confessionalidade num estado republicano*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

SKEIE, Geir. Impartial teachers in religious Education: a perspective from a Norwegian context. *Journal British Religion Education*, [s.l.], v. 39, n. 1, p. 25-39, 2016.

SOUZA, Christiane P.; SOUZA, Airle M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 35, p. 1-7, 2019.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

ULRICH, Cladete Beise; GONÇALVES, José Mario. O estranho caso do Ensino Religioso: contradições legais e questões epistemológicas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 1, p. 14-27. 2018, p. 20.

ULRICH, Claudete Beise; REIMER, Ivoni Richter; BARRETO JR. Raimundo César *et al.* Ensino Religioso: um componente curricular em construção. *Caminhos*, Especial, v. 18, p. 3-9, p. 5. 2020.

WEISS, Raquel A. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. *Revista Mana*, Alto Rio Negro, v. 19, n. 1, p. 157-179, 2013.



APÊNDICES

TURMA	6º ANO DE ESCOLARIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL. Unidade Temática passível de serem trabalhadas em turmas do 1º ao 5º ano de Escolaridade de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC.
--------------	--

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Crenças religiosas e filosofias de vida	Tradição escrita: registro dos ensinamentos sagrados Ensinamentos da tradição escrita Símbolos, ritos e mitos religiosos

COMPONENTE CURRICULAR ENSINO RELIGIOSO	Interdisciplinaridade com as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática.
---	---

HABILIDADES¹⁸²

(EF06ER01) Reconhecer o papel da tradição escrita na preservação de memórias, acontecimentos e ensinamentos religiosos.

(EF06ER02) Reconhecer e valorizar a diversidade de textos religiosos escritos (textos do Budismo, Cristianismo, Espiritismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo, entre outros).

(EF06ER03) Reconhecer, em textos escritos, ensinamentos relacionados a modos de ser e viver.

(EF06ER04) Reconhecer que os textos escritos são utilizados pelas tradições religiosas de maneiras diversas.

(EF06ER05) Discutir como o estudo e a interpretação dos textos religiosos influenciam os adeptos a vivenciarem os ensinamentos das tradições religiosas.

(EF06ER06) Reconhecer a importância dos mitos, ritos, símbolos e textos na estruturação das diferentes crenças, tradições e movimentos religiosos.

(EF06ER07) Exemplificar a relação entre mito, rito e símbolo nas práticas celebrativas de diferentes tradições religiosas.

¹⁸² BRASIL, 2017, p. 453.

CULMINÂNCIA

- . Todas as propostas de atividade serão socializadas com os colegas da sala.
- . Transformar as informações das pesquisas em material para ser divulgado nas redes sociais da escola e ambientes virtuais de aprendizagem. (*Padlet, WhatsApp, Facebook, Instagram, Messenger, o Google Meet, o Google Classroom, o Youtube e o Google Forms, Trello, WPensar, Miro, Vizia, Canva, Edpuzzle, Eduqo, Kahoot, Quizlet, EasyLMS, Mentimeter, TutorMundi*, dentre outras plataformas e ferramentas).

TEXTO¹⁸³

OS DIFERENTES TEXTOS SAGRADOS ESCRITOS

Carolina do Rocio Nizer

Desde o início dos tempos, o homem sempre procurou se comunicar e registrar seu cotidiano utilizando-se, primeiramente, dos desenhos. Com o passar do tempo e o acúmulo de informações, a sociedade passa a utilizar registros.

O conjunto desses escritos é conhecido como texto, que significa tecido ou entrelaçar várias palavras para obter um todo. De uma maneira geral, a expressão texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno.

Embora a palavra texto tenha como referência o “conjunto verbal”, podemos ampliar esse conceito para imagens, charges, transmissões orais, dentre outros, ou seja, o texto é um processo de signos que tendem a transmitir uma ideia ao seu leitor.

Podemos dizer que os textos sagrados escritos têm a função de:

- Registrar a tradição religiosa como forma de preservar a experiência religiosa fundante, assim a religião organiza sua estrutura religiosa, seus ritos, símbolos, mensagens, entre outras;
- Comunicar a experiência religiosa aos fiéis da religião, a fim de que o “divino” se faça presente para o homem religioso e o grupo encontre orientações e ensinamentos;
- Atualizar a experiência original no tempo e espaço, afinal, independente do período, o texto sagrado mantém a mesma estrutura, sendo utilizado para orientar a vida do ser humano nos cultos e na educação religiosa;

¹⁸³ SEED-PR, 2013, p.123.

Certificar, por meio de seus escritos, as experiências religiosas do grupo em todos os tempos.

PARA SABER MAIS

1 – Procure saber o que são textos sagrados escritos. Texto Sagrado – Imagens, desenhos, pinturas, dentre outros.

2 - Desenhe em um quadro uma cena de cunho religioso de seu cotidiano utilizando os recursos da natureza empregados na pintura rupestre. No outro quadro, a mesma cena, com materiais usados hoje. Depois descreva o que você representou nos desenhos.

3 - Faça um paralelo respondendo:

Desenho com materiais utilizados nas pinturas rupestres

Desenho com materiais utilizados atualmente.

4 - Que tipo de texto são as mandalas e para que servem?

5 – Pesquise para saber: O que são livros sagrados:

- Vedas, coletânea de texto – Hinduísmo.
- A Torá – Judaísmo
- Alcorão – Islamismo
- Bíblia – Cristianismo
- O livro dos espíritas
- Livro sagrado para os budistas
- Tao Te Ching ou Livro da Lei do Universo e Sua Virtude – Taoísmo
- O Livro de Mórmon – Religião de Mórmons

6 - Escolha um livro sagrado de umas das tradições religiosas apresentadas e procure nele um poema para transcrevê-lo utilizando uma técnica de arte. Identifique de qual tradição você buscou.

7 - Trace uma linha do tempo e pesquise a época em que foram escritos alguns dos livros sagrados que você aprendeu (pesquise pelo menos três). Faça a distinção do tempo colorindo a linha com cores diferentes.

TEXTO¹⁸⁴**FESTAS SAGRADAS**

Borres Guilouski

Diná Raquel Daudt da Costa

Elói Corrêa dos Santos

Emerli Schlögl

Valmir Biaca

Nas diversas tradições religiosas os eventos importantes são lembrados e comemorados festivamente.

Além dos acontecimentos importantes como nascimento, vida e morte de fundadores ou líderes de cada religião, as festas religiosas são manifestações culturais que mobilizam a comunidade como fator de integração social, perpetuando tradições, crenças, valores, fortalecendo o sentimento de pertença de cada indivíduo ao grupo com o qual compartilha as mesmas convicções religiosas.

O calendário e as festas religiosas

As festas são importantes nas diversas tradições religiosas, onde são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade, no espaço sagrado ou social, onde o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua vinculação com o sagrado.

É um dos caminhos utilizados pelas tradições religiosas para aglutinar os grupos, num momento de união, de interação, aproximando também diferentes grupos sociais, fortificando o espírito fatigado onde se tem acesso a uma comunhão com o sagrado.

Os elementos básicos e comuns nas festas religiosas são a música e a dança, trazendo momentos de alegria e confraternização. Servem também para pedir ou agradecer algo de bom que aconteceu na vida particular e comunitária. Há um contentamento geral que se percebe nas pessoas que fazem parte da comunidade em festa. Mesmo as pessoas que estão passando por momentos difíceis em suas vidas podem ser contagiadas por esse clima festivo que faz bem a todos.

¹⁸⁴ SEED-PR, 2013, p. 185.

PARA SABER MAIS

1 - Pesquisar uma festa da tradição indígena (Kuarup, Toré) e uma da tradição afro-brasileira (Festa de Iemanjá, Lavagem das escadarias da Igreja Nossa Senhora do Bonfim).

Obs.: Com os resultados das pesquisas, organizarem um mural na escola tendo por título uma frase sobre o tema pesquisado.

2 - Na sua tradição religiosa existe algum dia de comemoração de festa? Qual o dia e o que se comemora?

3 - Você sabe o nome de outra tradição religiosa e quando é festejado o nascimento do seu fundador?

4 - Pesquise mais duas festas religiosas. Depois represente, com modelagem em argila ou massinha, a festa pesquisada. Faça uma exposição na escola.

5 - Desenhe uma festa religiosa que você conheça e que já tenha participado ou, então, pesquise alguma festa de qualquer religião e faça um desenho dela. Depois, elabore uma legenda explicativa do que você desenhou e/ou pesquisou.

6 - Em equipe, elabore com os colegas uma lista de festas religiosas das diversas tradições religiosas. Escolha uma dessas festas e faça uma pesquisa para saber a origem dela, as atividades ou os rituais religiosos que nela acontecem e quem são os participantes dessa festa. Com os resultados da pesquisa, crie cartazes e os exponha na escola para socializar o conhecimento construído.

7 - Elabore um calendário com as várias festas religiosas pesquisadas.

8 - Pesquisar sobre a origem da lavagem das escadarias da Igreja de Nossa Senhora do Bonfim ou outra tradição religiosa nacional ou de sua região.

TEXTO¹⁸⁵

OS SÍMBOLOS COMUNICAM

Enaide Severo de Araújo

A linguagem é feita de símbolos. A linguagem humana se aprimorou quando os primeiros homens e mulheres começaram a repetir sons da natureza (ruídos de animais, barulho de cachoeiras, ruído dos ventos, trovões, dentre outros). Assim a música também começou.

¹⁸⁵ SEED-PR, 2013, p. 140.

Pelas necessidades do corpo como a fome, a sede, o medo, a dor, o prazer, dentre outros, as pessoas se colocaram a produzir mensagens indicando o que sentiam, mensagens por sons, por gestos, por posturas, expressões do rosto, entre outros.

Como sempre convivemos em grupos, a comunicação é necessária, até mesmo como um modo de garantir a sobrevivência.

Você já reparou como a linguagem não é uma exclusividade humana?

Os animais se comunicam por seus gestos corporais, modo de respirar, sons. Os insetos, plantas e animais são hábeis na comunicação por cores. O vermelho de um inseto pode servir como sinal de “Afaste-se, sou perigoso!” ou “Não me coma: sou venenoso!”.

É impressionante observar como a vida se comunica pelos sons, cores, formas, tamanhos, dentre outros. Do mesmo modo as religiões comunicam suas mensagens desde a construção das formas e cores do templo, até os gestos utilizados nos rituais. Tudo é comunicação! É preciso ser um bom leitor e uma boa leitora do mundo para compreender a diversidade.

Os símbolos

Ao longo da vida as pessoas adquirem hábitos, comportamentos e objetos e vão atribuindo a eles significados especiais, o que os transforma em símbolos. As músicas que marcaram épocas, o início de namoro ou o uso de medalhas, santinhos, colares, escapulários ou fitas para se protegerem, são exemplos da utilização dos símbolos no cotidiano do ser humano.

Os símbolos também aparecem nas casas ou outro ambiente, com a presença de elementos da natureza (fontes de água, por exemplo) atraem boas energias, garantem harmonia e equilíbrio que influenciam positivamente o comportamento.

O símbolo pode relacionar-se a acontecimentos marcantes. Para as pessoas religiosas os símbolos de sua religião se vinculam aquilo que é sagrado.

PARA SABER MAIS

- 1 – Entreviste pessoas e perguntem quais são os símbolos religiosos que eles conhecem.
- 2 – Qual o significado das cores, palavras, cantos, poesias, monumentos, vestes, mobílias, construções, elementos da natureza, pinturas na pele, acessórios, indumentárias, animais símbolos e outros elementos fazem parte do universo simbólico religioso em algumas manifestações religiosas?

- 3 – Faça uma pesquisa e desenhe reproduza de forma criativa os símbolos que identificam as seguintes religiões como os elementos da natureza sagrados: Fogo, Água, Terra e Ar.
- 4 – As tradições afro-brasileiras relacionam os quatro elementos como divindades. Pesquise na internet os orixás e qual é o elemento da natureza de cada um deles.
- 5 - Escute as músicas Planeta água, de Guilherme Arantes, e Planeta Azul, de Chitãozinho e Xororó, e registre os sentimentos que as letras das músicas lhe transmitem.
- 6 - As músicas apresentam algum significado religioso? Justifique.
- 7 - As músicas discutem a preservação e a importância da água? Por quê?
- 8 - Recorte de revistas e/ou jornais figuras, entrevistas, reportagens que realizam uma abordagem sobre as comemorações afro-brasileiras.
- 9 - Encontre na música popular brasileira que trate de algum orixá.
- 10 - Pesquisem na internet, em revistas, jornais e livros, tipos de banhos realizados nos rituais de Umbanda, como: banho de descarrego, de defesa, de energização, iniciação e outros.
- 11 - Vamos fazer um desenho coletivo? Em círculo, numa cartolina, o primeiro participante inicia um desenho sobre as religiões estudadas. Depois de um tempo determinado pelo(a) professor(a), passa para o próximo colega, e assim consecutivamente, até que todos tenham participado. Na sequência, comentar com a turma o que foi desenhado e o que ainda poderia ser acrescentado.
- 12 - Em equipes, monte uma cena que represente o batismo e apresente para seus colegas.
- 13 - Crie uma história em quadrinhos para representar o dilúvio. Depois leia para seus colegas e organize um mural.

TEXTO¹⁸⁶

RITUAIS NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Borres Guilouski

Diná Raquel Daudt da Costa

Emerli Schlögl

O cotidiano de qualquer sociedade humana é permeado de rituais não só os de caráter religioso, como também os de caráter secular, ou seja, aqueles desvinculados do sentido religioso, como os rituais cívicos, entre outros.

¹⁸⁶ SEED-PR, 2013, p. 205.

Os rituais cívicos são aqueles ligados ao culto da pátria, por exemplo: o canto do Hino Nacional, o hasteamento da Bandeira, o desfile no Dia da Pátria.

Já os rituais religiosos são uma série de procedimentos, palavras e gestos sagrados que constituem uma cerimônia de uma determinada tradição religiosa.

Por meio da linguagem dos rituais religiosos, as pessoas buscam externar a fé e seus anseios espirituais, bem como ressignificar e explicar o sentido da vida ou das experiências com as quais se deparam no dia a dia.

Os rituais possuem propósitos distintos nas tradições religiosas, tais como: prestar culto a Deus, pontuar mudanças de estado de ser, estabelecer a filiação, celebrar momentos da vida e acontecimentos importantes.

Algumas tradições religiosas dispensam o uso das expressões ritualísticas e se centram mais no discurso simbólico dos seus ensinamentos ou postulados da fé, para outras, a linguagem ritualística tem importância fundamental.

Os rituais

Rituais são cerimônias compostas de uma série de palavras e gestos simbólicos.

Cada religião possui rituais próprios para diferentes ocasiões. Existem os rituais litúrgicos, de iniciação ou passagem, festivos ou celebrativos, mortuários, divinatórios, entre outros.

O ritual litúrgico são as cerimônias de culto que acontecem nas diferentes tradições religiosas, carregados de sentido comunitário, devocional, adorativo, identitário e doutrinário. Este ritual padroniza o estilo de culto de cada tradição religiosa. Exemplos de rituais litúrgicos: o culto evangélico, a missa católica, a divina liturgia ortodoxa, as reuniões de oração, a novena, o puja na tradição hinduísta, dentre outros.

O puja é um ritual no qual são oferecidos flores, água, frutas e incenso à divindade, enquanto são recitados mantras.

Nos rituais de passagem as pessoas celebram a mudança de uma fase da vida para outra, como, por exemplo, o batismo, o casamento, a comemoração do nascimento de bebês entre os indígenas, o Bar Mitzvah e Bat Mitzvah dos judeus e a feitura no Candomblé.

As diferentes tradições religiosas incluíram vários elementos simbólicos aos seus rituais, tais como: água, fogo, erva, flor, incenso, óleo de oliva, entre outros.

Além destes elementos, a prece, a dança, o gesto simbólico, o canto, a música, o vestuário, a recitação de orações ou palavras sagradas, são também itens importantes presentes nos rituais religiosos.

PARA SABER MAIS

- 1 - Faça pesquisa de rituais religiosos.
- 2 - Desenhe objetos religiosos simbólicos que fazem parte do ritual de alguma tradição religiosa. Descreva o significado destes objetos e em que ritual são usados.
- 3 - As palavras têm o poder de incentivar, acalmar, mobilizar entre outras? Cite exemplos.
- 4 - Crie frases ou textos com as palavras religiosas: Amém, Aleluia, Axé, Hosana, Om, Shalom e Shanti.
- 5 - Pesquisar sobre as diferentes músicas presentes nos ritos das diversas tradições religiosas. Se possível, trazer a música gravada para ouvir em sala.
- 6 - Retirar do texto as palavras mais difíceis e procurem em dicionários o significado.
- 7 - Pesquisar sobre os diferentes modelos de instrumentos musicais como, por exemplo, tambores e chocalhos, que são utilizados em cerimônias religiosas, e montar cartazes com o resultado da pesquisa. Se for possível, confeccionar os instrumentos para montar uma orquestra.
- 8 - Do que são preparadas algumas bebidas e comidas sagradas nas tradições indígenas?
- 9 - Pesquisar nome das comidas sagradas das tradições religiosas de origem africana. Sendo possível, a comida poderá ser feita na cozinha da escola e socializada com a turma.
- 10 - Que alimentos considerados sagrados são usados em algumas tradições religiosas do oriente?
- 11 - Quais são os alimentos kosher usados no Judaísmo?
- 12 - Que alimentos estão presentes nos cultos de comunhão dos seguidores do Cristianismo?
- 13 - Faça uma pesquisa para conhecer o mito da origem do milho e da mandioca nas tradições indígenas. Crie histórias em quadrinhos a partir destes mitos e apresente-as aos colegas. Pesquise outros mitos em outras religiões.
- 14 - Pesquisar em livros, revistas, internet ou outras fontes disponíveis na escola sobre alguns alimentos sagrados nas tradições religiosas Indígenas, Afro-Brasileiras, Hinduísmo, Xintoísmo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo e Fé Bahá'í, construindo um álbum com imagens e as informações obtidas na pesquisa.
- 15 - Confeccione criativamente um caderno de receitas de alimentos sagrados de algumas tradições religiosas.

TEXTO¹⁸⁷**RITUAIS NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS**

Borres Guilouski

Diná Raquel Daudt da Costa

Emerli Schlögl

O cotidiano de qualquer sociedade humana é permeado de rituais não só os de caráter religioso, como também os de caráter secular, ou seja, aqueles desvinculados do sentido religioso, como os rituais cívicos, entre outros.

Os rituais cívicos são aqueles ligados ao culto da pátria, por exemplo: o canto do Hino Nacional, o hasteamento da Bandeira, o desfile no Dia da Pátria.

Já os rituais religiosos são uma série de procedimentos, palavras e gestos sagrados que constituem uma cerimônia de uma determinada tradição religiosa.

Por meio da linguagem dos rituais religiosos, as pessoas buscam externar a fé e seus anseios espirituais, bem como ressignificar e explicar o sentido da vida ou das experiências com as quais se deparam no dia a dia.

Os rituais possuem propósitos distintos nas tradições religiosas, tais como: prestar culto a Deus, pontuar mudanças de estado de ser, estabelecer a filiação, celebrar momentos da vida e acontecimentos importantes.

Algumas tradições religiosas dispensam o uso das expressões ritualísticas e se centram mais no discurso simbólico dos seus ensinamentos ou postulados da fé, para outras, a linguagem ritualística tem importância fundamental.

Os rituais

Rituais são cerimônias compostas de uma série de palavras e gestos simbólicos.

Cada religião possui rituais próprios para diferentes ocasiões. Existem os rituais litúrgicos, de iniciação ou passagem, festivos ou celebrativos, mortuários, divinatórios, entre outros.

O ritual litúrgico são as cerimônias de culto que acontecem nas diferentes tradições religiosas, carregados de sentido comunitário, devocional, adorativo, identitário e doutrinário. Este ritual padroniza o estilo de culto de cada tradição religiosa. Exemplos de rituais litúrgicos:

¹⁸⁷ SEED-PR, 2013, p. 205.

o culto evangélico, a missa católica, a divina liturgia ortodoxa, as reuniões de oração, a novena, o puja na tradição hinduísta, etc.

O puja é um ritual no qual são oferecidos flores, água, frutas e incenso à divindade, enquanto são recitados mantras.

Nos rituais de passagem as pessoas celebram a mudança de uma fase da vida para outra, como, por exemplo, o batismo, o casamento, a comemoração do nascimento de bebês entre os indígenas, o Bar Mitzvah e Bat Mitzvah dos judeus e a feitura no Candomblé.

As diferentes tradições religiosas incluíram vários elementos simbólicos aos seus rituais, tais como: água, fogo, erva, flor, incenso, óleo de oliva, entre outros.

Além destes elementos, a prece, a dança, o gesto simbólico, o canto, a música, o vestuário, a recitação de orações ou palavras sagradas, são também itens importantes presentes nos rituais religiosos.

PARA SABER MAIS

- 1 - Em equipes, faça pesquisa de rituais religiosos.
- 2 - Desenhe objetos religiosos simbólicos que fazem parte do ritual de alguma tradição religiosa. Descreva o significado destes objetos e em que ritual são usados.
- 3 - As palavras têm o poder de incentivar, acalmar, mobilizar entre outras? Cite exemplos.
- 4 - Crie frases ou textos com as palavras religiosas: Amém, Aleluia, Axé, Hosana, Om, Shalom e Shanti.
- 5 - Pesquisar sobre as diferentes músicas presentes nos ritos das diversas tradições religiosas. Se possível trazer a música gravada para ouvir em sala.
- 6 - Retirar do texto as palavras mais difíceis e procurem em dicionários o significado.
- 7 - Pesquisar sobre os diferentes modelos de instrumentos musicais como, por exemplo, tambores e chocalhos, que são utilizados em cerimônias religiosas, e montar cartazes com o resultado da pesquisa. Se for possível, confeccionar os instrumentos para montar uma orquestra.
- 8 - Do que são preparadas algumas bebidas e comidas sagradas nas tradições indígenas?
- 9 - Destaque do texto o nome das comidas sagradas das tradições religiosas de origem africana. E faça uma pesquisa para conhecer melhor esta culinária.
- 10 - Que alimentos considerados sagrados são usados em algumas tradições religiosas do oriente?
- 11 - Quais são os alimentos kosher usados no Judaísmo?
- 12 - Que alimentos estão presentes nos cultos de comunhão dos seguidores do Cristianismo?

13 - Faça uma pesquisa para conhecer o mito da origem do milho e da mandioca nas tradições indígenas. Crie histórias em quadrinhos a partir destes mitos e apresente-as aos colegas.

14 - Pesquisar em livros, revistas, internet ou outras fontes disponíveis na escola sobre alguns alimentos sagrados nas tradições religiosas Indígenas, Afro-Brasileiras, Hinduísmo, Xintoísmo, Budismo, Judaísmo, Cristianismo e Fé Bahá'í, construindo um álbum com imagens e as informações obtidas na pesquisa.

15 - Confeccione criativamente um caderno de receitas de alimentos sagrados de algumas tradições religiosas.

TEXTO¹⁸⁸

OS DIFERENTES RITUAIS

Giselle Camargo Feldmann

Estamos acostumados a ver em jornais, TV e novelas as festas e os rituais de religiões como o Judaísmo, o Cristianismo, o Hinduísmo, o Islamismo, o Budismo, o Candomblé, além de inúmeras festas nacionais e regionais que possuem em sua essência a revitalização da fé e de crenças. Seus templos, suas cores, suas fantasias ou características mais inusitadas, como os lugares onde ocorrem, permitem que possamos iniciar nossa viagem ao mundo dos Ritos e suas relações com o Corpo.

Mas como surgiram os ritos?

Observando nossos ancestrais, descobrimos que o ser humano muitas vezes buscou respostas para suas perguntas sobre a existência e essa busca se reflete em sua cultura e em sua religiosidade. Pode ser que alguns rituais sejam estranhos aos nossos olhos, mas cabe a nós conhecer e aprender ao invés de criticar e julgar. Muitas vezes criticamos aquilo que não compreendemos, não é mesmo?

Quando observamos os ritos das religiões, devemos lembrar que alguns têm como finalidade reviver, rememorar histórias sagradas e criar meios para o encontro com o Sagrado.

Os povos nativos não se utilizavam da escrita no processo de transmissão de sua religiosidade, então, usavam a linguagem para transmitir seus ensinamentos por meio dos ritos, dos mitos, dos cantos e das danças.

¹⁸⁸ SEED-PR, 2013, p. 205.

Vamos ver o que Küng (2004) nos apresenta sobre um ritual do povo Walpiri? Segundo o Totemismo do povo indígena Walpiri ao norte do Uluru, na Austrália, as mulheres aborígenes realizam o ritual da dança de iniciação para as meninas que passam da infância para a adolescência.

Esse ritual tem a intenção de ensinar as etapas da vida feminina, o amadurecimento do corpo e as relações afetivas, entre elas: a menstruação, a gravidez e o parto.

A escolha do lugar para esse ritual tem relação com sua beleza e principalmente com as alterações de cores da montanha em resposta as mudanças do tempo e relacionadas aos ciclos femininos.

Para essa dança de iniciação as meninas pintam o corpo com uma tinta de cor ocre, barro e cinza. Acreditando que por meio dessa pintura cria-se uma nova pele para a dança e outra personalidade: “Sem canto não existe pintura, e sem pintura não se dança” (KÜNG, 2004, p.30).

Durante o ritual de passagem da infância para a vida adulta, as meninas ficam separadas dos homens. Nesse momento, elas cantam e pintam símbolos no corpo, que representam a força vital trazida pelos espíritos dos ancestrais. Tais símbolos e leis dizem respeito à cultura aprendida com seus ancestrais.

Já os meninos, no ritual de passagem para maior idade, afastam-se da mãe. São isolados da tribo e ensinados por homens mais velhos sobre os mistérios dos espíritos ancestrais, da terra, da caça, da tribo e da sexualidade. Precisam provar que são corajosos e quanto maior o número de cicatrizes em seu corpo, maior será sua beleza e força. Depois de iniciado ele volta para casa não mais como menino e sim como homem adulto com direitos e também deveres.

Podemos entender então que os ritos potencializam o sentimento de pertencimento ao grupo. Como exemplo, podemos citar as cerimônias realizadas no Totemismo, onde seus seguidores tentam lembrar o animal de seu totem ancestral em marcas que são feitas por todo o corpo por meio de cortes profundos. O objetivo é de marcar e lembrar a sua origem e delimitar algumas condutas sociais, entre elas o casamento, que não pode acontecer entre pessoas que sejam do mesmo animal totêmico.

Para tanto, existem leis que proíbem os casamentos no mesmo clã ou tribo bem como contratos entre tribos. Essa lei tenta evitar que ocorram casamentos entre parentes ou situações de violência ou guerras, pois é proibido matar os animais que são de sua raiz totêmica.

Segundo sua cultura, o totem confere força mágica ao homem. Os feiticeiros que fazem as cerimônias ou cultos são pessoas respeitadas dentro do clã, pois conservam e reafirmam a cultura religiosa por meio das cerimônias e dos ritos de cura, de passagem e de iniciação.

Outra forma religiosa é o Animismo, que se baseia na tentativa de dominar as forças da natureza e sua influência na vida dos homens. Para os estudiosos em religião, o Animismo representa a crença de que todas as coisas têm alma, portanto vida própria.

A ideia principal do Animismo trata da existência da alma imortal em homens, animais ou plantas. Suas divindades se relacionam aos elementos da natureza como ar, água, fogo e terra. Por esse motivo os cultos são realizados sempre ao ar livre.

Algumas celebrações animistas as pessoas fazem preces cristãs e utilizam-se, ao mesmo tempo, de elementos da “floresta dos espíritos”, escutados em lendas e histórias contadas por pessoas mais velhas da comunidade, que são responsáveis por manter viva sua cultura, suas crenças e sua tradição.

Desta maneira, ocorre o sincretismo religioso em que acontece a mistura de concepções religiosas diferentes numa única prática. Segundo alguns estudiosos, a magia animista parece ter estado na origem das artes, deixando, assim, um patrimônio por meio do desenho, da pintura, da dança e da música.

Para entender as características dos rituais precisamos conhecer as intenções e objetivos. Nos registros em que o homem primitivo aparece no seu grupo, em círculo ou roda, simboliza a união no trabalho, a concordância da religião e, naquela época, a prática de exorcismos. Quando o círculo não é totalmente fechado durante o ritual, a abertura deixada simboliza uma passagem para que os bons espíritos entrem na roda, assim como uma porta de fuga para os maus espíritos.

Já as danças feitas em pares tinham como principal intenção a união dos dançarinos para simbolizar a fertilidade e o crescimento da própria comunidade. As danças em duplas, bem como as danças que têm suas formações em círculos, são consideradas patrimônio cultural da humanidade e amplamente utilizadas até nos dias de hoje. “[...] é através do movimento que ativamos a sensibilidade corporal e um conhecimento profundo sobre nós mesmos. Um corpo que pensa com o corpo que fortalece e incentiva a expressão inata e espontânea... “Dança”. (LABAN, 1978).

Nas figuras rupestres, notamos momentos importantes registrados, eternizando e mostrando o cotidiano do grupo.

PARA SABER MAIS

1 - Qual o rito especial de sua vida? Desenhe-o. Pode ser seu aniversário, uma brincadeira ou a atividade que você gosta de fazer. Use como modelo as linhas e formas das pinturas rupestres.

2 - Você conhece algum ritual de cura na sua comunidade? Cite os rituais que conhece e comente sobre eles com os colegas. Lembre-se que temos que considerar os benzimentos realizados por curandeiros, orações de cura, cirurgias espirituais realizadas no espiritismo, e as curas feitas por devoção e fé.

TURMA	7º ANO DE ESCOLARIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL Unidade Temática passível de serem trabalhadas em turmas do 1º ao 5º ano de Escolaridade de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC.
--------------	---

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Manifestações religiosas	Místicas e espiritualidades Lideranças religiosas
Crenças religiosas e filosofias de vida	Princípios éticos e valores religiosos Liderança e direitos humanos

CARGA HORÁRIA	A Unidade Temática poderá ser explorada durante 1 bimestre incluindo assuntos correlacionados com outras disciplinas.
COMPONENTE CURRICULAR ENSINO RELIGIOSO	Interdisciplinaridade com as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática.

HABILIDADES¹⁸⁹

(EF07ER01) Reconhecer e respeitar as práticas de comunicação com as divindades em distintas manifestações e tradições religiosas. (EF07ER02) Identificar práticas de espiritualidade utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças, fenômenos climáticos). (EF07ER03) Reconhecer os papéis atribuídos às lideranças de diferentes tradições religiosas. (EF07ER04) Exemplificar líderes religiosos que se destacaram por suas contribuições à sociedade. (EF07ER05) Discutir estratégias que promovam a convivência ética e respeitosa entre as religiões.

¹⁸⁹ BRASIL, 2017, p. 455.

(EF07ER06) Identificar princípios éticos em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.

(EF07ER07) Identificar e discutir o papel das lideranças religiosas e seculares na defesa e promoção dos direitos humanos.

(EF07ER08) Reconhecer o direito à liberdade de consciência, crença ou convicção, questionando concepções e práticas sociais que a violam.

CULMINÂNCIA

. Todas as propostas de atividade serão socializadas com os colegas da sala.

. Transformar as informações das pesquisas em material para ser divulgado nas redes sociais da escola e ambientes virtuais de aprendizagem. (*Padlet, WhatsApp, Facebook, Instagram, Messenger, o Google Meet, o Google Classroom, o Youtube e o Google Forms, Trello, WPensar, Miro, Vizia, Canva, Edpuzzle, Eduqo, Kahoot, Quizlet, EasyLMS, Mentimeter, TutorMundi*, dentre outras plataformas e ferramentas).



O LÍDER NAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

Andréa do Rocio Nizer Siqueira

A organização religiosa é formada por um determinado grupo social que participa da mesma crença, possuem valores e significados comuns. Sua finalidade é conservar a tradição, praticar a palavra sagrada e apresentar para quem não conhece sua estrutura religiosa, nos seus ritos, nos seus símbolos, na sua hierarquia, dentre outros.

Para que a organização religiosa conserve sua tradição ao longo da história, ela necessita passar pelo processo de legitimação, que pode ser definida através dos seguintes elementos: fundamentação, preservação e funcionamento. A fundamentação auxilia na legitimação da instituição religiosa onde se formulam todos os dogmas e doutrinas da religião em sua estrutura, preceitos, papéis e mecanismos. Após a fundamentação, a religião passa pelo processo de preservação da instituição. Nela são estabelecidas regras, leis e normas para o funcionamento e convivência dentro da instituição religiosa. Por último acontece o funcionamento que

¹⁹⁰ SEED-PR, 2013, p. 20

estabelece os papéis de cada membro dentro da instituição religiosa, com seus direitos e deveres religiosos, é nesse processo que nascem os líderes religiosos. A partir do momento em que é institucionalizado, esses elementos dão significado à organização religiosa. Ou seja, a sequência: carisma, rotina e instituição permite um percurso possível e comum às religiões, que começam a partir do carisma e tornam-se institucionalizadas.

O papel do líder religioso O líder religioso tem a função de preservar e de repassar os ensinamentos religiosos, ele é considerado o guardião, aquele que é responsável em transmitir a palavra sagrada que deve ser preservada e repetida, sem traí-la nas suas originalidades. Assim, “o grupo é capaz, de repetir a tradição recebida do líder e transmiti-la de geração a geração”. (PASSOS, 2006, p. 54). A partir do momento que algumas pessoas passam a seguir determinado líder religioso e a se identificar com sua mensagem, surgem as religiões propriamente ditas. O líder geralmente apresenta algumas características que são de caráter: carismático, tradicional e racional. Ele pode possuir todas ou apenas uma destas características, ou ainda, a combinação delas.

PARA SABER MAIS

01 – Pesquise quais são os sentimentos que um líder religioso deve nutrir. Escreva um breve texto informativo com as informações obtidas.

02 - Escolha um líder religioso que surgiu ao longo da história e pesquise a sua biografia e sua prática religiosa.

03 – Procure saber se próximo ao seu convívio existe um líder. Escreva as atitudes que demonstram ser ele um bom líder a serviço da humanidade.

TEXTO¹⁹¹

AS DIFERENTES ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

É sagrado porque eu respeito, ou eu respeito porque é sagrado?

Isabel Helena Novaes Nogara

As diferentes religiões do mundo oferecem um sistema de significados complexos, sustentados por mitos, ritos, normatizações e funções que configuram uma organização social

¹⁹¹ SEED-PR, 2013, p. 20

com base em caminhos espirituais. Algumas oferecem a salvação para seus adeptos, enquanto outras apenas dialogam com a totalidade de forças materiais e imateriais que constituem o universo e os movimentos da vida. Podemos afirmar que as diferentes religiões oferecem normas de conduta para seus seguidores, o que garante a vida social dentro de determinados limites, favorecendo a vida em comunidade.

AS PESSOAS, A RELIGIÃO E O SAGRADO.

Devemos ter respeito pelas mais diversas religiões. Vivemos em um regime democrático, em uma sociedade plural e sob um Estado laico. A Constituição Nacional, no seu Art. 5º, capítulo I, inciso VI, diz: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantido, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias” (BRASIL, 1988). Geralmente, seguimos a religião de nossa família, mas podemos optar por uma nova. A liberdade de religião foi conseguida com muitas lutas e sofrimentos. A intolerância religiosa causou e causa muitos conflitos e guerras violentas que são travadas em nome de uma determinada crença religiosa. Os exemplos são vários: entre judeus e cristãos, entre cristãos e islâmicos, as milhares de mortes produzidas pela Inquisição (da Igreja Católica) contra os considerados hereges, as guerras entre católicos e protestantes nos séculos XVI e XVII em consequência da Reforma Religiosa, entre outras. A intolerância religiosa também se expressa em conflitos cotidianos, quando se menospreza pessoas por não pensarem religiosamente do mesmo modo. Não vivemos isolados, vivemos em sociedade e estamos em contato com as mais diversas culturas do mundo. Atualmente, vemos culturas destruídas e povos dominados pela ignorância de outros, com culturas diferentes e economicamente mais fortes. Há muitas religiões que guardam muitas aproximações entre si. O desconhecimento, a ignorância a respeito dessas afinidades, é uma das causas do desrespeito e intolerância. Por isso, faz-se necessário conhecer diferentes religiões e culturas para que possamos respeitá-las e vivermos em paz.

PARA SABER MAIS

- 1 - Você tem ideia de quantas pessoas de diferentes religiões convivem no seu dia a dia?
- 2 - Faça um levantamento de quantas religiões há na sua sala de aula. Agora, transforme estes dados em um gráfico e apresente para a turma.

3 - Procure saber se próximo a sua convivência tem pessoas que frequentas religiões diferentes da sua. (Animismo, Islamismo, Cristianismo, budismo, judaísmo, hinduísmo, Fé Bahá'í, dentre outras). Escolha uma para realizar uma pesquisa: crença, tradição, símbolos, ritos utilizados, dentre outras características.

TEXTO¹⁹²

O LEGADO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Valmir Biaca

Um professor, em sala de aula, falando sobre as religiões que têm sua origem na África, é interrompido por um aluno que questiona o porquê de tanto batuque durante os rituais das religiões afro-brasileiras: este aluno mora próximo a um terreiro de Candomblé e se sente incomodado com o som produzido frequentemente neste local. Já outro aluno considera o som nos rituais afro algo sagrado, que deve ser respeitado por todos, o que gera questionamentos na aula. Organização das religiões afro-brasileiras, as organizações das religiões afro-brasileiras nasceram das tradições culturais trazidas do continente africano para o Brasil na época da escravatura. Os negros tiveram dificuldades de expressar sua religiosidade e por esta razão tiveram que adaptar seus costumes e crenças para preservar sua tradição. Hoje, sua crença é reconhecida e respeitada.

O Candomblé e a Umbanda são as religiões que mais se destacaram no Brasil, e são conhecidas como afrodescendentes por apresentarem elementos religiosos das mais diversas regiões da África. O Candomblé pode ser considerado um conjunto de experiências religiosas, de manifestações do sagrado por meio de suas experiências simbólicas, de seus orixás, de suas oferendas e de seus terreiros. Já a Umbanda é a mistura de crenças e rituais africanos com outras religiões, como espiritismo e catolicismo. Tanto no Candomblé como na Umbanda os ensinamentos sobre a religião são realizados oralmente, de geração a geração. Alguns cultos afro-brasileiros são realizados com oferendas de alimentos como forma de pagamento dos favores recebidos ou como resgate pelas faltas aos preceitos religiosos. Desses alimentos são preparados grandes banquetes de refeições para os membros da comunidade e convidados. (BENJAMIN, 2004, p. 33).

¹⁹² SEED-PR, 2013, p. 20

PARA SABER MAIS

- 01 - Por que as religiões de matriz africana sofrem tantas discriminações?
- 02 - Qual seria o motivo destas atitudes de desrespeito?
- 03 - Por que não recebem a consideração que merecem?
- 04 – Procure saber o que são mitos de origem afro?
- 05 - Escolha um dos orixás de origem afro (Exu, Logun Edé, Oxumarê, dentre outros), pesquise sua origem, imagem, cor, reza, cantiga e comida oferecida. Após, apresente aos seus colegas. Você poderá representar o mito por meio de recursos artísticos, tais como: modelagem com argila, pintura com guache, desenhos e outros.
- 06 – Quais são os motivos que levam à tentativa de exclusão dos afrodescendentes da identidade do nosso país? Registrar o resultado da pesquisa no caderno e compartilhar com os colegas de classe.



Borres Guilouski¹ Carlos Alberto Chiquim, Diná Raquel Daudt da Costa; Emerli Schlögl

Resgatar o sagrado feminino é tornar possível o equilíbrio entre os aspectos masculino e feminino, é reconhecer a importância da mulher nos diversos âmbitos da vida social, política, cultural e religiosa.

A mulher tem o direito de exercer junto com o homem o seu papel com respeito e dignidade.

Nas sociedades matriarcais, a Terra era reconhecida como um planeta de energia feminina, e a mulher era respeitada e reverenciada pelo mistério da vida que se alojava em seu ventre, ou seja, pelo poder que tinha de gerar um novo ser.

Com o predomínio do patriarcado, a mulher foi sendo despojada do seu poder e foi-lhe negado o direito de participação efetiva da vida social, política, cultural e religiosa. Por conta desse predomínio, o mundo foi pensado e organizado pelos homens de modo a tornar-se excessivamente competitivo, agressivo, e voltado para a materialidade e racionalidade em detrimento da espiritualidade e intuição.

¹⁹³ SEED-PR, 2013, p. 20

Em suma, o resgate do sagrado feminino tem o propósito de promover a integração de forma justa e saudável do papel da mulher e do homem na religião, política, ciência, arte, entre outras instâncias, visando a complementaridade dos opostos.

O resgate do sagrado feminino.

A necessidade de tratar um tema como o resgate do sagrado feminino é devido a negação histórica do lugar da mulher na sociedade, sobretudo na esfera do religioso. As religiões são profundamente marcadas pelo selo do masculino possuidor do poder de decisão. A própria consideração de um Deus Pai todo poderoso, quando mal interpretada, pode legitimar uma cultura de opressão ao feminino.

Historicamente esse fato pode ser comprovado em quase todas as religiões. Essa constatação ressalta ainda mais a importância de tratarmos o tema do resgate do sagrado feminino. É inquestionável a força da presença feminina nas religiões, mas por outro lado essa presença quantitativa não é reconhecida nos espaços decisórios do âmbito religioso católico. Vale lembrar aqui a mensagem do Papa Bento XVI para Jornada da Paz, que denunciou a consideração insuficiente que se dá à condição feminina “nas concepções antropológicas que persistem em algumas culturas, que ainda destina à mulher um papel de grande submissão ao homem, com consequências que ofendem a dignidade de pessoa e impedem o exercício das liberdades fundamentais”.

O sagrado feminino A participação do feminino nas estruturas religiosas passou por diferentes transformações, da adoração ao princípio feminino para a negação deste; do respeito à mulher sacerdotisa ao medo dos poderes biológicos desta. A divinização do corpo feminino, do Eros e da Terra, cedeu lugar para a “diabolização”, a segregação e a exploração das mulheres, da sexualidade, da terra e de todos os seres que a habitam.

A história da humanidade transcorre em um jogo de polaridades onde poderes femininos e masculinos se contrapõem, onde as tradições religiosas expressam este conflito através da divisão não igualitária de papéis. Este cenário de disparidades traçou no decorrer da história diferentes caminhos, que ao serem contemplados podem sugerir uma importante reflexão acerca de limitações vividas e estruturadas em nossa sociedade, no que concerne aos espaços da vida, enfatizando neste aspecto: o trabalho, a vivência religiosa e os relacionamentos interpessoais vividos nas mais diferentes instâncias.

PARA SABER MAIS

- 1 - Crie e escreva em seu caderno uma poesia sobre a mulher.
- 2 - Elabore uma lista de nomes de mulheres conhecidas na comunidade que realizam trabalhos significativos nas escolas, nos hospitais, no comércio, em casa, e em outros setores da sociedade. Apresentar aos colegas o resultado da pesquisa.
- 3 - Pesquise a história da vida de mulheres que são destaque no contexto das diferentes religiões.

Exemplo:

a história de vida da Madre Paulina - primeira santa brasileira para os cristãos católicos; da Aimee Semple McPherson - fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular; da Mãe Menininha do Gantoi - Ialorixá muito conhecida entre os seguidores das religiões Afro-brasileiras.

- 4 - Você acha que as mulheres são importantes? Por quê?
- 5 - Em muitas tradições religiosas as mulheres exercem papéis importantes, como pastora, bispa, freira, mãe de santo, xamã, diaconisa, benzedeira, dentre outros. Você conhece alguma mulher que exerça uma dessas funções? Quem é ela? Faça uma pesquisa ou entrevista para obter dados sobre a vida de uma dessas mulheres e elabore um álbum com imagens ou desenhos. Socialize seu álbum com colegas de outras turmas.
- 6 - Quais são as mulheres mais importantes em sua vida? Escreva uma redação sobre essa mulher, depois compartilhe, lendo-a para seus colegas de turma.
- 7 – Na mitologia grega o que deu origem ao termo Gaia?
- 8 - Pesquise o significado de Caos, Urano, Titãs, Cíclopes e Olimpo.

TEXTO¹⁹⁴

A mulher como criadora do Universo

Emerli Schlögl

“A mulher é a criadora do universo, o universo é sua forma. Qualquer que seja a forma que ela assuma, seja a de homem ou de uma mulher, é a forma superior. Na mulher está a forma de todas as coisas, de tudo o que vive e se move no mundo. Não existe joia mais rara do que uma mulher, nenhuma condição superior àquela da de uma mulher”. (Texto tântrico.)

¹⁹⁴ SEED-PR, 2013, p. 20

Surgido na Índia, há cinco mil anos, o Tantra é uma filosofia matriarcal, onde o feminino é divinizado. Em sânscrito, Tantra significa “o que conduz ao conhecimento”. Deste modo, as filosofias tântricas têm grande respeito pelo princípio feminino, que é venerado.

No entanto, infelizmente, em muitos momentos históricos a mulher foi vista como um ser humano de menor valor que o homem. Este erro fez com que as mulheres fossem tratadas como objetos.

Muitas vezes, na história, mulheres se vestiram como homens e os imitaram a fim de conquistar o espaço social que lhes era proibido.

Mulheres disfarçadas de homens, no passado, já realizaram curas, combateram, escreveram textos de ciência, filosofia, poesia, dentre outros. Atualmente uma mulher não precisa mais esconder seu gênero para assumir publicamente o seu valor. As sociedades estão mudando, e cada vez mais os espaços da vida são igualmente distribuídos entre mulheres e homens. E quando não o são precisamos estar atentos para denunciar e combater qualquer tipo de discriminação e desigualdade.

Singer (1994) escreveu um artigo sobre o encontro do feminino perdido na tradição judaico-cristã.

PARA SABER MAIS

- 1 - Na sua religião os homens e as mulheres são tratados com igualdade?
- 2 - Quais os papéis que homens e mulheres desempenham no interior de sua instituição religiosa?
- 3 - Os líderes religiosos que você conhece são homens ou mulheres?
- 4 - O que você pensa sobre direitos e deveres iguais para mulheres e homens?
- 5 - Em sua casa, as tarefas domésticas são realizadas por todos, ou as mulheres são as únicas incumbidas destas tarefas?
- 6 - Na escola existem privilégios para meninos em relação às meninas, ou para as meninas em relação aos meninos?

TEXTO¹⁹⁵**O LÍDER NAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS**

Andréa do Rocio Nizer Siqueira

A organização religiosa é formada por um determinado grupo social que participa da mesma crença, possuem valores e significados comuns. Sua finalidade é conservar a tradição, praticar a palavra sagrada e apresentar para quem não conhece sua estrutura religiosa, nos seus ritos, nos seus símbolos, na sua hierarquia, dentre outros.

Para que a organização religiosa conserve sua tradição ao longo da história, ela necessita passar pelo processo de legitimação, que pode ser definida através dos seguintes elementos: fundamentação, preservação e funcionamento. A fundamentação auxilia na legitimação da instituição religiosa onde se formulam todos os dogmas e doutrinas da religião em sua estrutura, preceitos, papéis e mecanismos. Após a fundamentação, a religião passa pelo processo de preservação da instituição. Nela são estabelecidas regras, leis e normas para o funcionamento e convivência dentro da instituição religiosa. Por último acontece o funcionamento que estabelece os papéis de cada membro dentro da instituição religiosa, com seus direitos e deveres religiosos, é nesse processo que nascem os líderes religiosos. A partir do momento em que é institucionalizado, esses elementos dão significado à organização religiosa. Ou seja, a sequência: carisma, rotina e instituição permite um percurso possível e comum às religiões, que começam a partir do carisma e tornam-se institucionalizadas.

O papel do líder religioso O líder religioso tem a função de preservar e de repassar os ensinamentos religiosos, ele é considerado o guardião, aquele que é responsável em transmitir a palavra sagrada que deve ser preservada e repetida, sem traí-la nas suas originalidades. Assim, “o grupo é capaz, de repetir a tradição recebida do líder e transmiti-la de geração a geração”. (PASSOS, 2006, p. 54). A partir do momento que algumas pessoas passam a seguir determinado líder religioso e a se identificar com sua mensagem, surgem as religiões propriamente ditas. O líder geralmente apresenta algumas características que são de caráter: carismático, tradicional e racional. Ele pode possuir todas ou apenas uma destas características, ou ainda, a combinação delas.

¹⁹⁵ SEED-PR, 2013, p. 20

PARA SABER MAIS

01 – Quais são os sentimentos que líder religioso deve nutrir e escreva um breve texto informativo com as informações obtidas.

02 - Escolha um líder religioso que surgiu ao longo da história e pesquise a sua biografia e sua prática religiosa.

03 – Procure saber se próximo ao seu convívio existe um líder. Escreva as atitudes que demonstram ser ele um bom líder a serviço da humanidade.

TURMA	8º ANO DE ESCOLARIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL. Unidade Temática passível de serem trabalhadas em turmas do 1º ao 5º ano de Escolaridade de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC.
--------------	--

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Crenças religiosas e filosofias de vida	Crenças, convicções e atitudes Doutrinas religiosas Crenças, filosofias de vida e esfera pública Tradições religiosas, mídias e tecnologias

COMPONENTE CURRICULAR ENSINO RELIGIOSO	Interdisciplinaridade com as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática.
---	---

HABILIDADES¹⁹⁶

(EF08ER01) Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas.

(EF08ER02) Analisar filosofias de vida, manifestações e tradições religiosas destacando seus princípios éticos.

(EF08ER03) Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte.

¹⁹⁶ BRASIL, 2017, p. 457.

(EF08ER04) Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia).

(EF08ER05) Debater sobre as possibilidades e os limites da interferência das tradições religiosas na esfera pública.

(EF08ER06) Analisar práticas, projetos e políticas públicas que contribuem para a promoção da liberdade de pensamento, crenças e convicções.

(EF08ER07) Analisar as formas de uso das mídias e tecnologias pelas diferentes denominações religiosas.

CULMINÂNCIA

. Todas as propostas de atividade serão socializadas com os colegas da sala.

. Transformar as informações das pesquisas em material para ser divulgado nas redes sociais da escola e ambientes virtuais de aprendizagem. (*Padlet, WhatsApp, Facebook, Instagram, Messenger, o Google Meet, o Google Classroom, o Youtube e o Google Forms, Trello, WPensar, Miro, Vizia, Canva, Edpuzzle, Eduqo, Kahoot, Quizlet, EasyLMS, Mentimeter, TutorMundi*, dentre outras plataformas e ferramentas).

TEXTO¹⁹⁷

VIVENCIANDO OS RITOS

Helena Maria Geraldo Cécere

No nosso dia a dia muitas das nossas ações são repetidas, fazemos sempre do mesmo jeito e quando dizemos que realizar tal atividade é sagrado, como o exemplo anterior, é porque sagrado seria aquilo que é prazeroso, gostoso de realizar, significativo no nosso dia a dia. No entanto, existe outro tipo de sagrado, que é aquilo que está ligado às coisas divinas, à religião, ao culto, pois o que caracteriza religião é exatamente a presença do Sagrado (palavra que vem do latim *sacratu*, que se refere a algo que merece veneração ou respeito religioso por estar associado a coisas divinas).

A religião organiza o espaço e o tempo. Os adeptos das confissões religiosas precisam garantir que a ligação e a organização se mantenham e sejam ideais. Para suprir essa

¹⁹⁷ SEED-PR, 2013, p. 235.

necessidade, são elaborados os ritos. Os ritos de certo modo revivem os mitos, traz à lembrança algum episódio histórico, como, por exemplo, o ritual da missa, que rememora um tempo passado e vivido na época de Jesus, o seu sacrifício na cruz.

O rito vem da palavra latina *ritus*, que tem proximidade com *rta* (*rita*), palavra sânscrito-védica. O rito não é somente uma ação humana ou inventada por uma pessoa qualquer, é uma ação divina, uma imitação do que fizeram os Deuses.

Um rito religioso é repetitivo em dois sentidos: a cerimônia deve lembrar um acontecimento essencial da história sagrada e lugar, atos, gestos, palavras, objetos devem ser sempre os mesmos, porque foram, na primeira vez, consagrados pelo próprio Deus. Segundo Chauí (2004), “o rito é a rememoração perene (que não acaba) do que aconteceu na primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que exclui a distância entre o passado e o presente”.

Os tipos de ritos

Os ritos são classificados pelas finalidades, sendo ações. Tem a intenção de conseguir algo, um bem sagrado. Entre os ritos destacam-se os de passagem, os mortuários e os propiciatórios.

Ritos de passagem ou de iniciação: existem em todas as religiões. Fazem referência a momentos decisivos que o indivíduo não somente nasce, mas renasce ou se inicia em uma nova forma de ser e de agir. “Iniciar-se é morrer para voltar a nascer” (CROATTO, 2001, p. 360). De modo geral, os ritos de iniciação tentam expressar a passagem a uma nova forma de vida, religiosa e social. Os ritos de iniciação mais típicos são os ligados com a passagem à vida adulta, que indicam a capacidade de realizar as tarefas de adultos. Ritos de passagem são aqueles que marcam momentos especiais, onde mudanças significativas ocorrem na vida das pessoas. Os mais comuns são os ligados a nascimentos, a mortes, a casamentos e a formaturas.

Ritos mortuários: são ações simbólicas para significar a passagem desta vida para outro modo de ser. Os ritos mortuários estão presentes em todas as sociedades e mesmo que compreendidos de maneira diferente cumprem sua função nos diferentes grupos. A função do rito fúnebre é sempre a mesma: facilitar a passagem para a outra vida, pois todos os indivíduos sabem que a morte determina o fim da existência corporal. Na África, os antepassados permanecem como tutores dos vivos, assim o culto aos mortos é muito importante, pois é a reafirmação da imortalidade da Grande Família (os que já morreram, os vivos e os que nascerão).

Ritos propiciatórios: são aqueles que tornam propício, que tem a função de atrair ou readquirir o favor ou a boa vontade de um ser sobrenatural. É uma ação para agradecer essa

divindade, para aplacar a ira ou a justiça divina, para obter perdão da culpa entre outras. É a expiação pelas faltas cometidas.

Os ritos propiciatórios favorecem, propiciam algo. Podem ser de oferendas e expiatórios; influenciam uma divindade no sentido de se conseguir o que se pretende. O rito expiatório é um ato de purificação das influências perniciosas, dos pecados, que pode ser de pessoas ou de um lugar.

Rito e magia: os rituais sempre estão impregnados de certa qualidade mágica, mantida por meio da crença das pessoas. A magia faz parte da religião e também faz parte de outros rituais que mesmo desvinculados de uma instituição religiosa visam ao contato com poderes sobrenaturais.

Ritualização: são formas de que se dispõe para chegar na compreensão do mundo existente e para exercer sobre ele a sua dominação. Não existe vida social que não seja permeada por simbolizações e por ritualizações. A ritualização confere igualmente uma forma constante e reforçada do funcionamento da vida social. Toda encenação está ligada a uma perpetuação dos modos de fazer. Assim, o ritual religioso perpetua valores e crenças religiosas.

Rito e tabu: as religiões tornam sagrado, além do espaço e do tempo, as pessoas e os seres, bem como certos objetos que se tornam símbolos religiosos. Segundo a filósofa brasileira Marilena Chauí (2005), quando objetos e seres simbólicos passam a ser sagrados recai sobre eles a noção de tabu, que é uma palavra de origem polinésia que significa intocável, assim o objeto ou o ser se torna intocável pelo povo de modo geral e apenas a pessoa religiosamente autorizada para isto pode fazê-lo. Por exemplo: a hóstia consagrada só pode ser consumida no ritual, certos amuletos só podem ser tocados pelo seu dono, certos objetos de culto devem ser manipulados de acordo com certas regras e por pessoas especiais

Os ritos sagrado no Brasil

A cultura brasileira é ampla e diversificada pela miscigenação, que revela justamente a mistura das etnias e das culturas dos povos que constituem a nossa identidade. A religiosidade fazendo parte desse processo contribui para enriquecer nossa cultura por meio de seus rituais, danças e arte sagrada, entre outras formas.

Os povos indígenas

No Brasil, na época da chegada dos portugueses, em 1500, havia aproximadamente 5 milhões de indígenas. Hoje, segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (BRASIL, 2008),

a população indígena é constituída de 215 povos, distribuídos no território nacional, em mais de 3.000 aldeias, e são falantes de 180 línguas diferentes.

Ao longo da história do nosso país, esses povos passaram por uma série de dificuldades, atrocidades e tentativas de extermínio.

Estas populações indígenas vivem, hoje, um momento onde são muito mais conhecidos. Aparecem na mídia e no nosso cotidiano. Encontra-se em uma situação histórica de busca por maior reconhecimento de seus direitos e de seu modo de ser. Atualmente há uma série de dificuldades que precisam ser enfrentadas, como por exemplo, o preconceito que leva as pessoas a considerá-los, em geral, como selvagens, atrasados, entre outros. Esse preconceito está enraizado em nossa sociedade como fruto de um modo de pensar que se considera sempre como superior ao outro, ao diferente.

Este jeito de pensar é muito danoso, gerando guerras e violências de todos os tipos. Os povos indígenas constituem uma parcela significativa da nossa sociedade. Esses povos, como todos os outros, possuem seus ritos e seus rituais. Os rituais indígenas são celebrações que marcam a socialização de um indivíduo ou a passagem de um grupo de uma situação para outra. Como já vimos, os rituais estabelecem ligações entre o passado e o presente e entre humanos e divindades.

Os indígenas em seus rituais usam pintar o corpo e o rosto e utilizam de máscaras que representam Deuses e espíritos. O tambor é usado pelo curandeiro (líder religioso) no ritual de cura e também serve para proteger o ambiente.

Alguns rituais de iniciação indígenas que marcam o fim da infância e o começo da vida adulta fazem os jovens passarem por duras provas que muitas vezes chegam a sentir dor sem se queixar. Como no caso do Yanomame, perfura-se o lábio com um enfeite que o juvenzinho exibirá dali por diante com muito orgulho. Qualquer pessoa que o veja na aldeia saberá, imediatamente, que ele não é mais uma criança. Além dos rituais de iniciação, as sociedades indígenas têm vários outros tipos de cerimônias: ligadas ao nascimento, ao casamento ou à morte.

Na região Sul do Parque Nacional do Xingu, conhecida como Alto Xingu, pratica-se um ritual funerário conhecido como Kuarup, palavra que significa “tronco de árvore”. Os trocos distribuídos na aldeia no dia da festa representam os mortos.

Raízes africanas

Na primeira metade do século XVI, com a produção de açúcar, os negros são obrigados a trabalhar como escravos aqui no Brasil. Nesses anos os primeiros navios vindos da África,

chamados tumbeiros, trouxeram os africanos que deveriam forçadamente trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar e nos engenhos.

Esses africanos eram vendidos como mercadoria, de uma maneira completamente desumana. Vinham nos porões de navios, em condições horríveis. Além disso, sofriam proibição quanto a seus cultos, divindades, festas e rituais de origem africana.

Eram obrigados a converter-se a religião católica e falar a língua portuguesa, dentre outras. No entanto, mesmo com as imposições e proibições, não deixaram sua cultura morrer, pois realizavam seus rituais escondidos e camuflavam suas divindades com nomes de santos católicos a fim de enganar os seus cruéis dominadores.

Os negros escravizados reagiram a essa situação com revoltas nas fazendas. Muitos grupos de escravos refugiavam-se nas florestas formando os quilombos. Assim, “em precárias condições de vida, coube ao povo negro, em sua diversidade, criar estratégias para reverenciar seus ancestrais, proteger seus valores, manter e recriar vínculos com seu lastro histórico.” (BRASIL, 2006).

Se no início as manifestações culturais afro-brasileiras foram desprezadas e perseguidas, pois não era parte do universo cultural europeu, a partir do século XX, suas expressões culturais começaram gradativamente a serem aceitas, admiradas e celebradas pelas elites brasileiras, como é o exemplo do samba, uma forma de expressão artística genuinamente nacional.

Com o tempo outras formas de expressões foram surgindo, como os desfiles das escolas de samba, a capoeira, a diminuição da perseguição às religiões de matriz africana. Algumas religiões afro-brasileiras ainda mantêm quase que totalmente as suas raízes africanas, como o Candomblé e Xangô no Nordeste. Outras religiões formaram-se por meio do sincretismo religioso, como o Batuque, Xambá e Umbanda.

Os africanos trazendo suas crenças trouxeram o culto aos orixás. Os orixás são intermediários entre Oxalá (filho de Olorum e seu representante) e as pessoas.

Conheça alguns orixás, que são a personificação de forças da natureza:

- Xangô: orixá do trovão e do raio; suas cores são o vermelho e o branco.
- Ogum: orixá dos metais; suas cores são o azul-escuro e o branco.
- Iansã: é a divindade dos ventos e das tempestades; suas cores são o vermelho e o branco
- Iemanjá: é a divindade das águas salgadas; suas cores são azuis e brancas.

O ritual de iniciação no Candomblé é a feitura que representa o nascimento de uma nova vida, sendo a iniciação da pessoa ao culto dos orixás.

A feitura tem por início o recolhimento. Nestes dias de reclusão são realizados banhos de purificação, oferendas, rezas, dança, sendo o início do aprendizado da religião. Também é realizada a raspagem dos cabelos, a pintura do corpo e a pessoa recebe um novo nome. A reclusão termina com a festa pública do “Dia do nome”, em que a pessoa aparece manifestada pelo seu orixá.

Nos rituais do Candomblé são usados atabaques, agogôs, cabaças e chocalhos. Os atabaques são considerados essenciais para invocação dos orixás, seus ritmos levam o fiel para um tipo de transe que tem como função a transformação e o retorno ao tempo em que tudo teve origem.

Cada orixá tem músicas e danças específicas. Os movimentos e o ritmo narram e demonstram por meio de palavras e gestos as características de cada orixá.

A cerâmica também tem função no ritual do Candomblé, seu grau de valor é o poder simbólico que a comunidade confere àquele que o produziu, que geralmente são os pais e mães de santo. O modo como o concebe e executa é fundamental. A argila é escolhida pela sua pureza, algumas vezes mesclada com outros elementos para poder servir a determinados fins; as formas são concebidas pelos orixás e são confeccionadas em circunstâncias controladas e como ação cerimonial. Tudo é feito com reverência de ato sagrado. (SOUZA, 2011).

Os objetos

Os objetos para uso ritualístico se impregnam da dimensão do sagrado; trazem a força necessária ao exercício da corporificação das entidades sagradas; guardam uma significação que psicologicamente dá respaldo à crença de que o que foi pedido vai acontecer, é uma representação material do pedido. Entre esses objetos citamos: velas, pontos riscados, roupas, imagens, utensílios (cálices, bacias, entre outras).

No catolicismo, o cálice é consagrado pelo sacerdote, este ato destina-se a transformação do vinho no sangue de Jesus Cristo. Tem três partes: a copa (que deve ser dourada ao menos interiormente), o nó (que serve para segurá-lo) e o pé (para sustentá-lo). Os cristãos acreditam que Jesus teria utilizado um cálice em sua última ceia.

Ainda no catolicismo a estola é o símbolo do poder sacerdotal. É uma faixa vertical que desce do pescoço, acompanhando a cor litúrgica.

PARA SABER MAIS

- 1 – Liste algumas atividades que você realiza toda manhã.
- 2 - Às vezes ouvimos a expressão: “Isto para mim é sagrado”, referindo-se a tomar a um cafezinho depois do almoço. Faça uma lista do que você e sua família costumam dizer que é sagrado.
- 3 - Pesquise o que são rituais sagrados/tradição. (rituais de passagem, casamentos, fúnebres, rituais propiciatórios, rituais litúrgicos, como as missas, os cultos, as cerimônias no terreiro, na mesquita, dentre outros).
. Rituais da festa de Iemanjá, na Umbanda e no Candomblé/ A circuncisão, no Judaísmo/ O porquê dos muçulmanos orarem descalços e voltados para Meca na mesquita.
- 4 - Você já participou de algum ritual religioso? Se já, relate em seu caderno como foi. O que você sentiu?
- 5 - Classifique alguns objetos utilizados nos rituais sagrados.

TEXTO¹⁹⁸

A ORIGEM DA VIDA SEGUNDO ALGUMAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Borres Guilouski

Diná Raquel Daudt da Costa

Elói Corrêa dos Santos

Emerli Schlögl

Além das várias teorias científicas que procuram explicar a origem da vida, existem também as inúmeras afirmações das diversas tradições religiosas sobre o tema. Contudo, este tema continua sendo um grande mistério que instiga a mente dos cientistas, filósofos, religiosos e espiritualistas. Somos seres vivos, portanto, fazemos parte integrante da totalidade da vida existente na Terra. Algumas tradições religiosas asseguram que somos parte da grande vida que se espalha numa dimensão cósmica da existência, além do nosso planeta. A vida, essa força misteriosa, é que torna nossa casa planetária um lugar muito especial no Universo, ela renova ciclicamente a natureza revelando-nos sua beleza e perfeição. Todos nós seres humanos

¹⁹⁸ SEED-PR, 2013, p. 235.

devemos ter consciência e sermos responsáveis pela preservação e defesa da vida, porque dela fazemos parte.

A vida, sem dúvida, é o que existe de mais sagrado no Universo. Trata-se de uma temática inesgotável, há muito que pensar, refletir e conhecer sobre este assunto: sua origem, defesa, preservação, valorização, sacralidade, continuidade, sentido, finalidade, entre outras questões. Viver na Terra é uma grande aventura, um inestimável aprendizado. A vida é sem dúvida, a melhor escola, a melhor universidade que nos ensina pela experiência.

PARA SABER MAIS

1 - Faça uma pesquisa entrevistando três pessoas de diferentes religiões sobre a origem da vida. Antes, organize com os colegas um pequeno roteiro de pesquisa. Com os dados em mãos, escreva um texto relatando o que as pessoas responderam na entrevista. Leia o texto para os colegas da turma e comente.

2 - Após fazer a leitura do texto, escreva uma redação dialogando com seus pensamentos a partir do que você leu.

3 - Pesquise diferentes crenças ou mitos religiosos sobre a formação do Universo (um mito para cada matriz: indígena, africana, ocidental e oriental) e paralelamente pesquise teorias científicas sobre a origem do Universo e da vida.

4 - Pesquise em dicionário o significado das palavras:

Senso comum – Via Láctea – Palio – Cintila – Pranto – Big Bang –

Tresloucado – Universo

TURMA	9º ANO DE ESCOLARIDADE DO ENSINO FUNDAMENTAL. Unidade Temática passível de serem trabalhadas em turmas do 1º ao 5º ano de Escolaridade de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC.
--------------	--

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Crenças religiosas e filosofias de vida	Imanência e transcendência Vida e morte Princípios e valores éticos

--	--

COMPONENTE CURRICULAR ENSINO RELIGIOSO	Interdisciplinaridade com as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, História, Geografia e Matemática.
---	---

HABILIDADES¹⁹⁹

(EF09ER01) Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida.

(EF09ER02) Discutir as diferentes expressões de valorização e de desrespeito à vida, por meio da análise de matérias nas diferentes mídias.

(EF09ER03) Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes.

(EF09ER04) Identificar concepções de vida e morte em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, por meio da análise de diferentes ritos fúnebres.

(EF09ER05) Analisar as diferentes ideias de imortalidade elaboradas pelas tradições religiosas (ancestralidade, reencarnação, transmigração e ressurreição).

(EF09ER06) Reconhecer a coexistência como uma atitude ética de respeito à vida e à dignidade humana.

(EF09ER07) Identificar princípios éticos (familiares, religiosos e culturais) que possam alicerçar a construção de projetos de vida. (EF09ER08) Construir projetos de vida assentados em princípios e valores éticos.

CULMINÂNCIA

- . Todas as propostas de atividade serão socializadas com os colegas da sala.
- . Transformar as informações das pesquisas em material para ser divulgado nas redes sociais da escola e ambientes virtuais de aprendizagem. (*Padlet, WhatsApp, Facebook, Instagram, Messenger, o Google Meet, o Google Classroom, o Youtube e o Google Forms, Trello, WPensar, Miro, Vizia, Canva, Edpuzzle, Eduqo, Kahoot, Quizlet, EasyLMS, Mentimeter, TutorMundi*, dentre outras plataformas e ferramentas).

¹⁹⁹ BRASIL, 2017, p. 459.

TEXTO²⁰⁰**TEMPORALIDADE SAGRADA: TEMPO SAGRADO E TEMPO PROFANO**

Elói Corrêa dos Santos

É comum ouvirmos frases como: Dê tempo ao tempo! Só o tempo dirá!**O tempo é o melhor remédio!****Mas o que é o tempo?****Como o tempo é pensado nas organizações religiosas? Você sabe a diferença entre tempo sagrado e tempo profano?**

Você já parou para pensar sobre o que é o Tempo? Bem, é certo que podemos medir o tempo por meio de vários instrumentos, mas seria o tempo apenas uma ideia? E essa ideia apenas uma criação humana? Ao longo dessa unidade vamos procurar entender a importância do tempo Sagrado em algumas tradições religiosas.

Tempo sagrado

Para as religiões, ou para as pessoas religiosas existem diferenças entre o Tempo Sagrado e o Tempo Profano. Isso porque o tempo sagrado é tempo mítico, ou seja, primordial, o tempo da origem das coisas que se torna presente. Cada festa sagrada, cada tempo litúrgico consiste na atualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico²⁰¹.

O tempo sagrado, que é lembrado por meio de festas e rituais, é um tempo inicial, original, o qual não é relacionado com o passado histórico, pois nada veio antes dele. O tempo sagrado é o momento memorável da criação ou origem, o homem religioso procura nas festas e rituais religiosos atualizar o pacto da criação. A atualização do ritual do tempo primeiro é a base de todo calendário sagrado. Essa festa não é a comemoração de um evento mítico, mas a sua reatualização, visto que o tempo sagrado é o instante prodigioso em que uma realidade foi criada, em que ela se manifestou pela primeira vez, plenamente.²⁰² Por meio de seus rituais e celebrações as pessoas tentam uma volta a esse tempo original, de encontro total com o sagrado.

Assim, cada cultura possui uma maneira própria de explicar o tempo da criação como de reafirmar esse pacto entre as pessoas e os Deuses por meio de seus rituais e festas próprias

²⁰⁰ SEED-PR, 2013, p. 170.

²⁰¹ ELIADE, 1992, p. 63.

²⁰² ELIADE, 1992, p. 73.

de sua cultura. Mas também existe a concepção linear e progressiva de tempo (oposta à repetição cíclica que é típica das religiões orientalistas), que é própria das chamadas religiões históricas - Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, e que afirmam a intervenção de Deus na história, num acontecimento único, tendo como objetivo a salvação.

Um exemplo da temporalidade sagrada é a comemoração de fim de ano. Muito comum na maioria das tradições culturais e religiosas, também é a reatualização da origem do mundo e do universo (*kosmos*).

Participando ritualmente do fim do mundo e de sua recriação, o homem torna-se contemporâneo do *illud tempus* (tempo de agora e de sempre), portanto, nasce de novo, recomeça sua existência com a reserva de forças intacta, tal como no momento de seu nascimento.²⁰³

PARA SABER MAIS

- 1 - Faça uma pesquisa sobre as festas de fim de ano de algumas tradições religiosas, confeccionando cartazes para apresentar o resultado de sua pesquisa.
- 2 - Como você utiliza seu tempo? Organize suas atividades diárias por horas tendo como referência 24 horas.
- 3 - Pesquise a:
 - . Temporalidade indígena, judaica, budista, outra que achar interessante.
- 4 - Pesquise e leia as poesias: Cortar o tempo de Carlos Drummond de Andrade, O tempo de Paulo Esdras e Ah! Os relógios de Mário Quintana e escreva um poema sobre o Tempo Sagrado.

TEXTO²⁰⁴

A ORIGEM DA VIDA SEGUNDO ALGUMAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Borres Guilouski

Diná Raquel Daudt da Costa

Elói Corrêa dos Santos

Emerli Schlögl

Além das várias teorias científicas que procuram explicar a origem da vida, existem também as inúmeras afirmações das diversas tradições religiosas sobre o tema. Contudo, este

²⁰³ ELIADE, 1992, p. 73.

²⁰⁴ SEED-PR, 2013, p. 235.

tema continua sendo um grande mistério que instiga a mente dos cientistas, filósofos, religiosos e espiritualistas. Somos seres vivos, portanto, fazemos parte integrante da totalidade da vida existente na Terra. Algumas tradições religiosas asseguram que somos parte da grande vida que se espalha numa dimensão cósmica da existência, além do nosso planeta. A vida, essa força misteriosa, é que torna nossa casa planetária um lugar muito especial no Universo, ela renova ciclicamente a natureza revelando-nos sua beleza e perfeição. Todos nós seres humanos devemos ter consciência e sermos responsáveis pela preservação e defesa da vida, porque dela fazemos parte.

A vida, sem dúvida, é o que existe de mais sagrado no Universo. Trata-se de uma temática inesgotável, há muito que pensar, refletir e conhecer sobre este assunto: sua origem, defesa, preservação, valorização, sacralidade, continuidade, sentido, finalidade, entre outras questões. Viver na Terra é uma grande aventura, um inestimável aprendizado. A vida é sem dúvida, a melhor escola, a melhor universidade que nos ensina pela experiência.

PARA SABER MAIS

- 1 - Faça uma pesquisa entrevistando três pessoas de diferentes religiões sobre a origem da vida. Organize com os colegas um pequeno roteiro de pesquisa. Com os dados em mãos, escreva um texto relatando o que as pessoas responderam na entrevista. Leia o texto para os colegas da turma e comente.
- 2 - Após fazer a leitura do texto, escreva uma redação dialogando com seus pensamentos a partir do que você leu.
- 3 - Pesquise diferentes crenças ou mitos religiosos sobre a formação do Universo (um mito para cada matriz: indígena, africana, ocidental e oriental) e paralelamente pesquise teorias científicas sobre a origem do Universo e da vida.
- 4 - Pesquise em dicionário o significado das palavras: Senso comum – Via Láctea – Palio – Cintila – Pranto – Big Bang – Tresloucado – Universo

TEXTO²⁰⁵**AS DIVERSAS FORMAS DE VER A MORTE**

Evandro Carlos de Rezende

A morte é uma realidade humana e para lidar com ela de maneira equilibrada é necessário haver maturidade e esperança de que morrer nem sempre é o fim. Assim, não é somente a morte que nos leva ao sentimento de perda, enlutamos diante de pequenas coisas em nossas vidas, como, por exemplo, o desmame, a aposentadoria, a amputação de um membro, o aborto. Há também o luto coletivo, seja por morte de ídolos ou até mesmo pela violência, que vem deixando os cidadãos cada vez mais entristecidos.

Podemos dizer que o luto é um sentimento natural de dor pela perda de pessoas que tiveram uma importância central em nossas vidas. Apesar da crise que provoca, o luto não é uma doença e não deve ser confundido com depressão ou melancolia. O que podemos ver nas sociedades atuais, centrada no bem estar social, é a tentativa de evitar o contato com a morte nas suas diversas formas, ou ainda a tentativa de amenizar a dor. Para isso, fazem maquiagem nas pessoas que faleceram, muitos túmulos têm forma de pequenas casas, os cemitérios são jardins, dentre outras características.

A morte é a única certeza que temos, e ignora todas as condições sociais e religiosas nivelando ao mesmo destino: o fim da vida terrena. No entanto, em nossa cultura não a incorporamos como parte de nossas vidas, e nos acostumamos, muitas vezes, a ouvir alguns ditos populares em funerais que justificam a morte, como, por exemplo: “essa pessoa era tão boa, mas foi Deus quem quis assim”.

Todos morrem, contudo, a duração da vida e as modalidades dos rituais fúnebres são diferentes segundo as classes sociais e cultura a que pertencem os mortos.

PARA SABER MAIS

1 - Em algumas revistas em quadrinhos são criados alguns personagens referentes à morte, com o intuito de familiarizar as crianças com uma realidade da existência que muitos procuram esquecer, mas da qual ninguém pode fugir. Geralmente a morte é desenhada com túnica preta com capuz e carrega em sua mão uma foice. Se você fosse um desenhista profissional e tivesse

²⁰⁵ SEED-PR, 2013, p. 235.

que criar um novo personagem para representar a morte, como seria? Crie este personagem e lhe dê um nome!

2 - Em algumas religiões a água e o fogo são símbolos para celebrar momentos importantes na vida das pessoas. Faça desenhos mostrando como a água, o fogo e outros elementos da natureza são usados em cerimônias religiosas de vida e morte.

3 - Pesquise teorias científicas sobre o surgimento da vida na terra.

4 - Procure na internet a representação dos Deuses Horus, Thot, Anubis e Bastet e escolha um para elaborar um cartaz.

5 - Pesquise sobre os costumes funerários dos egípcios, como eram feitos os processos de mumificação.

6 - Qual era a utilidade das pirâmides?

TEXTO²⁰⁶

AS DIVERSAS FORMAS DE ENTENDER A VIDA E MORTE

Angelica Scariot

Lucia Alma Muller

As questões relacionadas à vida e à morte fazem parte do nosso cotidiano. Neste sentido, as diferentes religiões procuram explicar e auxiliar na compreensão da vida e morte. De pergunta em pergunta, de geração em geração, vamos “desconfiando” de que existe algo além do que percebemos com os nossos sentidos, por este motivo o ser humano busca explicações para a própria existência.

A busca da sabedoria de bem viver existe em todos os povos, ela faz parte também das tradições religiosas.

Algumas pessoas costumam dizer: “Para tudo se dá jeito, menos para a morte!”, mas se analisarmos o que as religiões ensinam, a afirmação anterior não é assim tão verdadeira, pois, segundo as religiões, a morte tem solução.

Existem os que acreditam e pregam a reencarnação, a ressurreição, a transmigração de almas e a ancestralidade. Assim, a morte tem jeito sim, com a existência que continua numa nova vida material ou apenas espiritual.

²⁰⁶ SEED-PR, 2013, p. 235.

PARA SABER MAIS

- 1 - Pesquise o que é reencarnação, ressurreição, ancestralidade e niilismo.
- 2 - No Filme “O Alto da Compadecida”, onde o personagem João Grilo morre e vai para o céu, em seguida é julgado por Deus pelas suas atitudes, o mesmo relata a questão da existência do céu e do inferno, Sobre qual religião o filme está falando? Que característica desta religião o filme apresentou?

Os rituais de enterro

A compreensão da morte, acompanhada pelos ritos funerários, é a organizadora da sociedade, sendo ela um grande marco da cultura. Para Eliade (1992) somente pela realização do enterro e da cerimônia funerária a morte é confirmada e conduzida a pessoa à sua nova morada. Isto se confirma quando se ouve os parentes das vítimas dos grandes acidentes dizerem: “queremos dar um enterro digno a ele...” É comum assistir pessoas colocando flores, cruzes ou outros símbolos em locais de acidentes; fazer um minuto de silêncio antes de algum evento; participar de um velório e prestar o conforto aos enlutados.

Entre os índios Kaingang, quando morre alguém, o chefe recita um texto ininteligível, em seguida, três homens levam o corpo ao cemitério e, em algumas paradas, talham nas árvores um sinal, isto para que a alma dele não volte à aldeia. Nos meses de abril e junho, eles fazem a festa para que “o morto se vá embora”. Na festa, com fogueiras e danças, é servida a bebida “Kiki”, um tipo de cachaça, que resulta da fermentação do açúcar, milho verde mascado e água, preparada num cocho de araucária.

Em Madagascar, na África, o costume é enterrar os mortos envoltos em tecidos sagrados, que chamam de “lambahoana”. Cada parente traz um tecido, quanto mais tecidos, mais rica a família. O caixão é apenas usado para transportar o morto da casa até à igreja e desta até o túmulo, e é um único para todos os fiéis. Depois do enterro o caixão fica guardado em um local reservado na igreja. O velório dura vários dias, se a pessoa falecida é nova, a carne servida para a alimentação é sem sal, mas se a pessoa já é de idade, bem vivida, a carne servida é bem temperada.

Em Madagascar a festa de dias dos mortos é chamada de “famadihana”, quando, a cada sete anos, eles abrem os túmulos e as famílias retiram seus mortos e colocam novos tecidos, recolocando os mortos em outras posições, pois acredita que os mortos se cansam de repousar no mesmo lado. A cerimônia acontece com dança, cantos, músicas e comidas para todos os participantes. METAMORFOSE DIGITAL (Adaptado).

PARA SABER MAIS

- 1 - Faça uma pesquisa sobre rituais fúnebres e elabore cartaz com a visão de cada tradição religiosa.
- 2 – Pesquise a visão religiosa sobre a morte na tradição religiosa indígena e depois escreva um texto informativo.

